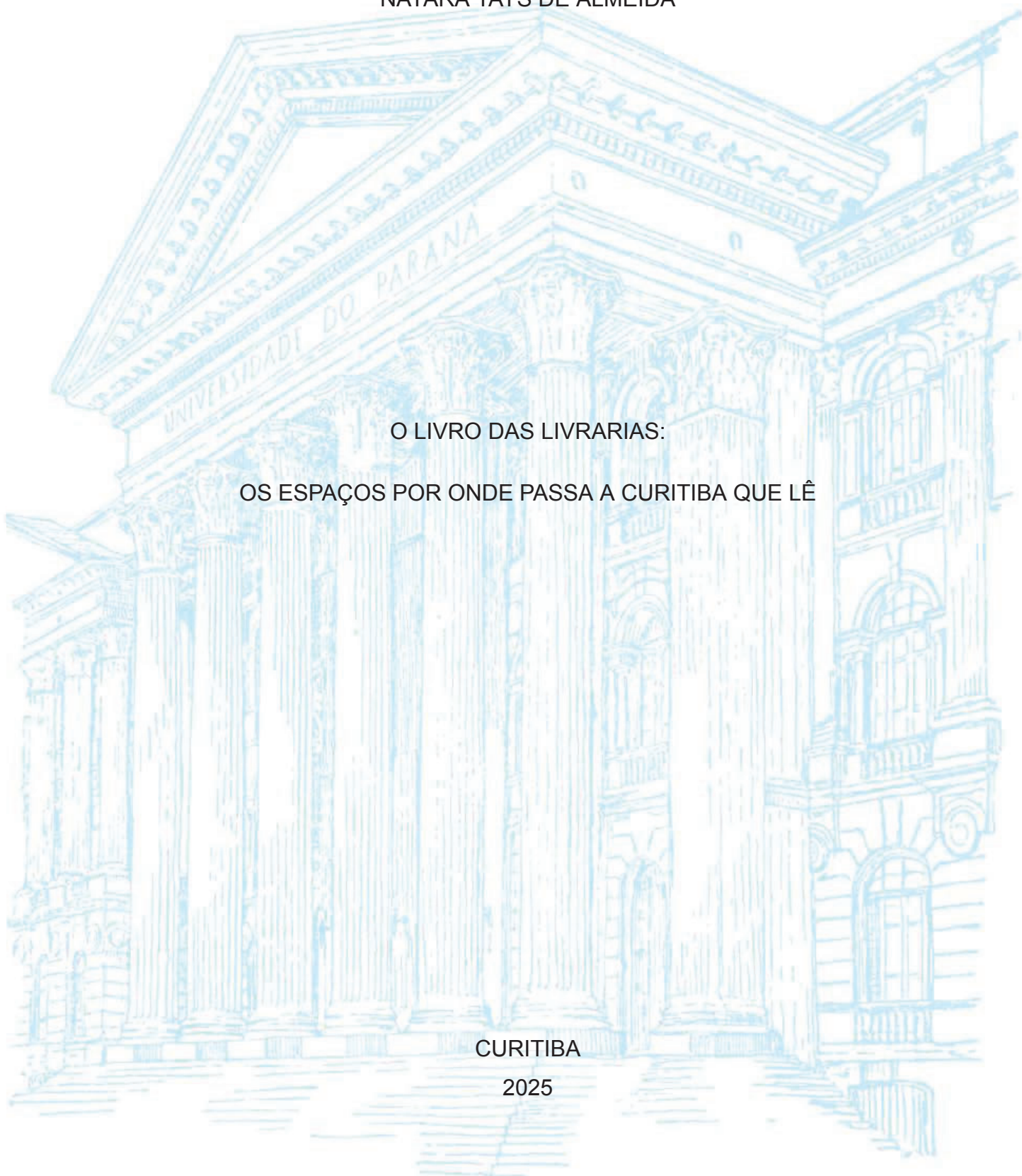


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NAYARA TAYS DE ALMEIDA

O LIVRO DAS LIVRARIAS:
OS ESPAÇOS POR ONDE PASSA A CURITIBA QUE LÊ

CURITIBA
2025



NAYARA TAYS DE ALMEIDA

O LIVRO DAS LIVRARIAS:

OS ESPAÇOS POR ONDE PASSA A CURITIBA QUE LÊ

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná (Sacod UFPR).

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Fernandes

CURITIBA

2025

RESUMO

As livrarias ocupam um aspecto simbólico no imaginário popular, sendo vistas como espaços que concentram conhecimento e histórias. Desempenham papel relevante no incentivo à leitura e conexão dos leitores. No entanto, o sucesso da prática de varejo de livros pela internet, impulsionado pela tecnologia, e o surgimento de livrarias físicas diversificadas que combinam café, livros e espaços de convivência, têm alterado a interação entre leitores e esses espaços. A presente pesquisa visa investigar o papel das lojas físicas na experiência do consumidor de livros, em Curitiba (PR), sob o aspecto da construção e preservação da identidade cultural da cidade, atuando como espaços de memória e resistência do negócio livreiro. O trabalho resgata o panorama da leitura brasileira, com foco no contexto curitibano, examinando o surgimento de livrarias do século XIX e XX. Para abordar essas questões, propõe a produção de um livro-reportagem que identifica o desaparecimento, permanência e criação desses pontos de venda e convivência literária, essenciais para a preservação da leitura e distribuição do livro.

Palavras-chave: Jornalismo literário; Livrarias; Livreiros; Curitiba (PR); Memória cultural.

ABSTRACT

The bookstores have a symbolic aspect in the popular imagination, being seen as spaces that concentrate knowledge and stories. It has an important role in inducement reading and connecting readers. Therefore, the internet retail model, impulsed by technology and the new model of bookstores that mix coffee, books, and community spaces, changed the interaction between readers and these spaces. This research aims to investigate the role of physical bookstores in the book consumer experience in Curitiba (PR), from the perspective of building and preserving the city's cultural identity, functioning as spaces of memory and resistance to the book business. The work revisits the broader landscape of reading in Brazil, with an emphasis on the local context of Curitiba, exploring the emergence of bookstores from the 19th and 20th centuries. To approach these issues, the work proposes the production of a book-report that looks at the disappearance, permanence, and birth of these literary locations that are so important for the preservation of book distribution.

Keywords: Literary journalism; Bookstores; Booksellers; Curitiba (PR); Cultural memory.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Armazenamento de livros no século XV.....	17
Figura 2 - A geografia do livro por Febvre e Martin.....	19
Figura 3 - Ciclo do livro por Robert Darnton (2010).....	25
Figura 4 - Livraria Bertrand.....	27
Figura 5 - Desenho da obra Marília de Dirceu.....	31
Figura 6 - Rua dos Pescadores no Rio de Janeiro.....	33
Figura 7 - Rua Direita no Rio de Janeiro.....	34
Figura 8 - Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro.....	36
Figura 9 - Livraria Teixeira.....	39
Figura 10 - Bilhete José Olympio.....	40
Figura 11 - Notícia “A Cada da ‘Casa’”.....	41
Figura 12 - Periódico Dezenove de Dezembro, publicado em 1.º de abril de 1854... 52	52
Figura 13 - Rótulo erva-mate Ardilla.....	53
Figura 14 - Primeiro livro publicado no Paraná.....	54
Figura 15 - Rótulo de erva mate Linsingen.....	55
Figura 16 - Livraria da Imprensa Paranaense.....	56
Figura 17 - Luis Antonio da Silva Coelho.....	57
Figura 18 - Selo Livraria Econômica.....	58
Figura 19 - Nota fiscal da Livraria Econômica.....	58
Figura 20 - Oficina da Livraria Econômica.....	59
Figura 21 - Matéria Gazeta do Povo sobre a Livraria Econômica.....	60
Figura 22 - Typographia Paraense em 1922.....	61
Figura 23 - Nota fiscal da Livraria Contemporânea.....	62
Figura 24 - Nota fiscal Atelier Novo Mundo.....	62
Figura 25 - Café Belas Artes.....	65
Figura 26 - Livraria Telaranha em Curitiba.....	71
Figura 27 - Curadoria de livros na Livraria Telaranha.....	73
Figura 28 - Livraria Arte & Letra em Curitiba.....	74
Figura 29 - Interior da livraria Arte & Letra.....	75
Figura 30 - Visita a Casa da Memória.....	86
Figura 31 - Moodboard do projeto gráfico - Parte 1.....	89
Figura 32 - Moodboard do projeto gráfico - Parte 2.....	89
Figura 33 - Capa O livro das livrarias.....	90
Figura 34 - Capa O livro das livrarias.....	90
Figura 35 - Filme A Livraria (2017).....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento de estudos sobre livrarias.....	11
Tabela 2 - 5.º Anuário Nacional de Livrarias.....	44
Tabela 3 - Leitores no Brasil.....	45
Tabela 4 - Mapeamento de leitores desde 2007.....	46
Tabela 5 - Leitores por região no Brasil.....	47
Tabela 6 - Mapeamento de livrarias em Curitiba.....	76

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O LIVRO SE MATERIALIZA.....	16
2.1 OS LIVROS PROIBIDOS.....	20
2.2 O LIVRO SOB O FOGO DA REVOLUÇÃO.....	22
2.3 O CICLO DO LIVRO.....	23
2.3.1 As livrarias como mapa mundi.....	28
3. “REVOLUÇÃO DA LEITURA” NO BRASIL.....	30
3.1 DE PORTUGAL AO BRASIL.....	30
3.2 LIVREIROS-EDITORES.....	34
3.3 IMPRESSOS SEDICIOSOS E EDITORAS DE OPOSIÇÃO.....	39
3.4 UM PAÍS DE LEITORES NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.....	43
4 UM OLHAR EM CURITIBA.....	49
4.1 UMA CIDADE PROVINCIANA.....	49
4.2 RUA XV DE NOVEMBRO.....	61
4.2.1 Livraria Ghignone.....	63
4.2.2 Café Belas Artes.....	64
4.3 NOVO CENÁRIO NO MERCADO EDITORIAL.....	66
4.3.1 O modelo de megastores: Livrarias Curitiba.....	67
4.3.2 A chegada da Amazon.....	69
4.3.3 Livrarias de bairro: Arte & Letra e Telaranha.....	70
4.4 MAPEAMENTO DE LIVRARIAS EM CURITIBA.....	75
5. A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA ALÉM DO CARÁTER INFORMATIVO.....	80
5.1 JORNALISMO LITERÁRIO.....	80
5.2 LIVRO-REPORTAGEM: UMA GRANDE REPORTAGEM.....	83
6. O LIVRO DAS LIVRARIAS: OS ESPAÇOS POR ONDE PASSA A CURITIBA QUE LÊ.....	85
6.1 MÉTODOS ESPECÍFICOS.....	85
6.2 MATERIAIS QUE INSPIRARAM.....	88
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE 1 – ENTREVISTA LEILAH SANTIAGO BUFREM.....	106
APÊNDICE 2 – ENTREVISTA JOÃO VARELLA.....	110

1. INTRODUÇÃO

Uma loja parece-nos uma verdadeira câmara mágica: nesse instante em que o transeunte cruza a soleira da porta que todo mundo pode abrir, em que ele penetra nesse lugar impessoal, assim parece, nada desnatura o ar de seu rosto, o tom de suas palavras; ele realiza com um sentimento de inteira liberdade um ato que julga sem consequências imprevistas [...] (Monnier, 2017, p. 13).

O trecho acima é de Adrienne Monnier, fundadora da livraria La Maison des Amis des Livres – em tradução livre “A Casa dos Amigos dos Livros” –, que funcionou entre 1915 a 1951, na rua Odéon, em Paris. Na mesma rua funcionava a livraria Shakespeare and Company, inaugurada por Sylvia Beach, em 1919, inicialmente em outro endereço, mas transferida três anos depois para a rua Odéon. Ao longo dos séculos, livrarias como La Maison des Amis des Livres e Shakespeare and Company ganharam o imaginário popular, não apenas na França, mas em diversos outros países, concentrando espaços de conhecimento, histórias e leitores.

Beach e Monnier eram livreiras, isto é, agentes que promoviam a divulgação e a circulação comercial do livro. No cenário atual, o pesquisador Carlos Alexandro de Carvalho Souza (2022, p. 26-27) define o livreiro como “um agente que ocupa um espaço específico na oferta varejista de bens e serviços editoriais”.

Os livreiros são parte da cadeia de distribuição do livro até a obra chegar ao leitor, sendo o último elo no processo de distribuição. Robert Darnton (2010) propõe, em seu modelo do “ciclo do livro”, um circuito composto por autor, editor (em alguns momentos pelo livreiro), impressor, distribuidor, livreiro e leitor, seguindo para o início. Embora o editor possa assumir o papel do livreiro, como um distribuidor de livros, no entanto o livreiro é um agente “medular”¹ na circulação de livros, aquele que dá à luz e publica as obras.

Aníbal Bragança (2002) aponta que os modos de ser e fazer do editor envolvem diferentes papéis: “o impressor-editor, o livreiro-editor e o editor, simplesmente” (Bragança, 2002, p. 3). Esses papéis se misturam desde o século XV, na Europa, e continuam a se sobrepôr a essas funções no Brasil, a partir da circulação do livro com a chegada da família real no século XIX até os dias atuais.

¹ Coutinho (2024) descreve os livreiros como agentes medulares na circulação dos livros, participando ativamente e desempenhando papel central no ofício livreiro. Esses profissionais atuam como mediadores e indexadores.

No mercado independente de livrarias é ainda mais comum que o mesmo agente atue simultaneamente em diferentes funções.

No contexto histórico, o livreiro ou mascate – um mercador ambulante que circula pelas cidades sem um local fixo – desempenham papel central para a difusão do livro. Os livreiros, de acordo com Darnton (2010), são classificados como atacadistas, varejistas, mascates, encadernadores, entre outros. Sendo um intermediário nesse ciclo, o livreiro atua tanto na disseminação dos livros quanto, atualmente, na curadoria e na troca cultural com os leitores.

“Precisamos de mais trabalhos sobre o livreiro como agente cultural, o intermediário que mediava oferta e demanda em seu principal ponto de contato” (Darnton, 2010, p. 213). No ciclo do livro, o autor aponta o desconhecimento sobre a trajetória dos exemplares a caminho dos estabelecimentos de venda, uma zona obscura nos estudos históricos. Embora tenham desempenhado papéis fundamentais, esses agentes são tratados apenas como comerciantes, não como mediadores culturais. Essa lacuna decorre, em grande parte, da escassez de documentação sobre pequenos livreiros e práticas comerciais pouco registradas.

No Brasil, a construção de uma rede livreira caminhou lentamente e foi atravessada por diversos fatores, da proibição imposta por Portugal até a criação da Imprensa Régia. Ainda assim, a distribuição de livros permaneceu, por muito tempo, dependente da importação, especialmente de países europeus.

Dados dos últimos cinco anos mostram um cenário desafiador. Somente 16% dos brasileiros compraram um livro entre 2022 e 2023, segundo o *Panorama do Consumo de Livros*, realizado pela Câmara Brasileira do Livro e da Nielsen BookData. Já a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo instituto Pró-Livro (2025), mostra que cerca de 47% dos brasileiros são leitores, ou seja, pessoas que leram um livro inteiro ou partes nos últimos três meses. Esse número apresenta uma redução de 5% em relação à última pesquisa, no ano de 2018.

O mercado editorial brasileiro enfrenta grandes desafios, que englobam também as oscilações econômicas dos últimos anos. Por exemplo, o aumento de 7% no preço médio do livro em 2023, de acordo com a Câmara Brasileira do Livro e da Nielsen BookData. Para competir com o mercado de livros digitais e com os preços praticados por grupos como a Amazon e as grandes redes de livrarias, as estratégias das livrarias menores de rua são apostar em outros setores como a instalação de cafés e venda de outros artigos, além da tradicional papelaria.

Nesse cenário, destaca-se o papel dos livreiros como curadores. Curitiba contava com 55 livrarias², em 2023. Dentre essas lojas, a Arte & Letra, fundada em 2006, estabelece um selo editorial próprio e livraria, priorizando a experiência de leitura.

A premissa que um “mapa de memórias” está sendo construído por livrarias e livreiros curitibanos, a partir do conceito com mesmo nome do historiador Jorge Carrión, como espaços para a preservação da identidade cultural da cidade, e de memória e resistência, desde o século XIX, quando surgiram as primeiras livrarias na cidade.

Para ter acesso à ordem cartográfica de toda livraria, a essa representação do mundo - dos muitos mundos que chamamos mundo - que tem muito de mapa, a essa esfera de liberdade em que o tempo vai se tornando escasso e o turismo se torna outro tipo de leitura, não é preciso ter passaporte (Carrión, 2018, p. 30).

Sob o ponto de vista pessoal, cada leitor constrói seu próprio passaporte conforme explora os locais literários da cidade, ainda que sua iniciação na leitura não seja em uma livraria, seu caminho se cruza com um desses espaços em algum momento. Para montar esse mapa, é necessário resgatar o panorama de espaços literários em uma cidade como Curitiba.

O título da obra, *O livro das Livrarias: os espaços por onde passa a Curitiba que lê*, surgiu de forma espontânea a partir do processo de produção do livro e de um brainstorm com o orientador da pesquisa. Em vista a carga simbólica, por se tratar de um livro sobre livrarias, e a partir delas, o título e subtítulo se complementam, formando um convite ao leitor: conhecer Curitiba por meio dos espaços que ajudam em sua construção.

Esse significado ainda ecoa na atualidade. Hoje, às livrarias independentes Arte & Letra, Telaranha, Vertov, entre outras, em Curitiba, perpetuam o significado, ao fortalecerem a comunidade literária e o fazem com próprio selo editorial. A Arte & Letra, por exemplo, conta com um laboratório de produção artesanal, dedicando-se a cada exemplar. Portanto, a frase é uma metáfora que se mantém atual, uma vez que, trata-se de um livro que aborda as livrarias.

² ANL – Associação Nacional de Livrarias. **Solicitação de dados sobre livrarias no Brasil e em Curitiba**. Destinatários: Imprensa ANL. São Paulo, 22 abr. 2025. 1 mensagem eletrônica.

Diante disso, considerando o papel central dos livreiros na bibliodiversidade e a lacuna histórica sobre esses agentes, o **objetivo central** deste Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo é produzir um livro-reportagem que construa um mapa de memórias das livrarias da cidade, por meio de um percurso descritivo pelos espaços literários de Curitiba, essenciais para a preservação da memória cultural e da permanência do livro físico.

Este objetivo geral deve ser atingido, por meio dos seguintes *objetivos específicos*:

1. Mapear o panorama de livrarias em Curitiba, desde o século XIX.
2. Investigar a relação entre leitores, livros e livreiros, compreendendo como essa interação contribui para a construção de uma afetividade com os livros.
3. Compreender como as práticas e narrativas dos livreiros curitibanos moldam e fortalecem a identidade cultural local e do leitor curitibano.
4. Analisar o fechamento de livrarias, a alteração do modelo de venda de livros, mas, sobretudo, a permanência de tradições literárias na cidade, como a preservação nas livrarias de rua e a abertura de novas lojas.

A narrativa do livro-reportagem será construída a partir dos recursos do jornalismo literário e da grande reportagem, que permitem maior aprofundamento e promovem uma aproximação entre a abordagem factual e a literária. O jornalismo literário, além de relatar as informações, emprega técnicas literárias para o embasamento dos fatos (Castro, 2010; Lima, 2009; Conceição, 2020).

Para isso, a elaboração deste trabalho contou com pesquisa bibliográfica e pesquisa documental na parte teórica, com o mapeamento das livrarias de Curitiba, desde o século XIX, e com a realização de entrevistas para a estruturação do livro-reportagem.

A produção acadêmica que trata do mapeamento de livrarias e o surgimento das atividades tipográficas em Curitiba ainda é reduzida, principalmente no contexto do Paraná. Para esta etapa, foi realizada pesquisa de estado da arte (Ferreira, 2002), com caráter bibliográfico, em três bases, sendo elas: o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; o motor de busca especializada Google Acadêmico; e a plataforma de banco de dados Web of Science. Ao inserir na barra de pesquisa ("livrarias" OU "livreiros") E ("Curitiba" OU "Paraná") E ("leitores" OU "clientes" OU

“consumidor”) nos títulos, resumos e palavras-chaves foram encontrados, respectivamente, 185 na primeira plataforma, 738 na segunda e 111 na terceira.

Realizou-se uma triagem entre os resultados, por meio da análise dos títulos de 34 trabalhos, considerando como critério inicial a presença de termos-chaves relacionados à distribuição do livro, livrarias e memória cultural. Em seguida, foram excluídos aqueles cujos títulos e resumos não apontaram relação com a temática da cultura do livro e das livrarias como espaços de leitura e memória. Após as exclusões necessárias, restaram 18 trabalhos no total, de acordo com a **Tabela 1**.

Tabela 1 - Levantamento de estudos sobre livrarias

TÍTULO	AUTORES	ANO	ESTUDO	ASSUNTO
A Sedução da Leitura: Livros, Leitores e História Cultural (Paraná 1880-1930)	DENIPOTI, C.	1998	Tese de doutorado	Estudo examina a cultura da leitura no estado do Paraná entre 1880 e 1930. Tem foco na circulação de livros, perfil dos leitores e desenvolvimento da história cultural.
As letras da cidade ou quando a literatura inventa o urbano – leitura e sensibilidade moderna na Curitiba da Primeira República	GRUNER, C.	2010	Artigo	Analisa as transformações socioculturais em Curitiba, destacando o papel da leitura e da literatura na construção de uma cidade em processo de modernização.
Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos	FERREIRA, T. M.	2011	Artigo	Estuda o surgimento de livrarias, tipografias e editoras na cidade do Rio de Janeiro, na Imprensa Régia, em 1808, e seu papel na consolidação do mercado livreiro e da cultura impressa no Brasil.
Megastore: a sociologia de uma empresa cultural	SOUZA, C. A. C.	2016	Dissertação de mestrado	A dissertação tem como objetivo compreender as transformações no mercado varejista de livros no Brasil, com foco na Livraria Leitura do Parque Shopping Maceió.
Livrarias como espaços públicos: um estudo de caso sobre as livrarias Saraiva, Cultura e Travessa	MARANHÃO, T. L.	2017	Monografia	A monografia aborda as livrarias como espaços públicos de cultura e lazer, com objeto de estudo os casos das livrarias Saraiva, Cultura e Travessa, na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa utiliza observação e entrevistas

				estruturadas para analisar essas questões.
À venda em todas as bancas: relação entre produção e circulação de livros colecionáveis comercializados pela Editora Abril na década de 1970	NOGUEIRA, W. A.	2018	Tese de doutorado	Este trabalho trata sobre a relação entre a produção e a circulação de livros de literatura clássica pela Editora Abril, analisando o surgimento da editora, suas estratégias de publicidade e distribuição editorial, com destaque para a comercialização em bancas de jornal.
Lombada a desbotar pela luz: O livro como cartografia de afetos	TANAKA, B.	2018	Produto monográfico	Para a construção de um livro-reportagem, o trabalho investiga a materialidade do livro, propondo-o como guardião da memória. A pesquisa explora os vestígios deixados por leitores, como dedicatórias, anotações, rabiscos e objetos esquecidos entre as páginas, que compõem uma "cartografia de afetos". Reunindo, na obra, histórias de leitores, escritores e artesãos, bem como suas relações afetivas com os livros.
As transformações da era digital e o impacto na economia da cultura do livro	POZZER, M. R. O.; CUNHA, C. P.	2020	Artigo	O artigo discute as transformações no mercado editorial a partir das novas tecnologias, com foco nos impactos na produção, circulação e consumo do livro.
A construção da imagem literária curitibana entre os séculos XIX/XX: espelho e lente das tendências estéticas francesas	SIQUEIRA, V.	2020	Dissertação de mestrado	Estudo analisa algumas produções literárias de escritores paranaenses que contribuíram para a construção de uma identidade literária curitibana entre os séculos XIX e XX.
O design de livro das editoras independentes paulistanas	MATTAR, L. L.	2020	Dissertação de mestrado	Examina a criação e a cadeia produtiva do mercado editorial no contexto das editoras independentes de São Paulo, que renovam a experiência do livro físico. Analisa 28 projetos gráficos de livros impressos por sete editoras.

A Editora Guairá no mercado editorial brasileiro (1939-1961)	REFULIA, R.	2020	Dissertação de mestrado	A dissertação propõe um estudo sobre duas coleções publicadas pela Editora Guairá Ltda., de Curitiba, na década de 1940. Com isso, examina o funcionamento da editora e sua inserção no mercado editorial brasileiro.
Livros, leitura e cidadania: cartografia cultural de uma cidade	SOUZA, E. G.; BLANCO, L. S.; BRASIL, G. A. L.	2020	Artigo	Esta investigação aborda a relação entre espaço, leitura, informação e cidadania na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, por meio do mapeamento das editoras, livrarias e bibliotecas distribuídas pelas cinco regiões do município.
Livrarias e livreiros na ditadura militar brasileira (1964-1985)	MOLLO, L. T.	2022	Tese de doutorado	Trabalho reúne o percurso de seis livrarias e livreiros marcados pela ditadura militar brasileira, entre 1964 e 1985, destacando como espaços de resistência cultural e enfrentamento ao regime ditatorial.
Gibiografias : perfis de gente que fez dos quadrinhos um modo de vida	MAGALHÃES, E.	2022	Produto monográfico	Livro-reportagem que retrata o cenário dos quadrinhos em Curitiba por meio de perfis de 12 personagens ligados à comunidade. A obra destaca a importância local das HQs, combinando pesquisa teórica com entrevistas aprofundadas. O produto final aborda o panorama local da produção curitibana, apresentado em um projeto gráfico inspirado nos próprios quadrinhos, com uso de ilustrações e fotos.
Práticas publicitárias no mercado editorial e em livrarias: Plano de comunicação integrada Arte & Letra	FRANCEIRA, C.; OLIVEIRA, L. S. G.	2022	Projeto experimental	A pesquisa investiga sobre o cenário de livros no Brasil, utilizando como cliente a editora e livraria de rua <i>Arte & Letra</i> . O local foi fundado em Curitiba, no ano de 2001, considerada uma das primeiras livrarias na região neste estilo e um local que conecta livros e leitores.
Entre sebos e livrarias: cartografia de um circuito da cultura impressa e da História Intelectual e Cultural de Curitiba	ORLANDO, E. A.; CLARAS, L. F.; KOPPE, C. T.	2023	Artigo	Com o objetivo de examinar os espaços como circuitos da cultura impressa na cidade de Curitiba, no Paraná, este trabalho realiza um mapeamento de livrarias e sebos. Ao todo, foram identificados 23 estabelecimentos: 11 livrarias, 6 com a função de sebo e 6 exclusivamente sebos.

O ofício do invisível: uma análise da presença de mulheres na obra História das livrarias cariocas de Ubiratan Machado até a década de 1970	GOMES, S. L.; COUTINHO, M. S.	2024	Artigo	Sob a ótica da invisibilização das mulheres livreiras no mercado editorial, o trabalho analisa o livro <i>História das livrarias cariocas</i> (2012), do pesquisador Ubiratan Machado, observando que a presença feminina em cargos de destaque era exceção e que suas contribuições não foram narradas com maior profundidade.
---	----------------------------------	------	--------	---

Fonte: A autora (2025).

A partir do levantamento realizado, quatro estudos se destacam ao aprofundar a análise sobre a distribuição dos livros e o papel fundamental das livrarias na expressão cultural, considerando as transformações da cultura editorial e livreira no Paraná. Combinando abordagens qualitativas e quantitativas, esses trabalhos ampliam a compreensão do negócio livreiro, apresentando o cenário do mercado editorial desde 1880 até o surgimento das livrarias de rua, a partir de 2001.

A dissertação *A sedução da leitura: livros, leitores e história cultural* (Paraná 1880-1930)³, de Cláudio DeNipoti (1998), traz o panorama da leitura local, observando como os livros tiveram relação com a formação cultural durante a efervescência intelectual da cidade, entre 1880 e 1930.

O trabalho de dissertação *Editora Guaíra no mercado editorial brasileiro (1939-1961)*⁴, do autor Rodrigo Refúlia (2020), oferece uma pesquisa mais atualizada sobre a atuação da Editora Guaíra, em Curitiba, durante a ditadura militar. Ao abordar duas coleções publicadas pela editora, apresenta a relevância desses livros em meio ao período de violação do Estado de Direito, sendo considerada uma editora de oposição. O trabalho também apresenta, na introdução, um breve panorama da imprensa curitibana que foi o cenário que originou a Editora Guaíra.

Outro trabalho é o livro-reportagem *Lombada a desbotar pela luz: o livro como cartografia de afetos*⁵, escrito por Bárbara Tanaka (2018). A produção enfoca a “cartografia de afetos” deixados pelos leitores nos livros, trazendo histórias de leitores, livreiros e do mercado editorial construindo o universo envolto da figura do

³ Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24657>>. Acesso em 7 de abril de 2025.documento

⁴ Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-12012021-142818/pt-br.php>>. Acesso em 7 de abril de 2025.

⁵ Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/58893>> Acesso em 7 de abril de 2025.

leitor e o livro. Além disso, dedica um capítulo para examinar o mercado editorial brasileiro, resgatando a história da imprensa desde o século XIX e o ato de ler, com base nos autores Felipe Lindoso, Alessandra El Far e Marisa Lajolo.

Já no contexto dos anos 2020, o projeto experimental *Práticas publicitárias no mercado editorial e em livrarias: plano de comunicação integrada Arte & Letra*⁶, escrito por Catarina Franceira e Lauriane Sabrina Goras de Oliveira (2022), traz a abordagem publicitária da livraria e editora *Arte & Letra*, de Curitiba, fundada em 2001. Com um acervo de mais de 5 mil títulos à venda, o espaço concentra livraria e um café no centro da cidade. A pesquisa envolveu a aplicação de um formulário distribuído nos canais digitais, levantou dados sobre os hábitos de leitura e consumo de livros. Entre os dados coletados, destaca-se a predominância do público feminino, com cerca de 71,4%, e o fato de que 46% afirmam manter a prática de leitura. Além disso, constatou-se que a pesquisa na internet é o principal fator de influência na decisão de compra de um livro, mencionada por 59,3% participantes.

Neste sentido, o presente documento teórico-metodológico, além da **Introdução**, apresenta cinco capítulos e considerações finais. O **capítulo 1** trata da materialização do livro enquanto objeto, no contexto europeu do século XV. O **capítulo 2** introduz o cenário literário brasileiro, abordando a trajetória da leitura e da indústria editorial no país, e o cenário de leitores atuais, a partir do 5.º *Anuário Nacional de Livrarias*, realizado pela Associação Nacional de Livrarias (ANL), *Panorama de Consumo de Livros* (2025), realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Nilsen BookData, em 2024, e *Retratos da Leitura no Brasil* (2024), pelo Instituto Pró Livro (IPL). O **capítulo 3** apresenta o mapeamento das livrarias de Curitiba, com base no desenvolvimento da cidade e na atuação das primeiras casas de livros, constituindo o mapeamento de livrarias até o momento. O **capítulo 4** aborda a parte teórica sobre o jornalismo literário e o formato livro-reportagem. O **capítulo 5** descreve o processo metodológico para a pesquisa, com a apresentação do livro-reportagem.

Por fim, nas **Considerações Finais** deste Trabalho de Conclusão de Curso, é apresentado a importância do livreiro como agente cultural, a partir dos dados reunidos.

⁶ Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/80405>>. Acesso em 7 de abril de 2025.

2. O LIVRO SE MATERIALIZA

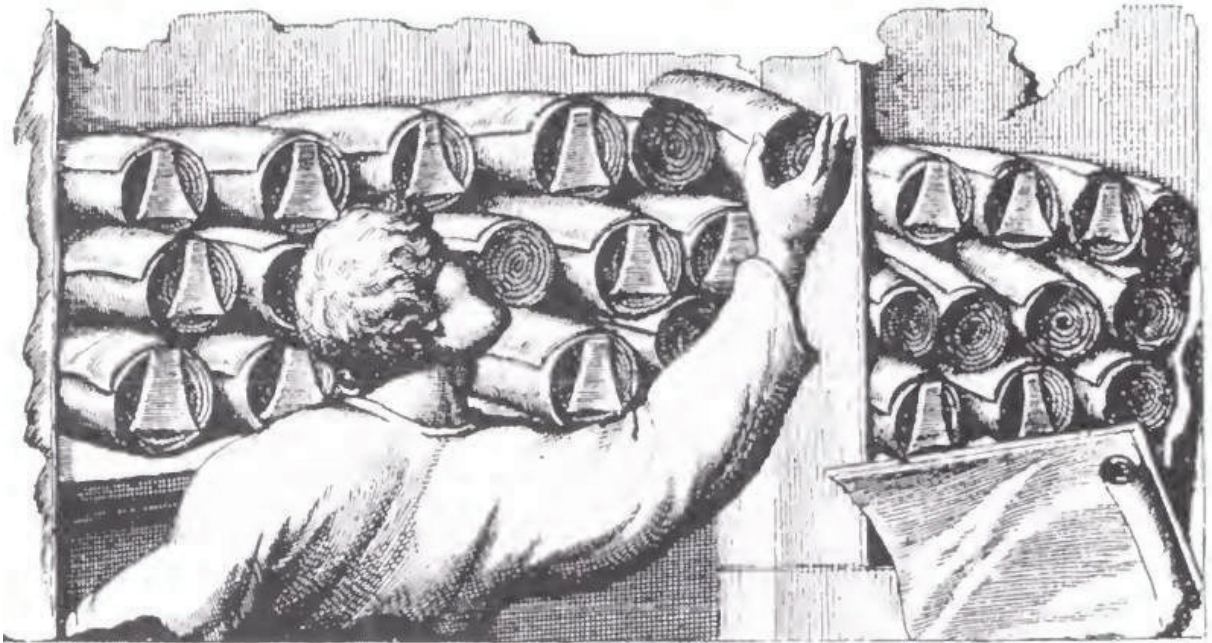
Neste capítulo, será apresentada uma introdução sobre o universo livreiro a partir do século XV, no contexto europeu. O recorte busca evidenciar os principais marcos históricos e culturais relacionados à distribuição de impressos e à formação das primeiras livrarias, articulando as transformações técnicas, sociais e simbólicas que envolvem o objeto livro. Para compor este recorte, a bibliografia utilizada concentra-se na historiografia da leitura e da cultura escrita, incluindo obras dos seguintes autores: Robert Darnton (2010) e Roche (1996); Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (2017); Fischer (2006); Alberto Manguel (1997); Henry Petroski (1999); Jorge Carrión (2018); Roger Chartier (1998) e da livreira Adrienne Monnier (2017).

A inserção de uma nova tecnologia é capaz de reconfigurar as relações sociais e circulação de conhecimento. A criação da prensa de Gutenberg, no século XV, representou um marco fundamental nesse processo e criou condições para que o livro fosse materializado de forma industrial. Os livros eram copiados manualmente e a prensa móvel tornou o processo mais ágil, transformando a cultura escrita e a disseminação de conhecimento.

Inicialmente, a atividade tipográfica concentrava-se apenas na Europa, com predomínio da produção germânica⁷ (Febvre; Martin, 2017). A proliferação de livros, impulsionada pela invenção de Gutenberg, catalisou uma “transformação da leitura pelo suporte que a materializa” (Chartier, 1998, p. 88), expandindo a relação entre o que viabiliza a obra e a experiência do leitor.

⁷ A produção concentrou-se na Alemanha, a princípio, devido ao desenvolvimento de metais e comerciantes que financiaram a criação das primeiras oficinas.

Figura 1 - Armazenamento de livros no século XV⁸



Fonte: Henry Petroski (1999).

As primeiras oficinas tipográficas se estabeleceram próximas às universidades e tribunais, que constituíam os principais centros de venda de livros no século XV. Já a partir do século XVI, com a expansão urbana europeia, muitas cidades constituíam essas instituições, por conseguinte, permitiu-se o desenvolvimento de oficinas tipográficas e lojas de livros. No entanto, os livros não eram lucrativos para o sustento destes comerciantes, levando as lojas a se fixarem em centros religiosos, como os colégios jesuítas e dos oratorianos (Febvre; Martin, 2017). Esses locais eram mais rentáveis, pois as oficinas passaram a imprimir documentos administrativos, religiosos, apostilas e manuais didáticos para os estudantes.

⁸ Os livros eram armazenados em formato de pergaminhos, cada um possuía uma etiqueta, em prateleiras (Petroski, 1999).

Em La Flèche, pequena cidade onde nenhum impressor havia podido estabelecer-se até então de maneira estável, os jesuítas que criaram um colégio em 1603 mandaram vir um tipógrafo, Jacques Rezé; este imprimiu numerosas obras para o colégio e para a companhia da qual ele havia adotado a marca. Mais tarde, houve até três oficinas e um grande número de lojas de livreiros em torno desse colégio (Febvre; Martin, 2017, p. 271).

A leitura, nesta nova dinâmica pós-Gutenberg, passou também a ser utilizada pela aristocracia. A produção literária fomentou a existência de uma nova classe média, constituída por produtores, comerciantes, distribuidores e investidores, proporcionando uma ascensão na classe social com a indústria do livro. Fischer (2006, p. 189) observa que a “impressão fez a palavra escrita se tornar onipresente”, no entanto, o principal desafio ainda era a distribuição.

Em decorrência das dificuldades logísticas do século XV, como a organização das matérias-primas para as matrizes tipográficas e a escassez de profissionais especializados, o desenvolvimento do comércio do livro foi gradual (Febvre; Martin, 2017). No período do Renascimento (séc. XIV e XVI), as publicações se adaptaram aos interesses da burguesia em ascensão. Assim, o livro assume uma identidade própria, e uma vasta rede comercial em formação na Europa (Fischer, 2006).

Neste cenário, as obras literárias eram raras e a experiência de ler, ainda inacessível para a maior parte da população, adquiriu significados memoráveis para os ainda escassos leitores. Nos séculos XVI e XVII, os livros eram objetos de decoração nos lares, sendo dispostos em prateleiras nos quartos e equiparados a bens de alto valor, como cavalos e gados, a ponto do roubo ser punido com pena de morte.

Figura 2 - A geografia do livro por Febvre e Martin⁹



Fonte: Febvre e Martin (2017).

Conforme mostra a **Figura 2**, os impressos começaram a se espalhar pela Europa a partir do século XV. O processo, iniciado na Alemanha, possibilitou que os livros fossem produzidos em outros locais, como França e Itália¹⁰. Em 1480 havia cerca de 110 oficinas em funcionamento por toda a Europa Ocidental, incluindo Alemanha, Suíça, Boêmia, França, Holanda, Bélgica, Espanha, Polônia e Inglaterra.

O valor do livro em conjunto com a qualidade dos conteúdos passou a ser reconhecido como um bem que se preserva ao longo dos anos, o que incentivou a

⁹ Durante o século XV foi um período de aceleração da distribuição do livro, circulando por várias cidades da Europa (Febvre; Martin 2017).

¹⁰ Muitos impressores alemães foram trabalhar em Veneza, Trevi, Ferrara, Milão, Bolonha, Nápoles, Pávia, Savigliano, Treviso, Florença, Jessi, Parma, Mondovi, Brescia, Fivizzano, Mântua, e continuou nos anos seguintes (Febvre; Martin, 2017).

revenda de obras no século XVII. Esses exemplares eram revendidos por buquinistas (*bouquinistes*, em francês), um tipo de livreiro que expunha livros usados nas ruas. Esses comerciantes eram encontrados em Lyon, na ponte do rio Saône; e em Paris¹¹, nas pontes e nas margens do rio Sena, em Paris, e que ainda hoje podem ser vistos no mesmo local (Febvre; Martin, 2017).

Ainda era muito comum que editores enviassem agentes para oferecer livros à população em regiões rurais e cidades que ainda não tinham lojas estabelecidas, o que pode ser considerado um tipo de mascate. A partir do século XV, esses vendedores ambulantes ofereciam também almanaques e produtos de armarinho. Os vendedores fixos desempenhavam papel importante para a disseminação de panfletos católicos e protestantes.

2.1 OS LIVROS PROIBIDOS

Entre o embate da oralidade e da cultura escrita, a censura predominou. A impressão era permitida apenas para fins religiosos, a publicação de outros assuntos exigia autorização eclesiástica. Em 1496, a ausência de aprovação implicava excomunhão.

O controle de ideias se tornou uma política oficial desde o século XVI, instituindo uma “polícia do pensamento” que cerceava a liberdade de imprensa. Isso ocorria, uma vez que o controle das leituras era percebido como uma forma de gerenciar a disseminação de ideias, dado que os livros eram o principal veículo do conhecimento e um meio para a discussão política e religiosa (Darnton; Roche, 1996).

Este controle se manifestava desde a inspeção prévia dos manuscritos até a perseguição de livreiros ambulantes. A polícia do livro e representantes da indústria editorial supervisionavam os impressores, livreiros e mascates. A publicação do *Index Prohibitorum*, em 1559, decorrente da censura, provocou a redução dos estabelecimentos de impressão. Em paralelo, contribuiu para o aumento das cópias proibidas, comercializadas pelos vendedores ambulantes. Os livros proibidos eram conhecidos como obras “filosóficas”.

¹¹ Em Paris a imprensa e oficinas tipográficas se desenvolveram por meio dos frequentadores da Universidade de Paris. Assim como ocorreu em outras partes da Europa, a partir do século XVI, em Leiden, na Holanda e Plantin, na França (Febvre; Martin, 2017).

“Os censores e a polícia do livro jamais conseguem manter acorrentada a edição e a venda dos livros” (Darnton; Roche, 1996, p. 22). Mascates viajavam milhares de quilômetros em carroças para adquirirem mercadoria e transportarem até a próxima cidade. A dinâmica clandestina desempenhava papel essencial na circulação da leitura durante a Reforma Protestante (1517-1648) e Contrarreforma (1545-1648).

Os livreiros, portanto, estão perfeitamente conscientes do perigo que correm ao comercializar obras proibidas, mas isso de modo algum os impede de lidar com os especialistas da literatura clandestina quando seu interesse exige. Trata-se então de desmanchar o risco usando códigos e estratégias desenvolvidos no submundo das livrarias (Darnton, 1992, p. 17).

Uma das regras essenciais neste contexto era a capacidade de reconhecer o "perigoso": os caixeiros de loja deveriam saber distinguir entre os livros que deveriam ser escondidos e os que poderiam ser exibidos. Este controle ideológico configurou uma evolução no poder do Estado monárquico. Os censores¹² detinham a autoridade para decidir quais obras seriam publicadas e quais seriam adiadas.

“Os mascates representavam um perigo; para o historiador, um problema.” (Darnton, 1992, p. 53). Diante das sucessivas perseguições, os comerciantes precisavam estar fugindo constantemente para não serem pegos. A *Société Typographique de Neuchâtel* (SNT) mantinha um dossiê com todos os livreiros clandestinos apreendidos (Darnton, 1992)¹³.

As dificuldades eram contínuas, questões de saúde, comércio desfavorável, problemas com fornecedores, obstáculos no transporte, prisões e a inconstância climática impedia a distribuição do negócio livreiro. Os interrogatórios durante o período eram frequentes. Darnton (1992, p. 55) relata que o questionamento principal era: “Com que direito pretende exercer o ofício de livreiro?”. Mas, a profissão de vendedor de livros era exercida mesmo sem alvará ou filiação a uma

¹² Os censores recrutados eram membros do clero, acadêmicos e intelectuais e sujeitos à disciplina eclesiástica. Os inspetores trabalhavam diretamente com os funcionários da câmara sindical da imprensa, sendo responsáveis pela inspeção de engradados e pastores de livros que chegavam nas cidades. Além de detectarem fraudes e aplicarem as leis do comércio dos livros (Darnton; Roche, 1996).

¹³ Em *Edição e Sedição: o universo clandestino da literatura no século XVIII*, Darnton (1992) investiga os bastidores do mundo editorial clandestino na França do século XVIII, com base nos arquivos da *Société Typographique de Neuchâtel* (STN), uma editora e distribuidora suíça que atuava como centro do contrabando de livros para a França. A STN mantinha registros minuciosos de suas operações, incluindo correspondências, contratos e um dossiê com informações sobre livreiros clandestinos que foram presos ou denunciados.

corporação de livreiros, requisitos legais para a venda de livros. Durante o século XVIII, a liberdade editorial era restrita e os infratores sofriam punições severas quando descobertos pelos censores (Darnton; Roche, 1996).

A censura impulsionou a presença de mascates por toda a Europa. Após o fim deste período de restrição durante a Revolução Francesa (1789-1799) diversas políticas foram implementadas para coibir o comércio clandestino por aqueles que não eram livreiros oficiais. Assim, foi concretizada a oficialização da profissão de vendedor ambulante. No final do século XVI, já era possível imprimir livremente e transportá-los para outros países (Febvre; Martin, 2017).

Contudo, essa liberdade ainda era restrita, com uma regressão ponderada. O arquivo da Declaração dos Direitos do Homem (1789) propõe a independência em todos os sentidos, mas os legisladores poderiam definir as infrações para as atividades que considerassem como um mau uso dessa liberdade (Darnton; Roche, 1996).

2.2 O LIVRO SOB O FOGO DA REVOLUÇÃO

Entre os séculos XV e XVIII, as tipografias se multiplicaram. A maioria dos leitores de livros era composta por médicos, nobres, ricos comerciantes e membros do clero (Fischer, 2006). As estimativas de Darnton e Roche (1996) indicam que as autoridades francesas condenavam em média 4,5 livros e panfletos por ano e queimaram em público cerca de dezenove deles, nas décadas de 1770 e 1780. Enquanto essas obras eram incendiadas, outras continuavam a circular no submundo dos livros clandestinos. A principal fonte dos livros filosóficos era encontrada em Genebra (Suíça), de onde era exportada para outras cidades.

Os livros não eram propriamente proibidos pelas autoridades, mas circulavam “por baixo do pano” e continuavam sendo temidos. Edições piratas de livros legais, edições importadas que não passavam por um livreiro oficial eram confiscadas, já que infringiram a "moralidade padrão" nos relatórios dos censores, alegando minar a autoridade do rei, da Igreja ou da moralidade convencional (Darnton, 1992).

A distinção entre leituras filosóficas e pornográficas durante o período permeava em uma linha tênue.

[...] Liberdade e libertinagem demonstram-se vinculados, e é possível achar afinidades entre todos os best-sellers dos catálogos clandestinos. Pois uma vez que se aprende a olhar a filosofia por baixo do pano, tudo parece possível, até mesmo a Revolução Francesa (Darnton; Roche, 1996, p. 75).

A partir de 1789, o sistema de censura começou a desmoronar com a declaração de liberdade. Os editores do *Journal Encyclopédique* recusaram se submeter aos censores e pagá-los; o movimento foi seguido por outros jornais nacionais da época. Os censores, por sua vez, começaram a renunciar seus títulos e pensões antes da suspensão definitiva de seus cargos. A liberdade de imprensa, uma conquista da Revolução Francesa, resultou no fim da administração pública do comércio de livros.

Darnton e Roche (1996) afirmam que, em Paris, a leitura penetrou profundamente na sociedade a partir do século XVIII. A expansão das gráficas acompanhou a expansão da imprensa periódica. Durante o período de desregulamentação do mundo editorial, entre 1789 e 1793, a publicação de livros cedeu lugar a jornais, revistas, almanaques, panfletos e cancioneiros¹⁴.

A censura no Antigo Regime provocou um colapso temporário na cultura do livro impresso. Assim, “a Revolução tornou a imprensa livre demais para que o comércio editorial fosse viável” (Darnton; Roche, 1996, p. 132), e essa liberdade representou “um ataque a todo sistema literário do antigo regime” (Darnton; Roche, 1996, p. 132).

Neste momento de revolução cultural, baseada na circulação ampla e livre de ideias, a imprensa periódica emergiu com intensidade, oferecendo uma forma mais barata e de maior alcance de democratização da palavra impressa. O centro da cultura literária se deslocou da elite dos livros para a cultura democrática da imprensa periódica.

2.3 O CICLO DO LIVRO

A partir das transformações na distribuição dos livros, o século XIX, impulsionado pela industrialização, consolidou a difusão de informações. A distinção entre editores e vendedores de livros se tornou mais nítida. Fischer (2006) aponta que os editores priorizavam a maximização dos lucros, o que resultou na formação

¹⁴ Obras que contêm canções, poemas e cantigas.

de uma indústria do livro, com produção e distribuição em massa, democratizando o acesso ao público. Chartier (1998) complementa, destacando que o setor editorial foi impulsionado pelo desenvolvimento da prensa a vapor, de técnicas baratas de fabricação de papel industrial e pela educação em massa.

A multiplicação dos livros é garantida, primeiro, pela invenção de Gutenberg, segundo, no século XIX, pela industrialização da atividade gráfica e, enfim, no século XX, pela multiplicação das tiragens graças aos livros de bolso. Diante dessa multiplicação, há aqueles que estão em condições de dominá-la porque sua cultura e os instrumentos que ela construiu permitem orientar-se racionalmente nesse mundo prolífico, e aqueles que, completamente desarmados diante desta profusão, fazem as más escolhas e são como que asfixiados ou afogados pela produção escrita (Chartier, 1998, p. 110).

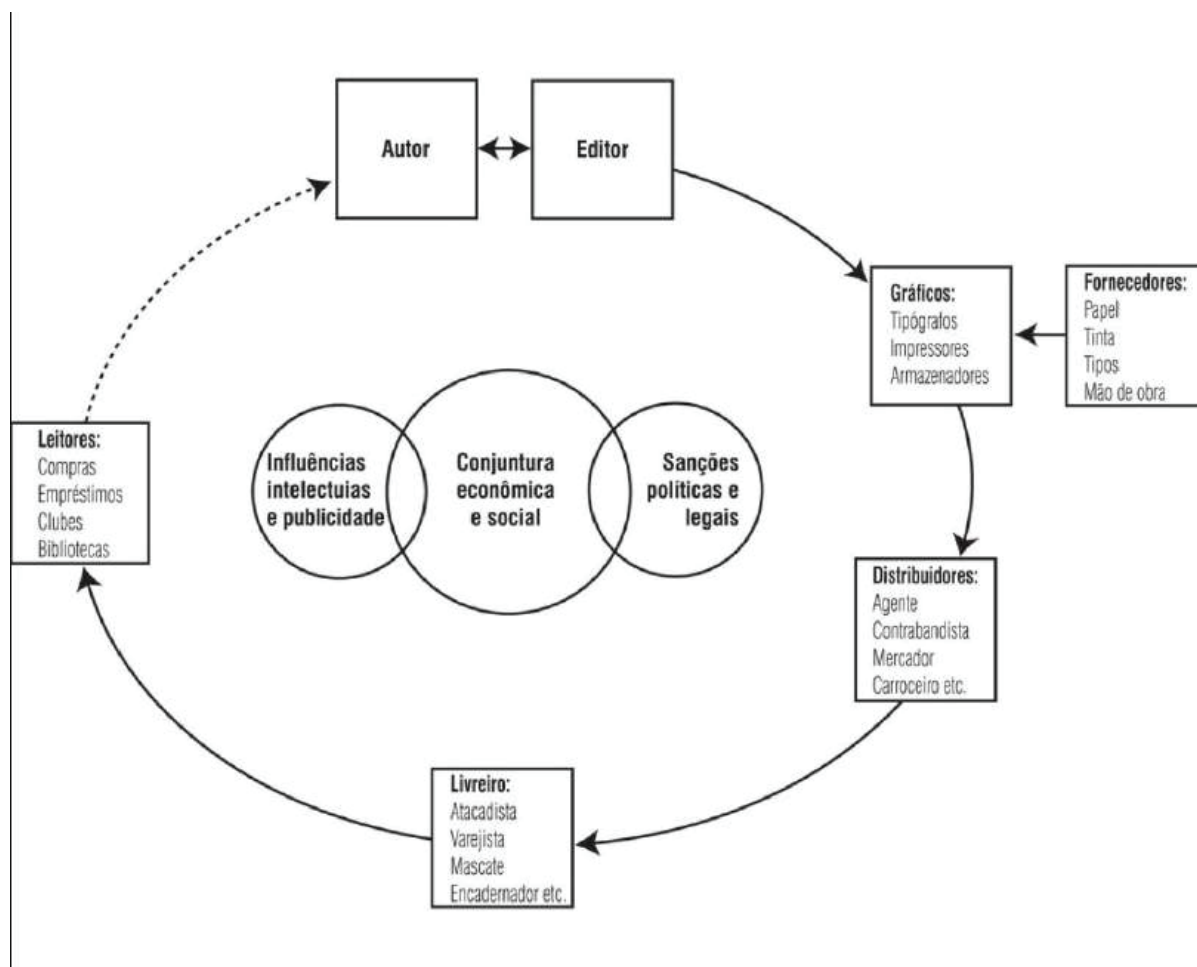
A profissionalização de diversos campos do conhecimento contribuiu para que o setor editorial também passasse por transformações. O público leitor cresceu significativamente devido à alfabetização, avanço da educação e maior acesso à palavra impressa pela imprensa periódica. Assim, a democratização da leitura permitiu a proliferação dos leitores na metade do século XIX (Darnton, 2010).

Como abordado na Introdução deste documento teórico-metodológico, Darnton (2010) desenvolveu um sistema para descrever a distribuição do livro, com foco no ciclo da vida dos impressos.

Ele pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se o livreiro não assumir esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor. Por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da escrita, o leitor completa o circuito. Autores também são leitores (Darnton, 2010, p. 193).

Os livreiros desempenharam um papel importante como agentes culturais, atuando como intermediário no ponto de distribuição desde o século XV, desenvolvendo redes comerciais que foram essenciais para a circulação do conhecimento e do livro como objeto.

Figura 3 - Ciclo do livro por Robert Darnton (2010)



Fonte: Darnton (2010).

Além do mercado nômade, os livreiros que se fixaram constituíram as primeiras livrarias. Essas lojas se configuravam de maneiras diferentes das livrarias contemporâneas, com balcão ou caixa, e repletas de prateleiras de livros em que os leitores podem consultar livremente.

Henry Petroski (1999) detalha como eram estes espaços, afirmando que o livreiro ficava atrás de uma mesa, sendo um intermediário entre a imprensa e as casas editoriais. Ao redor do vendedor, os arquivos eram dispostos em pastas costuradas, enfileiradas horizontalmente com o corte voltado para fora das prateleiras.

Com a industrialização da encadernação e divisão de profissionais do mercado editorial, como fabricantes de papel, tipógrafos, impressores, encadernadores, ilustradores e livreiros, as livrarias passaram a se assemelhar a bibliotecas, com exemplares bem acabados e artesanais. Os espaços eram

organizados para economizar espaço, a padronização auxiliava na localização e preservação dos volumes nas prateleiras.

Petroski (1999) observa que a Revolução Industrial no século XIX e a mecanização facilitaram a organização das livrarias. O estilo de encadernação uniforme surgiu por volta de 1830, proporcionando uma experiência ao leitor muito mais próxima, uma vez que, antes dessa mudança, os livros eram encadernados sob demanda após a compra.

No século XVII, existiam livrarias com cadeira para leituras, mas somente no século XIX e XX, com o aumento dos leitores e acessibilidade aos livros, as livrarias passaram a incorporar o conforto na experiência do cliente, incentivando a permanência do público nos locais. O papel social da livraria ampliou, se tornando um local de encontro, espera e trocas culturais.

As livrarias também têm um relacionamento conflitivo com as instalações que as contêm, que parcialmente as definem, mas não as constituem. E com seus próprios nomes, que muitas vezes mudam com seus sucessivos proprietários. Por dentro e por fora, as livrarias são portáteis e mutantes (Carrión, 2018, p. 61).

No final do século XX, as livrarias já apresentavam tamanhos e formatos diferentes, inclusive superlojas, conforme Petroski (1999). Em espaços literários, os livros podem ser manipulados livremente e lidos em poltronas, acompanhados por uma xícara de café adquirida no local.

A Livraria Bertrand, em Lisboa, é considerada a mais antiga do mundo pelo *Guinness World Records* (2011)¹⁵, comprovando sua longa permanência desde a fundação em 1755. Na época, a Bertrand Livreiros possuía cerca de 2 mil títulos, abrangendo história, ciência, artes, direito, teologia e literatura (Carrión, 2018).

Bompard (2021) aponta que nas décadas de 1740 e 1750 diversos livreiros atuavam na cidade de Lisboa, entre os quais se destaca Pierre Bertrand. Apenas na cidade de Lisboa se encontravam 13 livreiros na capital portuguesa e 17 em todo o país. Lisboa estava em um período de desenvolvimento comercial. A cidade estava em aquecimento, contudo, em novembro de 1755, foi atingida por um devastador terremoto, seguido de um tsunami, o que afetou significativamente o setor livreiro.

¹⁵ Disponível em:

<https://www.bertrand.pt/blogue-somos-livros/livrolicos/artigo/5-records-literarios-para-celebrar-o-dia-d-o-guinness-world-records/159563>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Os impressores tiveram as oficinas destruídas e precisaram reencontrar a sua atuação no mercado editorial.

A família Bertrand retomou suas atividades na rua do Loreto e, três anos mais tarde, adquiriu um terreno nas ruínas deixadas pelo sismo, no bairro do Chiado. É nesse local que a livraria permanece em funcionamento desde 1777 (Bompard, 2021).

Figura 4 - Livraria Bertrand



Fonte: Bompard (2021).

Adrienne Monnier foi uma figura importante na história das livrarias, fundadora da livraria *La Maison des Amis des Livres*, entre 1915 a 1951, localizada na rua Odéon, em Paris. No local funcionava uma editora e uma sessão de empréstimo, conforme o relato no livro *Rua do Odéon*. A livreira escreve que o comércio dos livros provocava um sentimento emocionante e profundo (Monnier, 2017).

Na mesma rua, em Paris, funcionava a livraria Shakespeare and Company, inaugurada por Sylvia Beach, em 1919, inicialmente em outro endereço, mas

transferida três anos depois para a rua Odéon. Ambas as livrarias se tornaram pontos de encontros para poetas da época, além de locais para socialização e eventos literários, recebendo visitas como a de Walter Benjamin, André Breton, Ernest Hemingway, Francis Scott Fitzgerald e James Joyce, entre outros (Carrión, 2018).

Ao longo dos anos, livrarias como La Maison des Amis des Livres e Shakespeare and Company ganharam o imaginário popular, concentrando espaços de conhecimento e histórias. Dessa forma, passaram a desempenhar um papel no incentivo à leitura e conexão dos leitores com os livros.

Uma loja parece-nos uma verdadeira câmara mágica: nesse instante em que o transeunte cruza a soleira da porta que todo mundo pode abrir, em que ele penetra nesse lugar impessoal, assim parece, nada desnatura o ar de seu rosto, o tom de suas palavras; ele realiza com um sentimento de inteira liberdade um ato que julga sem consequências imprevistas [...] (Monnier, 2017, p. 13).

O conceito de livrarias literárias se tornou um fenômeno no mundo todo, como as livrarias Bertrand, em Lisboa; Lello, no Porto em Portugal; Librería de Ávila, em Buenos Aires; City Lights, na Califórnia; ou Shakespeare and Company, em Paris, se tornaram pontos turísticos em suas respectivas cidades. A Shakespeare and Company, desde 1981 se tornou uma rede de livrarias independentes com quatro lojas na cidade de Nova Iorque, além de manter uma loja em Paris, que funciona no Quartier Latin. Na primeira livraria, que fazia parte do circuito turístico da American Express, na rua do Odéon, os turistas eram movidos pelo fascínio de conhecer a livraria por onde passaram diversos escritores.

2.3.1 As livrarias como mapa mundi

As livrarias com suas bagagens de conhecimento histórico e permanência faz parte do imaginário dos leitores. Darnton (2010) afirma que, ao desvendar o ciclo do livro, os historiadores podem resgatar essa parte da memória que “os livros não apenas relatam a história; eles fazem a história” (Darnton, 2010, p. 219).

Carrión (2018) relata uma de suas experiências por diversas visitas em livrarias ao redor do mundo, no livro *Livrarias: uma história da leitura e de leitores*. Durante sua visita à livraria Artemis Edinter, na cidade da Guatemala, ele se

encantou com as edições e a meticulosa catalogação dos livros. No local, ele encontrou um mapa mundi.

Ou melhor: um mapa do meu mundo. E, portanto, submetido a minha própria biografia: quantas daquelas livrarias tinham fechado suas portas ou mudado de endereço, quantas haviam se multiplicado, quantas seriam agora inclusive multinacionais, teriam feito reajustes em sua planilha ou teriam sua página na internet? (Carrión, 2018, p. 32).

De Paris a América do Sul, a capital da Argentina, Buenos Aires, é a cidade com o maior número de livrarias per capita do mundo, segundo um estudo do World Cities Culture Forum (2014). São mais de 619 estabelecimentos, muitas conhecidas no roteiro turístico da cidade, uma delas é a El Ateneo Grand Splendid. O estabelecimento remodelou um cinema-teatro, na avenida Santa Fe, inaugurada em 1919. Para Carrion (2018, p. 222) o local “demonstra que a singularidade é mais procurada no mercado simbólico do turismo virtual (a imagem) ou físico (a visita)”. Entre as mais famosas está a Librería de Ávila, considerada a mais antiga do país, fundada em 1785.

A cartografia literária em Buenos Aires é marcada por diversos pontos de referência, compondo um mapa afetivo e histórico das livrarias. Nesses espaços, a materialização do livro ganha um caráter simbólico, inserida em um ambiente permeado de memória e história.

3. “REVOLUÇÃO DA LEITURA” NO BRASIL

A partir desse capítulo, adentramos no cenário literário brasileiro, contextualizando a trajetória da leitura e da indústria editorial no país. A formação da leitura no Brasil constitui um vasto campo de pesquisa, explorado por diversos autores nos últimos anos, como: Aníbal Bragança (2002); Felipe Lindoso (2004); Sandra Reimão (2016); Laurence Hallewell (2017); Maria Luiza Tucci Carneiro (2002); Fernando Paixão (1997); Flamarion Maués (2013); Lucia Maria Bastos Pereira das Neves (2014) e Jean-Jacques Bompard (2021).

No contexto brasileiro, uma das pesquisas mais sólidas é a do historiador inglês Laurence Hallewell (2017). Na obra *O Livro no Brasil*, o autor reconhece as complexidades de abordar sobre a publicação editorial em um país com tamanha dimensão e diversidade. A análise da produção editorial de um país é um processo revelador, que envolve fatores geográficos, econômicos, educacionais, sociais e políticos.

A amplitude da produção editorial brasileira é, também, enorme: desde o autor de poesia popular que imprime, apregoa e vende seus próprios folhetos, até uma editora de livros didáticos para o ensino fundamental do tamanho da Ática (Hallewell, 2017, p. 32).

Na pesquisa de Fernando Paixão (1997), em sua obra *Momentos do livro no Brasil*, se divide a historiografia do livro em seis momentos distintos. O primeiro abrange o período de 1900 a 1914; o segundo, de 1914 a 1930; o terceiro, de 1930 a 1945; o quarto, de 1945 a 1964; o quinto, de 1964 a 1985; e o sexto período, de 1985 a 1995. Essas amplitudes coexistem no Brasil e serão exploradas de forma preliminar neste capítulo.

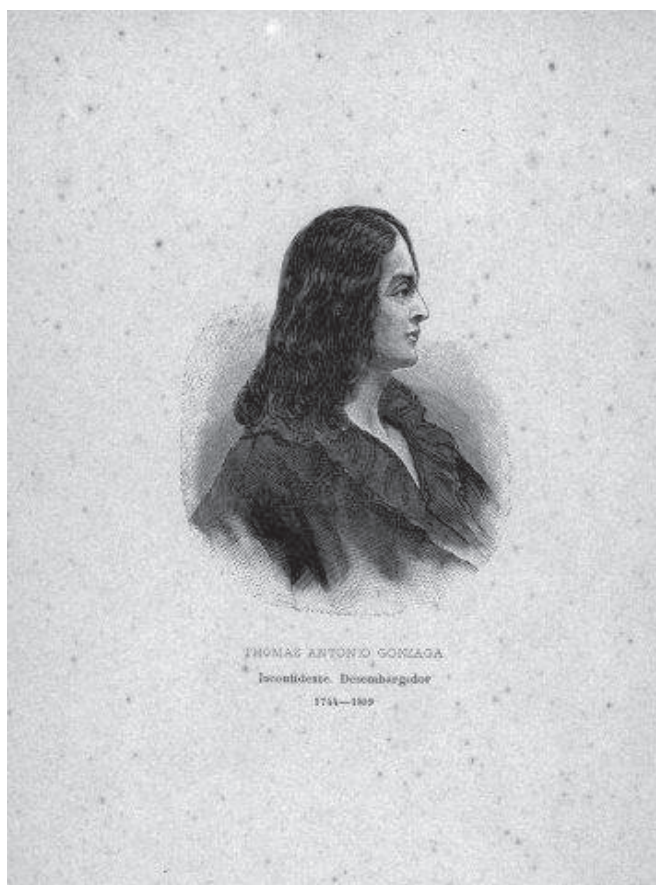
3.1 DE PORTUGAL AO BRASIL

A indústria editorial brasileira ocupa a oitava posição na produção mundial. No entanto, se instalou de maneira tardia (Lindoso, 2004), a partir da transferência da família real portuguesa para o Brasil. Antes, qualquer tipo de produção impressa era proibida pela administração colonial, constituindo uma forma de proibição da circulação de ideias e opiniões. Os primeiros indícios do ofício livreiro são apontados pelo pesquisador Hallewell (2017): em 1762 existiam apenas dois livreiros no Rio de

Janeiro, João Roberto Bourgeois e Paulo Martins. Em paralelo, empresas e mascates solicitavam remessas de livros de Portugal, uma transformação gradual do ofício livreiro.

Em 1808, a família real portuguesa se mudou para o Brasil fugindo da invasão napoleônica. Na bagagem trouxeram equipamentos essenciais para a formação da Imprensa Régia e o acervo de livros e incunábulo para a constituição da Biblioteca Nacional, alguns anos depois. Durante o Período Imperial, as publicações se restringiam principalmente a documentos oficiais. No mesmo ano, publicou o primeiro jornal, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e outras obras para a divulgação da monarquia. O primeiro livro, *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, foi lançado em 1810 (Paixão, 1997).

Figura 5 - Desenho da obra Marília de Dirceu



Fonte: Instituto Moreira Salles¹⁶.

¹⁶ O autor Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) foi jurista, poeta e ativista político, para suas publicações também utilizou o pseudônimo de Dirceu. O desenho foi publicado na Revista Selecta, em 1922, na seção de "Galeria do Centenário", página 11. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/12884923055>. Acesso em: 9 jun. 2025.

“A Impressão Régia tornava-se também um aliado para a publicação de livros variados” (Neves, 2014, p. 176), ainda que a utilidade desses impressos era principalmente para a educação. A impressão de livros no Brasil aconteceu alguns anos depois, no final do século XIX, visto que os livros comercializados ainda eram produzidos em Portugal e Paris (Lindoso, 2004).

Nesse sentido, gramáticas, livros de leitura, de geografia e de história, das várias ciências – matemática, física, economia –, de direito e de medicina vinham à luz e passavam a ser anunciados. Instrução, leitura e livros tornavam-se elos de uma mesma cadeia – promover as luzes e atender as exigências da nova Corte, especialmente por se constituir em uma sociedade em que o escrito penetrava ainda parcialmente e os livros eram também raros e preciosos (Neves, 2014, p. 176).

Os principais registros sobre a distribuição de livros são de livreiros franceses, uma vez que a influência francesa era perceptível desde a década de 1770 com registros de negociações com agentes do mercado livreiro francês como Jean-Baptiste Reycend, Viúva Bertrand & Filhos, Francisco Rolland, Antonio Manuel Policarpo da Silva, Paulo Martin, Borel & Borel e o tipografia Simão Tadeu Ferreira (Bompard, 2021).

A partir de 1815, o comércio editorial se intensificou. Neves (2014, p. 187) relaciona as mudanças na reestruturação da cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, e a novas práticas de leitura, que ocorreram em reflexo para acompanhar a elite letrada que estava se instalando na cidade.

Para desempenhar essa posição no interior do Império português, o Rio conheceu profundas mudanças que davam roupagens inéditas à velha cidade colonial. Mas, sobretudo, precisava de novidades no que dizia respeito à instrução e às práticas de leitura propiciadas pela circulação de livros e ideias.

Assim, Paulo Martin começou as atividades livreiras por volta de 1799, estabelecendo uma das primeiras livrarias no Brasil, até 1806. As publicações da *Gazeta do Rio de Janeiro* eram vendidas na loja de Paulo Martin, localizada na rua Quitanda (Bompard, 2021). As atividades da loja continuaram sob administração de seus filhos, após 1820.

Uma vez que os acontecimentos de 1808 abriram novas perspectivas históricas ao Brasil – quais levariam, por fim, a sua independência em 1822 –, o percurso dos livreiros-editores que nos fornecem a trama deste relato não poderia ser compreendido sem que coloquemos suas atividades no ambiente social e econômico da época (Bompard, 2021, p. 90).

Os principais comércios eram encontrados na Rua do Ouvidor, na Rua dos Pescadores, atual Visconde de Inhaúma; e na Rua Direita, atual Primeiro de Março, no Rio de Janeiro (Bompard, 2021). No entanto, a atividade desses livreiros ainda é muito pouco conhecida.

Para a circulação de livros, os livreiros franceses traziam livros proibidos, relacionados ao liberalismo e constitucionalismo, compondo uma cultura política às vésperas da Independência no Brasil (Neves, 2014).

Figura 6 - Rua dos Pescadores no Rio de Janeiro



Fonte: Autoria não identificada/Acervo Instituto Moreira Salles¹⁷.

¹⁷ No local: n.º 136, Centro do Rio de Janeiro, em 1922. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/116482>. Acesso em: 9 jun.2025.

Figura 7 - Rua Direita no Rio de Janeiro



Fonte: Marc Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles¹⁸.

Desde a chegada da Corte ao Brasil, em 1808, a população dobrou de volume, com cerca de 100 mil pessoas, e a procura pelo livro também, principalmente pelos anúncios na *Gazeta do Rio de Janeiro*. Alguns nomes recuperados por Bompard (2021), que anunciavam os serviços no jornal, são dos livreiros Paulo Martin, Francisco Luís Saturnino da Veiga, Manuel Joaquim da Silva Porto, Manuel Jorge da Silva, Manuel Mandillo, Domingos da Cunha Pinheiro e José Antônio da Silva (Bompard, 2021).

3.2 LIVREIROS-EDITORES

O processo de independência do Brasil intensificou as atividades editoriais, principalmente após 1821, quando D. Pedro I decretou a regulamentação da liberdade de imprensa. Neste momento, novas tipografias começaram as atividades até em outras províncias, como Pernambuco, Maranhão, Bahia, Paraíba e Pará: "... a imprensa era, agora, mais necessária do que nunca e, então, tornou-se possível" (Bragança, 2002, p. 14).

¹⁸ A Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março, no fundo encontra-se o Morro do Castelo. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/88563>. Acesso em: 9 jun. 2025.

Apesar de muitos indícios apontarem a presença de outros livreiros no Brasil, Paulo Martin, o filho, é considerado o primeiro livreiro-editor. Entre os nomes relevantes da época está também Francisco de Paula Brito, que aos 22 anos iniciou a própria livraria na Praça da Constituição 51, atual Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, e anexou no local uma tipografia. O brasileiro já trabalhava com prensas, redação e tradução no mercado editorial. Com auxílio de D. Pedro II, inaugura a *Empreza Typographica Dous de Dezembro* e se tornou o impressor da Casa Imperial (Bragança, 2002).

As funções de editora e tipografia eram papéis semelhantes e em determinados momentos acabavam confundidas. O papel do editor não está inserido como o eixo do mercado editorial, distinto de outros profissionais com funções editoriais que surgiram para suprir estas demandas, com destaque aos livreiros-editores com atuação principal no comércio de livros. Enquanto na França os editores lutavam por seus direitos de publicação e pela circulação dos livros, no Brasil iniciava a experiência das primeiras livrarias.

No caso, dos impressores-editores – como o português Silva Serva¹⁹, Pierre Plancher, Junio Constance de Villeneuve e Eduard Heinrich Laemmert – publicavam diversos periódicos e outros materiais.

¹⁹ O tipógrafo Silva Serva montou a Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva (1811), na Bahia (Bragança, 2002). Sendo um dos pioneiros na produção de impressos no Brasil, chegou a publicar o primeiro jornal não oficial no país (Serva, 2014).

Figura 8 - Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro



Fonte: Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles²⁰

A rua do Ouvidor era destaque pelas livrarias de inspiração francesa, como as lojas Garnier e Laemmert, que se sobressaíam e são consideradas precursoras na distribuição de livros, conforme a Figura 8.

A Livraria Universal, fundada pelos irmãos Eduard Laemmert e Heinrich Laemmert, funcionou entre 1833 e 1909. Com o sucesso da livraria, os irmãos inauguraram, em 1838, a *Typographia Universal*, local que chegou a empregar mais de 120 pessoas, e produzir mais de 5 mil livros por mês (Paixão, 1997). Encerrou as atividades após um incêndio que destruiu a biblioteca e outros arquivos.

A Livraria Garnier, em 1844, era focada em publicações de literatura. O francês Baptiste Louis Garnier instalou a sede da empresa no Brasil, mas os livros

²⁰ A rua do Ouvidor constituiu esse nome após a chegada de D. João VI ao Brasil. Ao longo do século XIX tornou-se uma das avenidas mais prestigiadas do Rio de Janeiro, com comércios ingleses e franceses atacadistas, importadores e varejistas. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/76239>. Acesso: 9 jun. 2025.

eram impressos em Paris e Londres. A casa chegou a publicar 667 obras de autores brasileiros, como José de Alencar, Álvares de Azevedo, Olavo Bilac e José Veríssimo (Bragança, 2002). A livraria era tão presente na vida cultural e literária no Rio de Janeiro que inaugurou um prédio na Rua do Ouvidor, em 1901. No entanto, encerrou as atividades em 1934, principalmente pelo sucesso de José Olympio e as transformações do mercado editorial (Paixão, 1997).

Neste período de expansão no Rio de Janeiro, os leitores podiam encontrar as livrarias editoras: Serafim, de José Alves, fundada em 1871; a Livraria dos Irmãos Cruz Coutinho; a Livraria Moderna, de Domingos Magalhães & Cia.; a Livraria do Povo, do livreiro-editor Pedro da Silva Quaresma, de 1879; a Livraria Castilho; a Livraria H. Antunes; e a Livraria João do Rio, de Savério Fittipaldi.

Francisco Alves desempenhou papel fundamental na profissionalização do mercado editorial, no final do século XIX e início do século XX. O livreiro foi proprietário da Livraria Clássica, fundada por seu tio Nicoláo Antônio Alves em 1854, na rua São José, centro do Rio de Janeiro. Ao longo do seu funcionamento recebeu alguns nomes, como Livraria Clássica, Livraria Alves e Livraria Francisco Alves.

A segunda metade do século XIX, além de ter sido um período de grande desenvolvimento das forças produtivas no mundo e também no Brasil, as lutas político-ideológicas, especialmente, em favor da Abolição da escravidão e pela República, criaram um ambiente muito favorável à ampliação do público leitor (Bragança, 2002, p. 23).

A Livraria Clássica inaugurou uma filial em São Paulo e Belo Horizonte, também “credenciou livrarias-papelarias como depositárias²¹ em várias cidades brasileiras” (Bragança, 2002, p. 23). Os negócios de Francisco Alves chegaram até a Europa, apesar de muitas lojas europeias importarem suas edições. Em 1908, adquiriu a Livraria Bertrand, em Lisboa.

O editor apostou na ampliação do público leitor, especialmente pela produção de livros escolares, se tornou conhecido como “Rei do Livro”, sendo uma referência nacional no mercado de livros didáticos. A atuação de Francisco Alves evidencia o papel de um livreiro-editor, como um agente fundamental na indústria do livro e na construção de uma cultura letrada nacional.

²¹ Esses estabelecimentos funcionavam como pontos de distribuição autorizados, embora, não fossem filiais oficiais, eram parceiras comerciais responsáveis por manter em depósito os livros da editora.

O trabalho de editor se transformou ao longo do aparecimento do livro, com a responsabilidade de multiplicar e reproduzir os livros. Neste contexto defendido por Bragança (2021), Monteiro Lobato se destaca como editor, sua trajetória no campo iniciou em 1918, com a aquisição da *Revista do Brasil*. O principal diferencial foi despertar novos comportamentos na comunidade letrada, ao invés de esperar que os leitores fossem às livrarias, ele ia até os leitores. Por isso, desenvolveu estratégias na distribuição e divulgação, utilizando a imprensa como veículo de publicidade e criando uma ampla rede de livreiros consignatários.

Até o final do século XIX, a atividade editorial se concentrava principalmente no Rio de Janeiro, com o crescimento da vida cultural. Na capital paulista, a atividade era focada em torno da Faculdade de Direito, criada em 1828; os livros eram impressos na cidade apenas por encomenda dos autores, se limitando a três livrarias, uma especializada em livros jurídicos. A partir de 1860, a filial da Garnier em São Paulo trouxe novidades ao setor na cidade.

A Casa Garraux, de 1872, era um ponto de encontro para estudantes, ricos fazendeiros de café paulistas e intelectuais da elite ilustrada (Paixão, 1997). Em 1876, os irmãos Antônio Maria e José Joaquim inauguraram a Grande Livraria Paulista, sendo o primeiro nome da Livraria Teixeira. O centro literário deu origem às tardes de autógrafos, prática que permanece até a atualidade. A livraria permaneceu em funcionamento por gerações e se consolidou como um espaço intelectual. Porém, na década de 1900, o comércio entrou em crise e fechou alguns anos depois em decorrência de questões financeiras e a expansão do modelo de livraria *megastore*. A última sede foi na rua Marconi, sendo considerada então a livraria mais antiga de São Paulo (Pina, 2015).

Figura 9 - Livraria Teixeira



Fonte: Folha de São Paulo²²

Com a profissionalização do mercado, a indústria literária se tornou cada vez mais complexa, envolvendo uma ampla rede de profissionais. Agentes, esses que são fundamentais para a circulação e permanência do livro até o leitor.

3.3 IMPRESSOS SEDICIOSOS E EDITORAS DE OPOSIÇÃO²³

Ao longo do negócio livreiro diversos nomes se destacaram na circulação do livro, como é o caso do livreiro José Olympio. O editor fundou a Livraria José Olympio Editora, em 1902, na Rua do Ouvidor n.º 110, onde se formou um ponto de encontro de escritores e intelectuais. A relação de intimidade era tanta no espaço

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/1EwyMgNhZz/>. Acesso em: 8 nov. 2025.

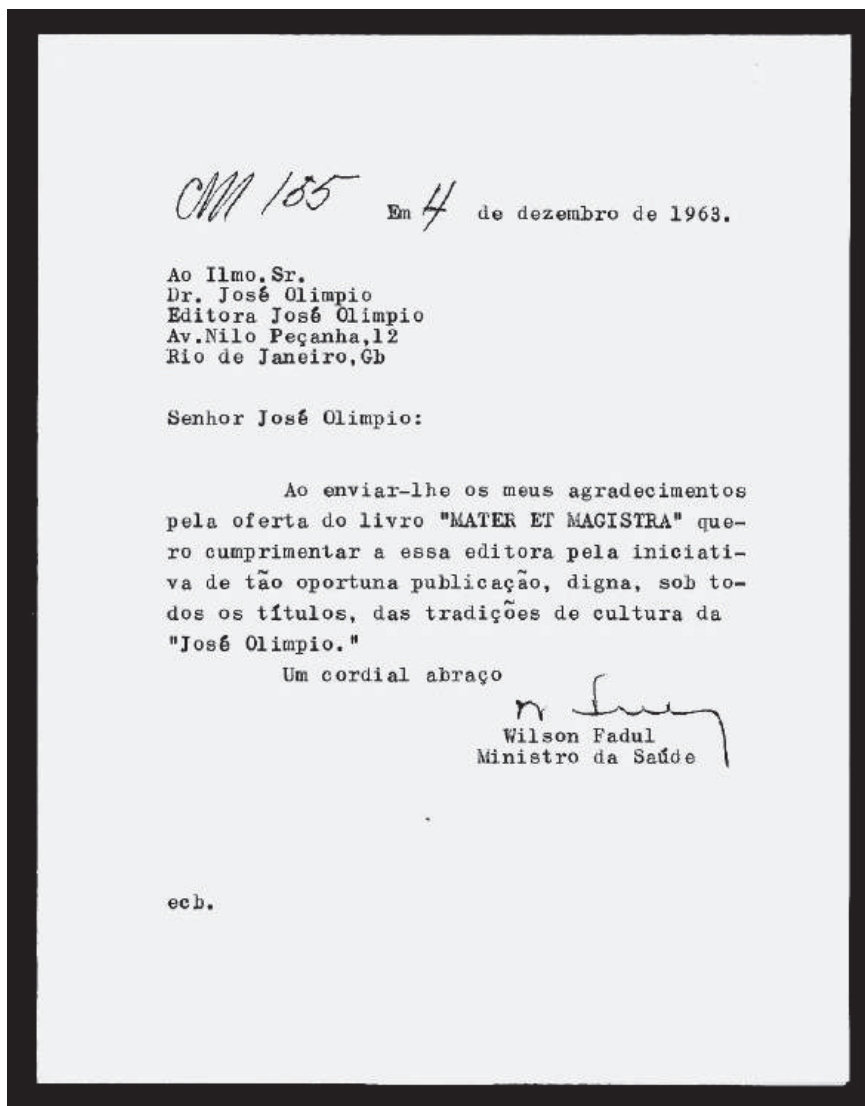
²³ Ver mais em: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, ideias malditas: o livro e a repressão à liberdade**. São Paulo: Ateliê Editorial, PROIN – Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP; Fapesp, 2002.

REIMÃO, Sandra (org.). **Livros e subversão: seis estudos**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984**. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

que a chamavam de "Casa"²⁴ (Paixão, 1997). A livraria publicou tiragens de livros com mais 20 mil unidades, enquanto a tiragem média era de mil exemplares. Publicou *O quinze*, de Raquel de Queiroz; e *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, em 1939, além do escritor paranaense Dalton Trevisan, em 1964.

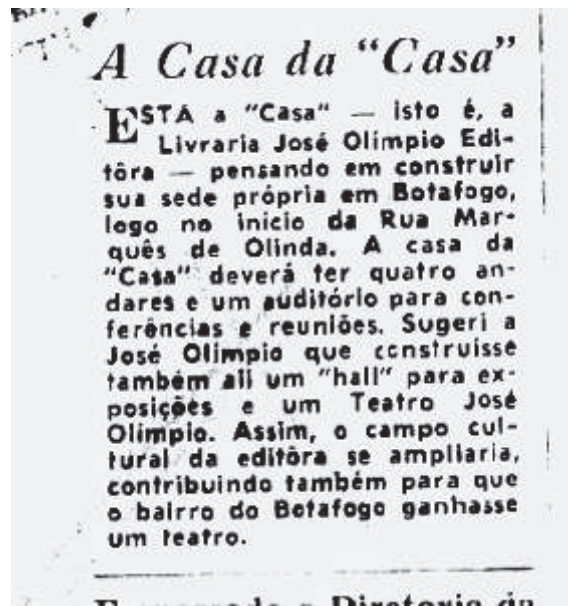
Figura 10 - Bilhete José Olympio



Fonte: Biblioteca Nacional (1963).

²⁴ O apelido foi criado por Carlos Drummond de Andrade e outros intelectuais da época. A editora permanece ativa até hoje no mercado editorial como um selo do Grupo Editorial Record. Disponível em: <https://www.record.com.br/editoras/jose-olympio/?srsltid=AfmBOoqEPIcn0B4OIlhiliJDxTPptppaTS7ILWm5xNgdHsGD8NzCEuN1>. Acesso em: 9 jun. 2025.

Figura 11 - Notícia “A Cada da ‘Casa’”



Fonte: Biblioteca Nacional (1961)²⁵.

A partir de 1930, o livro começou a ser produzido no Brasil, já que a produção nacional era mais barata em relação às taxas de importação. Na metade do século XX, o Brasil produzia cerca de 4 mil títulos e 20 milhões de exemplares por ano. Em contrapartida à liberdade de impressão, o Estado passa cada vez mais a controlar as publicações, se munindo da censura imposta antes mesmo do golpe militar em 1964. A “Casa”, por exemplo, priorizou traduções ao invés de publicações inéditas neste período.

Durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) a censura se tornou parte da rotina, com a implementação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que tinha a finalidade de divulgar uma imagem positiva de seu governo, controlando principalmente a atividade editorial, como um censor onipresente no mercado editorial. O órgão fiscalizador era dirigido pelo jornalista Lourival Fontes.

Enquanto a história do livro representa um símbolo da liberdade intelectual, no período de censura foi um objeto de intensa repressão estatal promovida durante a Ditadura Militar (1964-1985). Ao longo do século XX, o livro se tornou um instrumento de embate ideológico, sendo censurado, apreendido e criminalizado.

²⁵ Notícia publicada no jornal *O Globo*, em 16 de janeiro de 1961. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428476/mss1428476.pdf. Acesso em: 9 jun. 2025.

Durante este período, milhares de exemplares foram censurados, confiscados e utilizados como prova criminal contra cidadãos, em ações conduzidas por órgãos como o Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) (Reimão, 2016).

Carneiro (2002, p. 51) destaca que os registros feitos pela polícia, por meio de sublinhados, carimbos, selos e anotações nos exemplares apreendidos, “são testemunhos do universo simbólico representativo dos valores endossados pelas autoridades policiais”. Neste cenário, possuir, produzir ou distribuir determinados livros se tornavam, muitas vezes, motivo suficiente para prisão ou perseguição.

A repressão se estendia a bibliotecas particulares, tipografias clandestinas e pequenas gráficas. As editoras e livrarias desempenharam um papel fundamental na resistência ao autoritarismo, ampliando os canais de circulação de ideias durante a censura constante mesmo sob risco de prisão.

As chamadas editoras de oposição²⁶ – entre elas a Civilização Brasileira, Brasiliense, Vozes, Paz e Terra, Global, Farmalivros e outras – atuavam como agentes ideológicos. Maués (2013) aponta que estas editoras atuavam explicitamente o ideal político que defendiam.

A edição política pode ser definida como aquela que vincula de modo direto engajamento político e ação editorial, o que significa dizer que é a edição feita com intenção política de intervenção social, ou seja, que parte de um projeto editorial e/ou empresarial de fundo político, cujo objetivo é promover a divulgação e o debate de determinadas ideias políticas publicamente na sociedade, posicionando-se em defesa dessas ideias (Maués, 2013, p. 25).

A repressão era seletiva e simbólica, atuando tanto no campo material quanto no psicológico, gerando um clima de intimidação que comprometia a produção e a difusão editorial. O Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) criou um sistema de controle simbólico, cada prova apreendida, entre livro, selo, envelope, folha de papel ou pedaço de bilhete eram registrados pelas autoridades como conteúdos subversivos. A simples posse de livros de autores como Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895) ou Luís Carlos Prestes (1898-1990) era interpretada como indício de atividade subversiva, independentemente do conteúdo exato da obra.

²⁶ Maués (2013) explica que as editoras de oposição tinham perfil político e ideológico de oposição ao governo civil-militar, com reflexos diretos em sua linha editorial e nos títulos publicados. Indo além de ser uma editora considerada de “esquerda”, os livros eram mais do que um produto editorial e comercial, mas uma manifestação política.

As tipografias que iam contra essas imposições eram consideradas clandestinas e funcionavam como indústrias gráficas nas quais ideias perigosas eram fermentadas (Carneiro, 2002). Assim, muitas editoras nasceram e foram autuadas como criminosas, por exemplo: Editorial Pax, Editorial Marenglen, Editora Unitas ou Graphica Editora Unitas Ltda., Editora Calvino, Editora Comercial Tupinambá, Editora Gonzael, Editora Luvir, Editora Meridiano, Editora Brasil, Editora Bacelar, Editora Pan Americana, Editorial "A Sementeira", Editora Paulista, Editora Assunção, Editora Rideel, dentre outras. A Gráfica Editora Unitas Ltda. teve cerca de 25 mil livros confiscados pelo Deops, sendo remetido ao "Sr. Juiz" um exemplar de cada título.

Em resposta à vigilância, se desenvolveu no país uma rede alternativa de circulação de livros, que envolvia gráficas improvisadas, edições artesanais e pontos de venda não convencionais. Algumas editoras ampliaram suas estratégias de distribuição para além das livrarias tradicionais, colocando livros em bancas, farmácias, feiras e até em táxis²⁷. Esta prática contribuiu para driblar os mecanismos oficiais de controle (Reimão, 2016).

"Uma editora é uma arma perigosíssima" (Reimão, 2016, p. 73). A repressão produziu um efeito contrário: fortaleceu o circuito alternativo de produção e circulação de livros, consolidando o papel do editor como mediador ideológico. "O papel político e a atuação empresarial dessas editoras não podem ser desvinculados da figura de seus proprietários ou editores, que em muitos casos eram a mesma pessoa" (Maués, 2013, p. 47).

3.4 UM PAÍS DE LEITORES NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Ao longo da história do livro, as livrarias eram restritas às grandes capitais, como o Rio de Janeiro, que em 1792 contava com apenas duas livrarias, enquanto possuía 216 tavernas (Hallewell, 2017). A aquisição de livros no Brasil por muito tempo foi um desafio, pela dificuldade de acesso. Somente a partir da década de 1970 que o cenário se torna muito mais aquecido, de acordo com Bragança (2002).

Entre os anos 1969 e 1973, a produção anual de livros triplicou, o que fez com que o Brasil ocupasse o ranking dos dez maiores produtores no mundo. Assim,

²⁷ Antes do final do regime militar, a Farmalivro, por exemplo, distribuía livros em todos os lugares, menos livrarias. Com dois anos de distribuição chegou a comercializar cerca de 85 mil livros por mês em 2500 mil pontos ou displays estrategicamente colocados ao lado de remédios, flores, batatas, carne ou gasolina, criando uma concorrência saudável com as livrarias.

se deu o surgimento de novas editoras fora do eixo Rio-São Paulo e a ampliação da publicação de autores nacionais. Principalmente no setor dos livros didáticos, que ultrapassou 100 milhões de exemplares no ano (Paixão, 1997).

A superação das barreiras da distribuição permitiu focar em outras questões na indústria do livro, como a densidade de livrarias e mudança no perfil dos leitores, com a consolidação de novos hábitos de consumo impulsionados pela internet.

Nesse cenário, o antropólogo Felipe Lindoso (2004) propõe o questionamento: *o Brasil pode ser um país de leitores?*, já no título da obra. O autor destaca o papel estratégico dos livros na construção da identidade nacional, no entanto, ressalta uma indústria frágil com questões para enfrentar, como a permanência do livro e o acesso aos leitores.

Tendo em vista esse questionamento, algumas pesquisas na última década abordam o perfil do leitor e a indústria do livro auxilia a compreender essa questão. De acordo com o 5.º *Anuário Nacional de Livrarias*, realizado pela Associação Nacional de Livrarias (ANL), os dados publicados em 2023 observam uma queda de 1,8% nos comércios livreiros em relação ao último anuário, de 2013. Após dez anos, o total de livrarias no Brasil é de 2.972, sendo o sudeste com maior concentração de lojas, com liderança de São Paulo, que conta com 1167 estabelecimentos, como ilustrado na **Tabela 2**.

Na perspectiva local, a ANL informa que apenas em Curitiba são cerca de 55 livrarias, porém os estabelecimentos que estão nesse levantamento são apenas as lojas cadastradas. Sem abranger uma circulação de leitura biodiversa e complexa, além das livrarias, as bibliotecas, sebos, Farol do Saber²⁸ e outros locais promovem o acesso aos livros.

Tabela 2 - 5.º Anuário Nacional de Livrarias

TOTAL: 2.972			
Por região		Por estado	
Norte	98	RO	18
		AC	7

²⁸ Os Faróis do Saber são espaços que promovem a cultura, com serviços de consulta e pesquisa ao acervo, empréstimo de livros e periódicos e acesso gratuito à internet. Em Curitiba são cerca de 32 Faróis do Saber e Inovação, nas escolas, e 9 Faróis do Saber, em espaços públicos. Disponível em: <https://cidadaseducadoras.curitiba.pr.gov.br/farois-do-saber/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

		AM	22
		RR	10
		AP	4
		PA	27
		TO	10
Nordeste	334	MA	21
		PI	36
		CE	71
		RN	25
		PB	36
		PE	50
		AL	16
		SE	19
		BA	60
Centro-oeste	165	MT	34
		MS	33
		GO	44
Sudeste	1814	MG	353
		RJ	252
		ES	42
		SP	1167
Sul	561	PR	161
		SC	107
		RS	293

Fonte: ANL (2023).

Na última década, a pesquisa *Panorama de Consumo de Livros (2025)*, realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Nilsen BookData, em 2024, e *Retratos da Leitura no Brasil (2024)*, pelo Instituto Pró Livro (IPL), oferecem o panorama do ambiente e de leitores em que as livrarias estão inseridas. A pesquisa, em relação ao ano de 2024, aponta taxa semelhante de leitores entre homens e mulheres. Entre os leitores, a região Norte lidera o consumo de livros, e o Sul em quarto lugar, com 41% (**Tabela 3**).

Tabela 3 - Leitores no Brasil

Por gênero	
Homens	39%
Mulheres	39%
Por região	
Norte	50%
Nordeste	33%
Centro-Oeste	43%
Sul	41%
Sudeste	40%

Fonte: CBL e Nielsen BookData (2025).

A pesquisa do IPL indica que a taxa de leitores reduziu nos últimos anos, com público feminino ainda predominante entre os leitores, com 49% (**Tabela 4**).

Tabela 4 - Mapeamento de leitores desde 2007

Leitor					
%	2007	2011	2015	2019	2024
Leitores	55	50	56	52	47
Não Leitores	45	50	44	48	53
Gênero (%)					
		2019		2024	
Masculino		50		44	
Feminino		54		49	
Estimativa de leitores em milhões de habitantes (%)					
		2019		2024	
Feminino		54,2		50,4	
Masculino		45,9		42,9	

Fonte: Instituto Pró Livro (2024).

Entre as regiões, o sul do país concentra atualmente o maior número de leitores, com 53%, apesar de apresentar uma redução de 5%, em relação a 2019 (Tabela 5).

Tabela 5 - Leitores por região no Brasil

Por região			Por estado		
	2019	2024	2024		
Norte	63%	48%	RO+AC+RR+ AP+TO	54%	
			PA	48%	
			AM	40%	
Nordeste	48%	43%	BA	42%	
			PE	46%	
			CE	54%	
			MA	45%	
			PB	38%	
			RN	33%	
			AL	39%	
			PI	37%	
			SE	40%	
Sudeste	51%	46%	SP	47%	
			MG	42%	
			RJ	48%	
			ES	53%	
Sul	58%	53%	PR	54%	
			RS	46%	
			SC	64%	
Centro-Oeste	46%	47%	GO	52%	
			MT	36%	
			DF	52%	
			MS	40%	
Leitores de 2007-2024 (%)					
Sul	2007	2011	2015	2019	2024

% do total de leitores	14	13	13	16	16
Penetração %	53	43	50	58	53
Milhões leitores	13,2	11,3	13,7	16,1	15,3

Fonte: Instituto Pró Livro (2024).

Na **Tabela 5**, mesmo com a redução de leitores na Região Sul, o Paraná está em segundo lugar entre os estados no número de leitores, com 54%, seguido de Santa Catarina, com 64%.

Em relação ao consumo de livros por região, o Sul cresceu cerca de 1,1%, totalizando o ano de 2024 com 14% de consumidores na região. Entre 55% dos leitores preferem comprar livros online, cerca de 52% estão na Região Sul do Brasil, de acordo com a pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro (2025)*²⁹, realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Nilsen BookData, em relação ao ano de 2024.

Ao compreender o cenário contemporâneo é possível observar o contraste com a história do mercado literário brasileiro. O leitor era acessado apenas pela elite ilustrada, mas, gradativamente conquistado o público não leitor.

Apesar da redução no número de livrarias no país (ANL, 2023), o Brasil segue com uma produção editorial expressiva, impulsionada especialmente pelo crescimento do setor didático, como aponta Lindoso (2004). Sendo um campo de estudo que, conforme Laurence Hallewell (2017), o desenvolvimento da indústria editorial brasileira é inegável, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, como observado nas pesquisas na última década. Ainda assim, a ideia de um "país de leitores" encontra obstáculos em relação a uma realidade de desenvolvimento desproporcional do perfil de leitores e de comércios literários.

²⁹ Disponível em:

https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/05/Producao_e_Vendas_anobase_2024_imprensa.pdf.

Acesso em: 21 nov. 2025.

4. UM OLHAR EM CURITIBA

A partir do momento em que o livro se materializa e compõe parte do ciclo de produção e consumo, permite que os impressos cheguem aos leitores, e posteriormente, explorem os países europeus e o mundo. Assim, os livros chegaram ao Brasil e consolidaram seu espaço por meio de mascates e livreiros, em um longo processo explicado de maneira breve no capítulo anterior. Ao chegar no espaço empírico deste TCC, é possível afirmar que o acesso aos livros em Curitiba ainda é nebuloso e a ausência de dados precisos torna arriscado traçar uma linha temporal. Essa lacuna é mais perceptível no que tange aos distribuidores de livros.

Dessa forma, para compor o cenário a ser discutido neste capítulo alguns autores foram imprescindíveis, como: Newton Carneiro (1976); Cláudio DeNipoti (1998; 2008; 2018); Regina Elena Saboia Iorio (2003); Osvaldo Pilotto (1976); Etelvina Maria de Castro Trindade e Maria Luiza Andrezza (2001); Etelvina Maria de Castro Trindade (1996); Marcelo Saldanha Sutil (2009); e Rodrigo Refulia (2020).

Com base na pesquisa desses autores, este capítulo possibilita a análise da construção da imprensa e das primeiras livrarias na capital paranaense.

4.1 UMA CIDADE PROVINCIANA

O desenvolvimento das atividades gráficas em Curitiba teve início em 1853, com a criação da Província do Paraná, que se emancipou de São Paulo por meio do Decreto Imperial nº 704, assinado por Dom Pedro II. Este período coincide com um momento de intensa transformação urbana em todo o mundo, especialmente no Hemisfério Norte, onde a Revolução Industrial (1760-1840) provocou mudanças significativas nas estruturas sociais e econômicas. Sutil (2009, p. 25) aponta que em Curitiba “o urbano instaurou-se onde antes era a cidade, o espaço público se transformou em puro espaço de circulação”.

A presença de livreiros franceses e casas comerciais de livros no Rio de Janeiro desempenhou um papel crucial na disseminação do livro para outras regiões do Brasil. Esses comerciantes encaravam o cenário literário brasileiro como um mercado promissor para ser explorado (Bompard, 2021). Ainda que, nesse momento, os livros fossem importados de Portugal, e de outros centros, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Em Curitiba, “embora a imprensa fosse relativamente atuante, circulando na capital e no interior um número razoável de jornais, faltava em Curitiba

empreendedores culturais” (Iorio, 2003, p. 234). Livreiros e mascates realizavam encomendas diretamente às tipografias. Os mascates, vendedores itinerantes, circulavam títulos a regiões e públicos não atendidos pelas redes tradicionais de comércio, enquanto as primeiras livrarias ainda estavam surgindo.

Um exemplo da presença de mascates no Paraná está na trajetória de Emiliano Pernetá (1866-1921)³⁰, filho do comerciante português Francisco Davis Antunes, que residia em um sítio em Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba. É um vestígio da circulação e atuação de mascates na região já na década de 1870 (Santana, 2015).

Outro nome relevante é o de Dario Vellozo, intelectual nascido no Rio de Janeiro e falecido em Curitiba, em 1937. Segundo DeNipoti (1998), sua família mantinha uma biblioteca diversa em casa. Vellozo participou ativamente do círculo literário, foi redator de jornal, autor de diversas obras e esteve envolvido na promoção e circulação de livros no Paraná.

A atuação de intelectuais e o crescimento da elite curitibana contribuíram para o aumento da popularidade das obras literárias, a distribuição era gradual, por meio da atuação de livreiros e mascates.

A ainda escassa industrialização, impulsionada pela produção e exportação de erva-mate, desde 1820, proporcionou a instalação de fábricas e o surgimento de uma cadeia produtiva que incluía metalúrgicas e litografias. Curitiba se tornou uma cidade que precisava comportar as demandas da elite que surgiu, em paralelo, ao crescimento dos negócios e o acúmulo de capital.

A indústria do mate e suas subsidiárias (as metalúrgicas, as barricarias e as litográficas) deram o toque dominante à sociedade paranaense do final do século XIX e início do XX. Da forma, pela qual o burguês procurava representar-se, ao ritmo da vida cotidiana, tudo era indústria. O tempo dos habitantes de Curitiba passou a ser regido pelas máquinas a vapor, que com seus apitos de manhã, ao almoço e a tarde formavam uma verdadeira sinfonia [...] (Pereira (1990) *apud* Segá (1996), p. 70).

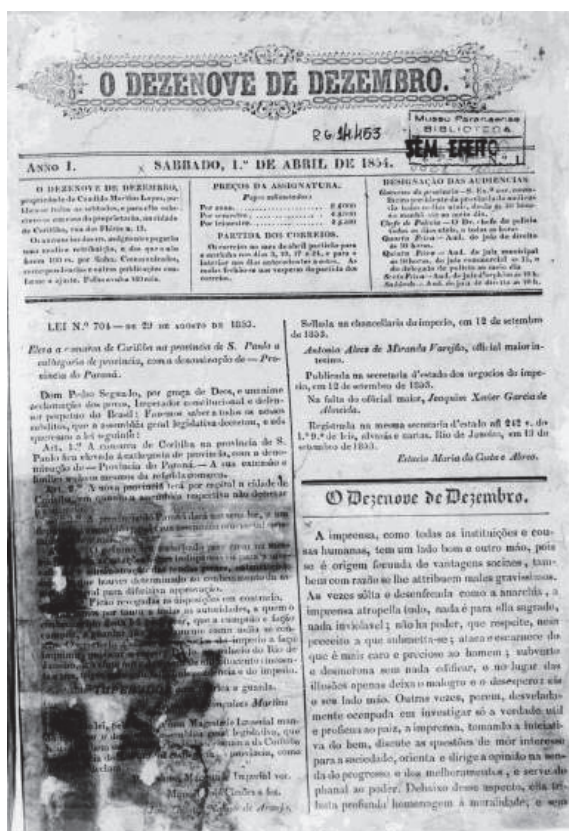
O aumento da produção de erva mate, necessitou dos serviços tipográficos para produção dos rótulos dos produtos e documentos (Carneiro, 1975). Dessa forma, o processo litográfico impulsionou também as produções literárias.

³⁰ O livro *Ilusão* (1911) do paranaense Emiliano Pernetá foi impresso pela Livraria Econômica.

O pontapé para produção gráfica foi a chegada de Cândido Martins Lopes (1803-1871), a convite do primeiro presidente da província do Paraná, Zacarias de Góes e Vasconcelos³¹. O empresário instalou na Rua das Flores n.º 13, a “Typographia Lopes”. No ano seguinte, publicou o primeiro jornal da província. As publicações de *O Dezenove de Dezembro* eram aos sábados, e marcou a “primeira fase da imprensa paranaense” (Pilotto, 1976, p. 8). O periódico recebeu o título pela data de Proclamação da Província do Paraná, e tinha o principal objetivo de informar o público sobre os procedimentos do governo (Presas; Presas 2007).

Refulia (2020) destaca que os livros eram importados, principalmente do Rio de Janeiro, São Paulo, países europeus como França e Portugal. Com isso, as tipografias curitibanas supriam somente a demanda de livros impressos por encomenda.

Figura 12 - Periódico Dezenove de Dezembro, publicado em 1.º de abril de 1854



Fonte: Hemeroteca Digital³².

³¹ O presidente teve que organizar a instituição administrativa da cidade, com secretários e servidores. Além disso, administrar o comércio e indústrias que estavam chegando na cidade. Para o crescimento da cidade, ele incentivou a imigração de estrangeiros, como poloneses, ucranianos, alemães e italianos (Presas; Presas 2007).

³² Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/416398/1>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Com 36 anos de produção, a tipografia adquiriu equipamento e conhecimento para possibilitar que o periódico circulasse diariamente, em 1890. Nesse período, com as necessidades de nova embalagem para a erva mate, as etiquetas foram exigindo maior qualidade e diversidade da tabela de cores. Essas habilidades contribuíram para a diversidade das produções de impressos literários (Carneiro, 1975).

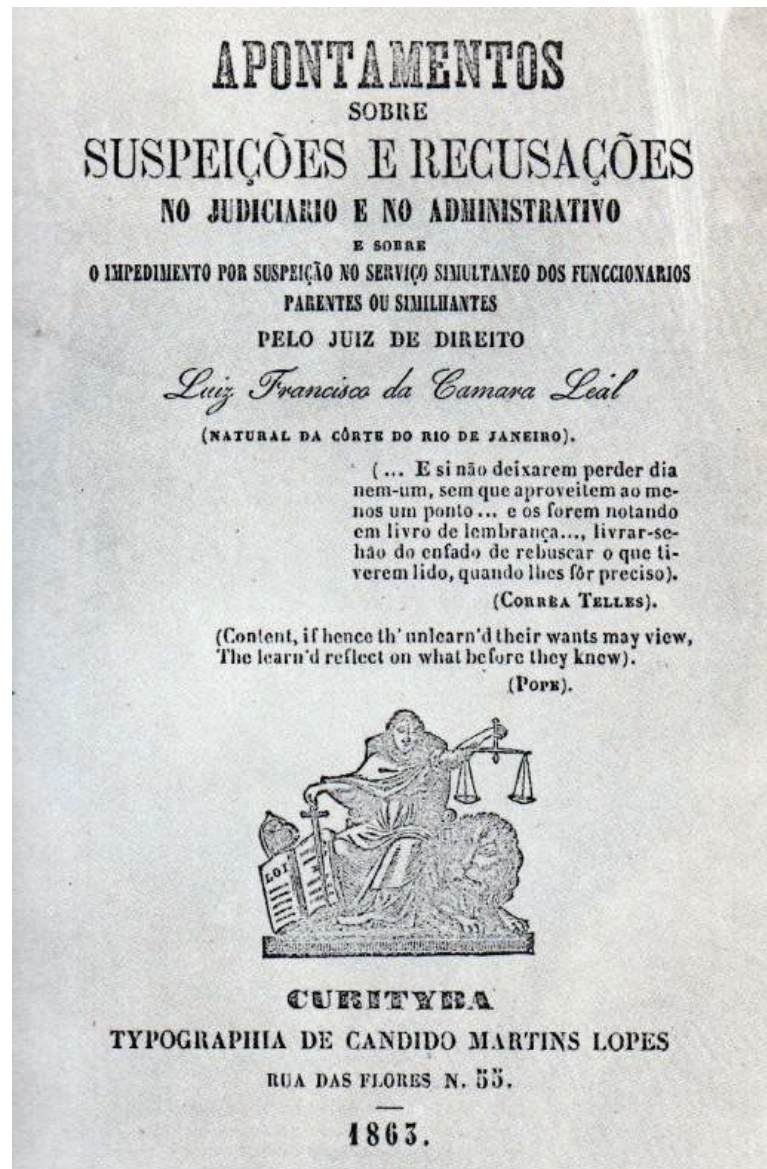
Figura 13 - Rótulo erva-mate Ardilla



Fonte: Acervo Casa da Memória / FCC

Outros jornais e tipográficas foram criados, marcando um período de expansão. No início, a Typografia Paranaense imprimia documentos oficiais, periódicos, folhetos e rótulos. Em 1863, publicou o primeiro livro do Paraná, uma edição da obra *Apontamentos sobre suspeições e recusações no Judiciário e no Administrativo* (1863), de Luís Francisco da Camara Leal, com 203 páginas (Carneiro, 1975).

Figura 14 - Primeiro livro publicado no Paraná



Fonte: Carneiro (1975).

O crescimento da produção ervateira, com rótulos de melhor qualidade e embalagens mais elaboradas, permitiu a profissionalização dos serviços tipográficos e litográficos. O processo litográfico³³ descoberto pelo alemão Alois Senefelder, em

³³ A litografia é uma técnica de impressão que utiliza uma matriz feita, originalmente, com pedra calcária. O processo envolve o uso de água e um material gorduroso, permitindo que a imagem gravada na matriz seja transferida para o papel. Com o desenvolvimento da técnica, passaram-se a empregar outros materiais, como chapas metálicas, que possibilitaram a criação de desenhos mais

1798, chegou ao Brasil apenas em 1817 pela necessidade do mercado para a produção de ilustrações de livros e documentos.

Nesse contexto, em 1888, formou uma parceria entre o ervateiro Barão de Serro Azul (1849-1894) e Jesuíno Lopes (1857-1918), proprietário da Typografia Lopes e filho do fundador Cândido Lopes. Essa colaboração resultou na Imprensa Paranaense, que foi transferida para a Rua Riachuelo, no centro da cidade.

Figura 15 - Rótulo de erva mate Linsingen



Fonte: Acervo Casa da Memória/FCC.

Após a morte de Barão de Serro Azul, em 1894, a Baronessa, em conjunto com a firma Correia & Cia, inaugurou a Livraria da Imprensa Paranaense, na Rua XV de Novembro, para estimular a venda de livros. Sendo um dos primeiros locais de distribuição de livros. Na fachada da livraria lê-se: “Objetos de escritório, livros escolares e papelaria” (Figura 16).

detalhados. No Brasil, o pioneiro da litografia foi Johann Steinmann, responsável por impressos importantes, como mapas e documentos oficiais (Presas; Presas 2007).

Figura 16 - Livraria da Imprensa Paranaense

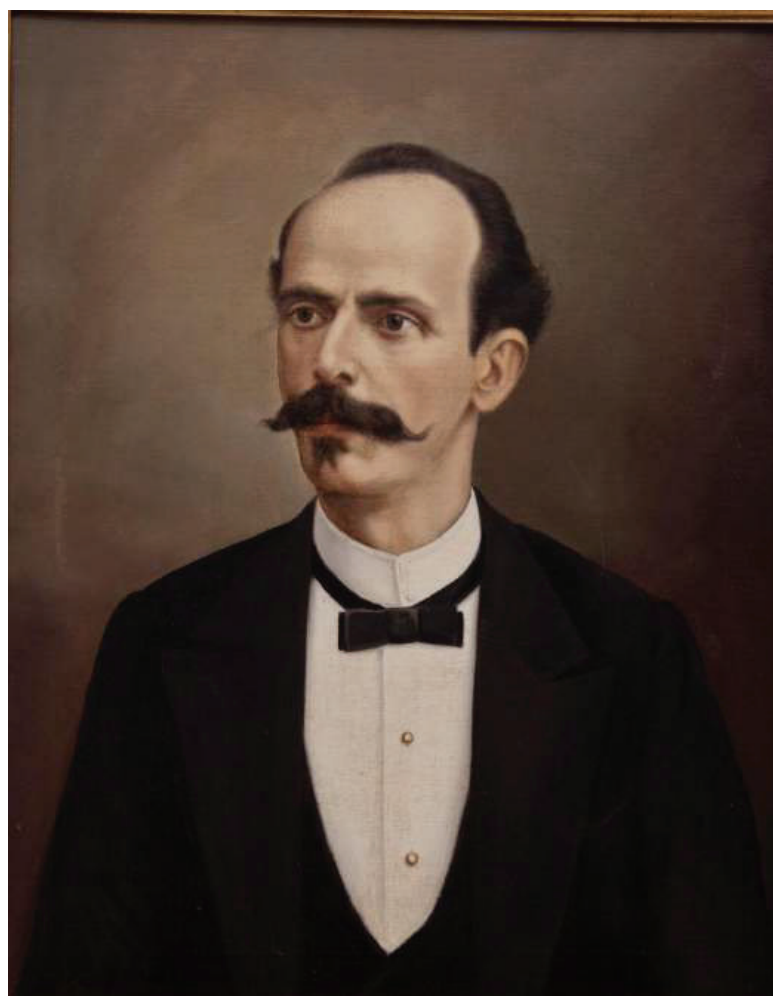


Fonte: Acervo Casa da Memória/FCC.

Antes da Livraria da Imprensa Paranaense, outro estabelecimento que teve destaque foi a livraria Pendula Meridional (1876), fundada pelo carioca Luis Antonio da Silva Coelho. Em sua oficina tipográfica, o editor trouxe à cidade o primeiro prelo mecânico. Foi o maquinário que possibilitou que o periódico Dezenove de Dezembro passasse a circular diariamente.

Localizada no largo Conselheiro Zacarias, a Pêndula Meridional, é considerada por Carneiro (1975) a primeira livraria da cidade. No entanto, o autor aponta que o provável primeiro comércio a vender livros foi a Loja do Papel, no largo da Matriz, n.º 23, atual Praça Tiradentes.

Figura 17 - Luis Antonio da Silva Coelho

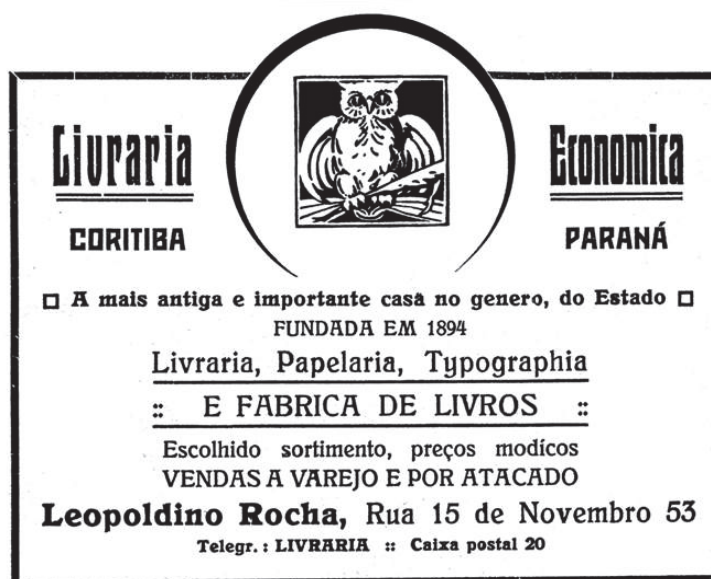


Fonte: Mariano de Lima/ Museu Paraense³⁴.

Em 1894, outra livraria se instalou na província, a Livraria Econômica, de Annibal Requião (1929-2009) e Leopoldino Rocha, na Rua XV de Novembro, n.º 53. Publicou o livro *História do Paraná*, de Romário Martins e *Corografia do Paraná*, de Sebastião Paraná. A qualidade dos impressos e a variedade ganhou o maior prêmio editorial (Carneiro, 1976).

³⁴ Disponível em: <https://www.memoria.pr.gov.br/acervo/33457/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Figura 18 - Selo Livraria Econômica



Fonte: Paulo Koehler / Relação Gráfica Pesquisa (2025).

Figura 19 - Nota fiscal da Livraria Econômica



Fonte: Museu Paranaense / Secretaria de Estado da Cultura³⁵.

³⁵ Disponível em: <https://www.memoria.pr.gov.br/acervo/38860/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

Figura 20 - Oficina da Livraria Econômica



Fonte: Museu Paranaense / Secretaria de Estado da Cultura³⁶.

DeNipoti (1998) aponta que as livrarias exerciam o papel duplo, de venda e produção dos livros, com foco para atender a demanda dos leitores. As obras que não eram produzidas em Curitiba eram recebidas de outros centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Lisboa, Paris e Buenos Aires.

Outras estratégias para agregar os acervos das livrarias era disseminar o conhecimento sobre os livros disponíveis em suas lojas. Para isso, enviavam os exemplares a jornais e revistas, que publicavam resenhas sobre as obras. As matérias vinham com agradecimentos ao editor, livreiro ou autor que havia enviado o livro ao resenhista.

A sede da Livraria Imprensa Paranaense foi transferida para o local anteriormente ocupado pela Livraria Econômica. Embora não haja informações precisas sobre os motivos da mudança, é possível que tenha ocorrido uma parceria entre a livraria de Annibal Requião e a Imprensa Paranaense.

³⁶ Disponível em: <https://www.memoria.pr.gov.br/acervo/169607/referencia>. Acesso em: 14 jun. 2025.

Figura 21 - Matéria Gazeta do Povo sobre a Livraria Econômica

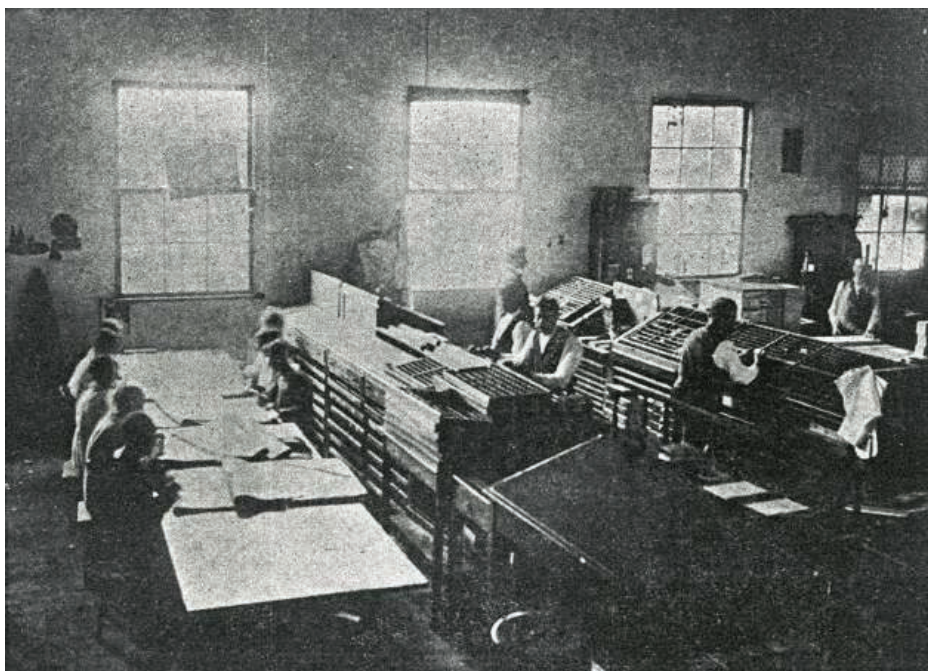


Fonte: Gazeta do Povo (1993)³⁷.

A partir de então, Curitiba apresenta um cenário editorial em expansão, com periódicos e revistas sendo impressos na cidade. Na década de 1880, Pilotto (1976) aponta cerca de dez periódicos apenas em Curitiba. O movimento da Primeira República trouxe um brilho para a imprensa paranaense. Entre 1897 e 1898 cerca de 30 periódicos foram publicados na capital paranaense (Pilotto, 1976).

³⁷ Publicada na Gazeta do Povo, em 13 de junho de 1993. Disponível no Acervo da Casa da Memória / FCC.

Figura 22 - Typographia Paraense em 1922

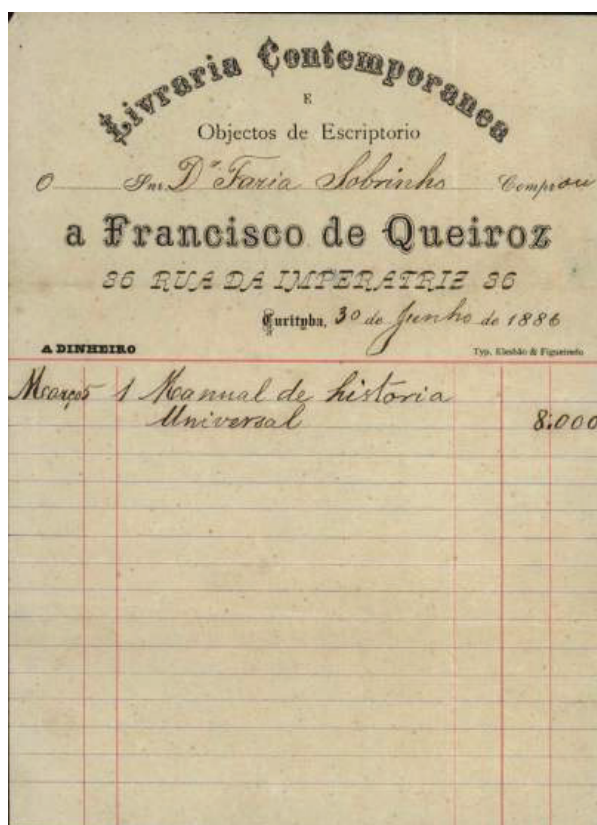


Fonte: Coleção José Carneiro - Acervo Casa da Memória/FCC.

4.2 RUA XV DE NOVEMBRO

A maioria das lojas que vendiam livros estavam localizadas na Rua XV de Novembro. Após a inserção no cenário cultural da livraria Pendula Meridional, sem registros de suas atividades foi um importante marco para o início da distribuição de livros no Paraná. Entre os estabelecimentos da época, os leitores poderiam encontrar a Livraria Econômica (1894); a Livraria Contemporânea (1886), na Rua da Imperatriz, n.º 36; Atelier Novo Mundo; Livraria Popular, de Viriato Carvalho de Oliveira, na Rua Ipiranga; Polaca (1908), de Casemiro Warchalowski, na praça Tiradentes; Livraria João Haupt & Cia (1911), na Rua São Francisco, n.º 237; Livraria Moderna (1913); e a Livraria Mundial (1913).

Figura 23 - Nota fiscal da Livraria Contemporânea



Fonte: Museu Paraense / Secretária de Estado da Cultura³⁸.

O Atelier Novo Mundo, de Adolfo Alencar Guimarães, estava localizada na Rua XV de Novembro.

Figura 24 - Nota fiscal Atelier Novo Mundo



Fonte: Documento 723 DOCX do Acervo Casa da Memória / FCC.

³⁸ Nota Fiscal emitida pela Livraria Contemporânea, na compra do livro "Manual de História Universal". Disponível em: <https://www.memoria.pr.gov.br/acervo/39724/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

Vale destacar a Livraria Mundial, instalada na Rua XV de Novembro, n.º 41, em 1913. Fundada por L. Lobato, foi à falência no ano seguinte, sendo adquirida por Heitor Stocker de França e Domingos Foggiano. Somente depois de Annibal Requião assumir a administração, a livraria adquiriu prestígio no mercado livreiro. Além do destaque pela distribuição de livros, durante três décadas, se tornou um ponto de encontro da elite intelectual da época (Carneiro, 1975). O estabelecimento era tão presente no cenário literário da cidade que DeNipoti (1998) comprava com o alcance da Livraria Garnier, no Rio de Janeiro.

Nesse momento, Curitiba era um centro universitário, principalmente pela formação da Universidade Federal do Paraná, em 1912, o que impulsionou a venda de livros. A Livraria Mundial foi adquirida por João Ghignone, uma vez que os proprietários mantiveram apenas as atividades tipográficas e a papelaria, e venderam a seção de livros.

4.2.1 Livraria Ghignone³⁹

A Livraria Ghignone, fundada pelo italiano João Ghignone (1889-1978), abriu a primeira loja em 1921, chegando a ter 13 lojas na cidade, com o fechamento da última delas em 2011. A família Ghignone havia chegado ao Brasil em 1893, se estabelecendo inicialmente no Rio de Janeiro. Há algumas versões de como João Ghignone chegou ao Paraná: em uma delas, ele mudou para Morretes, para trabalhar em uma fábrica de papel. Em 1920, o historiador Rocha Pombo convidou João Ghignone para ir a Curitiba. Outra versão aponta que ele se estabeleceu no estado em 1900, e trabalhou como gráfico e distribuidor de livros. A trajetória do livreiro é detalhada no livro reportagem deste trabalho jornalístico.

No entanto, foi em 1921 que o italiano inaugurou a primeira loja, na Rua 1 de Março, atual Monsenhor Celso, região central. Por sua relação próxima com Monteiro Lobato e o seu incentivo, fundou duas livrarias, em Salvador e Rio de Janeiro, na mesma década.

A Ghignone foi pioneira na venda de livros no crediário e na valorização de autores locais por meio da Editora Paratodos, editando livros de autores paranaenses. Uma das filiais, localizada na Rua XV de Novembro, n.º 423, permaneceu por 74 anos no local, no entanto, por questões logísticas e a

³⁹ Fonte: Acervo Casa da Memória/ FCC.

econômicas da época, transferida para a Rua Comendador Araújo, n.º 543, a partir de 2005. No local funcionava uma cafeteria, em que os leitores poderiam ler e tomar um café. Também recebia autores para noites de autógrafos e encontros literários. O poeta Paulo Leminski foi balconista na loja.

Em entrevista, a professora e pesquisadora de mercado editorial Leilah Santiago Bufrem (2025) relata que João Ghignone era um livreiro de peso:

Muitas lembranças vêm desafiando minha memória, num espaço infinito de ideias e imagens. Aqui, ao nosso lado, está um gatilho para a memória literária, em forma de Enciclopédia: a Larousse Du XX Siècle. Comprada pelo meu pai, na década de 1950, na Livraria Ghignone, a obra destinava-se a nós, seus dois filhos, Ernani Filho e eu. A livraria era um dos estabelecimentos preferidos, centro do circuito percorrido a pé, iniciado perto do prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade, passando pelos Correios e pelo Café Alvorada, para chegar à Rua XV, onde havia a refinada loja de perfumes, em frente à nossa histórica Livraria Ghignone. Andávamos mais um pouco e, do mesmo lado, as confeitarias Schaffer e da Família marcavam os tempos áureos de meados do século passado (Bufrem, 2025).

João Ghignone faleceu em 1978, aos 89 anos. Após a sua morte, a livraria passou a ser administrada por José Eugênio Ghignone (1921-2014), seu filho, conhecido como o livreiro Dude, até o seu encerramento definitivo, em 2011.

4.2.2 Café Belas Artes

Na década de 1920, o Café Belas Artes também se tornou um ponto de encontro para os autores e intelectuais curitibanos. O espaço integrou o circuito do “Senadinho”, com algumas lojas na Rua XV de Novembro, com comércios, três cafés e uma livraria.

Ali se reuniam intelectuais como João Turin, José Paulo Paes, Glauco Flores de Sá Brito⁴⁰, Armando Ribeiro Pinto e Samuel Guimarães da Costa. Além disso, se tornou emblemática a pedra de mármore branco, onde eram fixados os resumos das matérias diárias de jornais locais, como a *Gazeta do Povo*.

⁴⁰ Glauco Flores de Sá Brito (1928-1975) foi um intelectual gaúcho com grande influência na vida cultural de Curitiba, onde residiu a partir de 1937. Atuou como jornalista, crítico teatral, poeta e dramaturgo. Em 1975, o miniauditório anexo ao Teatro Guaíra foi nomeado em sua homenagem.

Figura 25 - Café Belas Artes



Fonte: Gazeta do Povo (2010)⁴¹.

Em meio a esse cenário efervescente, surgiu a Editora Guaíra (1939), fundada por Oscar de Plácido e Silva (1892-1963). A editora representou grande destaque em serviços gráficos e conhecimento do mercado livreiro, principalmente durante o período da ditadura militar. Encerrou suas atividades por volta de 1959, antes de um incêndio em 1961 destruir o prédio da sede, deixando um legado significativo na história editorial do Paraná e do Brasil, ao promover a circulação de importantes obras e autores em um cenário cultural desafiador.

A importância da editora também se deve a ser pioneira em um mercado que demandava esse tipo de empreendimento, visto que nesse período em Curitiba não existia um selo que publicasse e remunerasse os escritores paranaenses. Os autores conciliavam a carreira literária com outras profissões, e eram publicados por editoras do Rio de Janeiro e São Paulo, como é o caso de Dalton Trevisan.

⁴¹ Na foto encontra-se João Turin, entre dois amigos, em frente ao Café Belas Artes, no final da década de 1930. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/curitiba-e-o-famoso-senadinho-8ezi3pkaxu6q32mgitwye9zri/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

Diante dessa situação, poucos escritores paranaenses editavam os seus livros e, quando o faziam, faltavam recursos para a distribuição da obra, que acabava restrita às livrarias da capital e a algumas poucas do interior. Fora a concorrência com as obras de escritores consagrados, nacionais ou estrangeiros, que chegavam às estantes ao mesmo preço ou até mais baratas, prejudicando sobremaneira sua aquisição pelos leitores. Apenas os amigos e conhecidos prestigiavam a obra e, em sua maioria, as edições locais acabavam encalhadas no estoque (Iorio, 2004, p. 235).

Entre muitos espaços envolvidos na distribuição do livro e no ofício livreiro na capital do Paraná, é perceptível a concentração de livrarias na Rua XV de Novembro e seus arredores. Neste período, o tráfego de veículos ainda era permitido na via, porém, em 1972, sob a gestão do prefeito Jaime Lerner (1937-2021), a rua passou a ser de uso exclusivo dos pedestres.

Trindade (1996, p. 19) define a Rua XV como “principal artéria” da cidade, funcionando como um centro dinâmico para o cotidiano dos autores e a vida cultural curitibana. É possível compará-la à Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, em outra época, pela importância cultural e contribuição para os comércios livreiros.

4.3 NOVO CENÁRIO NO MERCADO EDITORIAL

O mercado editorial brasileiro enfrenta um período de contínuas mudanças. A partir de 2015, o setor precisou se adaptar a um novo cenário, marcado pelo declínio do modelo de livrarias físicas tradicionais, pelo crescimento dos *marketplaces* e surgimento de livrarias independentes. De acordo a pesquisa “Produção e vendas do setor editorial brasileiro”, realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a Associação Nacional de Livrarias (ANL) e o Sindicato Nacional dos Editores dos Livros (SNEL), já apontava, na edição de 2015⁴², um encolhimento de 10,87% na tiragem de exemplares em 2014, comparado ao ano anterior. O setor continuou a sentir as mudanças econômicas nos próximos anos, na pesquisa do ano de 2020⁴³, revelou uma queda de 20,5% da tiragem e 17,4% no lançamento de novos títulos. Já

⁴² Disponível em:

<https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Producao-e-Vendas-do-Sector-Editorial-Brasileiro-2015.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2025.

⁴³ Disponível em:

https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/05/2_APRESENTACAO-Pesquisa-Producao-e-Vendas-ano-base-2020-1-1.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

em 2025⁴⁴, ocorreu um crescimento de 14,5% na produção de títulos impressos, embora a produção de novos títulos tenha redução 2,8% em 2024.

Essas mudanças refletem diretamente nos canais de venda. Entre os anos de 2019 e 2020, as livrarias físicas tiveram um recuo de 11,3%, enquanto as livrarias exclusivamente virtuais cresceram 12,1% (CBL, ANL, SNEL, 2020). Em comparação aos anos de 2023 e 2024 da mesma pesquisa, as lojas físicas reduziram 0,3% de participação e as virtuais cresceram 1,1% (CBL, ANL, SNEL, 2025).

Esses dados se tornam ainda mais expressivos sob o ponto de vista da crise enfrentada pelas megastores⁴⁵, como a Livraria Saraiva⁴⁶, Livraria Leitura⁴⁷ e Livraria Cultura⁴⁸ devido ao crescimento da varejista Amazon, isto é, *marketplaces* exclusivamente virtuais.

4.3.1 O modelo de *megastores*: Livrarias Curitiba

As megastores, que dominaram o cenário literário norte-americano nos anos 1980 e chegaram ao Brasil na década seguinte, representaram um modelo de negócio próspero entre os anos 1990 e 2015. Esse modelo distancia o contato entre o livreiro e o leitor, ainda que realizem encontros, atividades literárias como sessão de autógrafos e outras ações, a figura do livreiro não é mais a mesma de curador e agente cultural.

Esse modelo de livraria busca sustentar uma autoimagem de equipamento cultural, expressa nos slogans e visões institucionais das principais redes varejistas, no espaço que oferece, na natureza das atividades que busca promover e na forma como amplificam a gestão de suas marcas ao promoverem e administrarem a cobertura de suas atividades nas redes sociais digitais (Souza, 2022, p. 100).

A gestão, impulsionada pela modernização e impessoalidade, alterou profundamente o ecossistema do livro. A função do livreiro, antes um curador,

⁴⁴ Disponível em:

https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/05/Producao_e_Vendas_anobase_2024_imprensa.pdf.

Acesso em: 18 ago. 2025.

⁴⁵ As megastores são livrarias físicas com tamanho médio de 1.000m², a maioria são localizadas em shopping center e proporcionam grande acervo de livros. No entanto, oferecem diversos produtos além do universo literário.

⁴⁶ A Saraiva era a maior rede de livrarias do Brasil, com cerca de 99 lojas por todo o Brasil.

⁴⁷ A rede de Livrarias Leitura, era a segunda maior com 65 lojas por todo o Brasil.

⁴⁸ Já a rede de livrarias Cultura, era a terceira maior com cerca de 17 livrarias. Uma das lojas é a maior livraria do país, está localizada no Conjunto Nacional na avenida Paulista em São Paulo, com 4300 m² (Souza, 2022). No entanto, a loja fechou em abril de 2024, após a empresa não conseguir um acordo sobre o valor do aluguel com a proprietária do imóvel, com uma dívida que em 2021 já somava R\$ 15 milhões (PublishNews, 2024).

migrou do balcão para os escritórios de gestão (Souza, 2022), e práticas comerciais como a consignação se generalizaram, alterando a relação com editoras e distribuidoras. O pagamento em consignação se tornou ainda mais comum, já que nesse negócio as editoras recebiam o valor dos livros à medida que as livrarias realizavam as vendas.

Diante dos desafios enfrentados pelo mercado editorial brasileiros, que englobam essas relações comerciais e as oscilações econômicas dos últimos anos. Por exemplo, o aumento de 7% no preço médio do livro em 2023, de acordo com a Câmara Brasileira do Livro e da Nielsen BookData⁴⁹, o que impactou na compra dos livros, e contribui cada vez mais para o declínio desse modelo.

Em paralelo, algumas megastores começaram a ter uma presença digital, e em poucos anos diversos varejistas apresentavam e-commerces⁵⁰ e marketplaces⁵¹, conforme a preferência do consumidor para o ambiente digital. A pesquisa Panorama de Consumos de Livros, realizada pela Câmara Brasileira do Livro e Nielsen BookData (2025)⁵², analisando o consumo referente ao ano de 2024, cerca de 55% dos consumidores prefere comprar livros em lojas on-line e 39% prefere comprar em lojas físicas. Os clientes são atraídos por melhores preços, praticidade e facilidade da busca sem sair de casa.

No cenário paranaense, o grupo Livrarias Curitiba, fundado em 1963, exemplifica a trajetória do modelo. Inicialmente como uma distribuidora focada em livros didáticos e jurídicos, inaugurou a primeira loja no modelo *megastore* em 1999 (Silva, 2019).

O livreiro catarinense Valentim Pedri era apaixonado por livros e tinha o sonho de abrir uma livraria ao lado da esposa, Myrian. Assim, surgiu a primeira loja na Rua Voluntários da Pátria, em Curitiba, com apenas quatro funcionários, concentrada na venda de livros didáticos e jurídicos. Alguns anos depois, passou a atender escolas do Paraná. Nos primeiros 30 anos do grupo permaneceu vendendo materiais

⁴⁹ Disponível em:

https://www.cbl.org.br/wp-content/uploads/2024/02/1701890856753Pesquisa20Panorama20do20Consumo20de20Livros_para20publicaC3A7C3A3o_V1.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

⁵⁰ O modelo é baseado na “estrutura de negócios e trocas comerciais operada através do gerenciamento e processamento de dados na internet” (Souza, 2022, p.140). Pode-se compreender também o site institucional de uma empresa, que os produtos são vendidos.

⁵¹ Já os marketplaces correspondem a uma plataforma digital que pode vender produtos de diversos setores, como um “shopping virtual” (Souza, 2022, p.140)

⁵² Disponível em:

https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/02/2024_Panorama-do-Consumo-de-Livros_Imprensa_V2.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

didáticos e iniciou o processo de expansão pelo sul do Brasil. O grupo é um dos poucos que se mantêm em crescimento após a crise que levou gigantes como Saraiva e Cultura solicitarem recuperação judicial em 2018, por conta de dívidas e concorrência da Amazon.

4.3.2 A chegada da Amazon

A varejista Amazon, é uma empresa que já iniciou digital, fundada por Jeff Bezos nos Estados Unidos, em 1990, com objetivo de atuar apenas na internet e ser uma “loja de tudo” (Oliveira, 2023). Atualmente, faz parte das atuais *Big techs*, ao lado de Google, Apple, Microsoft, Meta (Facebook), Nvidia, entre outros, evidenciando seu controle e investimento tecnológico.

A empresa começou os negócios no Brasil em 2011, com uma forma diferente de pagamento com as editoras, os livros eram pagos conforme recebia os pedidos da editora, podendo solicitar descontos e atuando como marketplace. A loja é elegível para vendas em 235 países.

Com grande poder comercial, já que atuava no mundo todo, a competitividade da Amazon se tornou quase imbatível. “A política agressiva de preços adotada logo após o lançamento do Kindle, em 2007”⁵³ (Souza, 2022, p. 155), combatendo o preço das livrarias físicas sendo injusta até mesmo para as editoras (Oliveira, 2023).

O e-commerce e os marketplaces representam um conjunto de tecnologias e plataformas digitais que representam esse fator externo ao campo com poder de penetração e influência cada vez maior, modificando as posições e relações entre os agentes. A digitalização, como processo social e estratégia comercial, afeta práticas de consumo e de percepção do mercado editorial e, conseqüentemente, o modo como a oferta é construída dentro e fora desse campo (Souza, 2022, p. 160).

A pesquisadora Oliveira (2023) investiga o método da plataforma para promover o consumo, ao capturar a atenção e convencer o consumidor a comprar, com base nos dados dos próprios usuários na plataforma e algoritmos.

A Amazon utiliza estratégias de negócios baseada nos dados coletados dentro da plataforma durante a navegação dos usuários. Uma das formas de uso desses dados são para a construção e aplicação dos algoritmos de recomendações de produtos. Mais adiante, no referencial teórico,

⁵³ O dispositivo Kindle, é um leitor digital, no mesmo momento apresentou uma plataforma de publicação de autores independentes, o Kindle Direct Publishing (KDP), sendo um dos principais métodos de publicação independente e venda de ebooks (Oliveira, 2023).

aprofundaremos neste tema ao tratar do histórico do algoritmo de recomendação da plataforma (Oliveira, 2023, p. 20).

Diante disso, o consumo produzido pela Amazon configura livro como uma mercadoria, como aponta Chartier (1998). A materialidade do livro e o ato de ler vão além da mercadologia, sendo o objeto físico caráter afetivo. A pesquisa que avalia o consumo dos leitores realizada pela CBL e Nilsen BookData (2025) relatou que o site que os respondentes fizeram a última compra de livros impressos foi a Amazon, com 61,7%, atualmente um monopólio digital na venda de livros.

Esse aspecto discursivo, que encerra uma das dimensões do processo de mercantilização da cultura, diz respeito às controvérsias em torno do caráter de autenticidade de experiência literária que as megastores promovem, notadamente quando, em função do seu modelo de redes de livrarias, estaria supostamente se distanciando do contato do livreiro com o leitor, mais característico da editora-livraria [...], e que ainda sobrevive atualmente no modelo das livrarias independentes (Souza, 2022, p. 99).

Para Ana Paula Simonaci (2020) a falência e dívidas do setor editorial das megastores como Cultura e Saraiva contribuíram para o rápido crescimento da Amazon. “Um modelo que traz um enorme prejuízo a toda a cadeia produtiva do livro no Brasil e deixa de fomentar o público leitor, com rodas de leitura, lançamentos, círculos literários e encontros, como costumava ocorrer em livrarias tradicionais”.

Diante desse cenário do mercado editorial Silva (2019, p. 128) apresenta no cenário atual se consolidam seis perfis de negócios livreiros, são eles: “redes ou franquias; tradicionais; temáticas; institucionais; clubes de leitura; e on-line”, e dez modelos de operação, como: “mega, shopping center, rua, independente, on-line, temática, universitária, porta a porta, sebo, clube de assinatura e papelaria”. As livrarias independentes como Arte & Letra e Telaranha, em Curitiba, fazem parte do perfil atual que investe no caráter afetivo dos livros.

4.3.3 Livrarias de bairro: Arte & Letra e Telaranha

A partir desses modelos e práticas mercadológicas, as livrarias independentes começam a se destacar, a partir de 2022. Considerados livrarias físicas de pequeno porte, com média de 100m² e 200m², esses estabelecimentos se diferenciam pelo foco na curadoria de livros, na promoção da bibliodiversidade e na criação de uma relação afetiva com o leitor (Chartier, 1998; Souza, 2022).

O termo "independente", segundo Souza (2022), é um marcador de "não pertencimento" ao modelo das grandes redes, com conotação heroica, desbravadora e resiliente. "Uma das principais características desse modelo empresarial é sua relação com a representação coletiva de espaço de lazer, entretenimento e fruição cultural (Souza, 2022, p. 174). Espaços culturais que vão além da prática comercial de livros, estão inseridos na vida cultural do leitor.

As livrarias de ruas, também são englobadas na categoria independente, as lojas localizadas em bairros e compreendem as mesmas medidas espaciais. Por exemplo, em Curitiba, a Arte e Letra e a Telaranha. Os espaços têm em comum a combinação do café, a venda de livros, espaços de convivência, eventos literários e o selo editorial.

A Telaranha, em Curitiba, fundada por Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira, em 2024, foca em proporcionar ao leitor uma experiência singular. No local, o espaço para café, livros infantis e itens de papelaria complementam a livraria, como já se tornou comum nesse mercado. Mas, o diferencial é o selo Telaranha Edições, com publicações próprias focadas em literatura, artes visuais e humanidades, que "se propõe a pensar o texto em diferentes configurações, concebendo a edição como um vértice entre livros e leitores"⁵⁴.

⁵⁴ Disponível em: <https://telaranha.com.br/a-editora/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

Figura 26 - Livraria Telaranha em Curitiba



Fonte: A autora (2025).

A curadoria das livrarias independentes contribui para a bibliodiversidade, propondo títulos de autores nacionais e obras artesanais. A Amazon privilegia os títulos mais vendidos e avaliados pelos clientes, um modelo que não prioriza o contato do livreiro com o leitor. Carrion (2020) aponta que uma livraria de bairro se torna um espaço de encontro e afeto, que vai além da simples transação comercial.

Quem sobrevive precisa colocar mais um prato no malabarismo que é manter uma livraria de bairro no Brasil: receber todos como amigos e amigas, abrir as portas para os lançamentos dos autores locais, produzir eventos, ceder espaço para reuniões e clubes de leitura, embora sabendo que é este o papel de uma livraria, assim como realizar curadoria dos livros, indicá-los aos leitores que a frequentam, formar novos leitores, semear a ideia de que ler é bom e estimular os encontros mediados pela leitura e pelo pensamento crítico. (Carrion, 2020, 240/241).

No caso da Telaranha, a curadoria é um dos pilares do negócio. A proposta tem uma abordagem afetiva às categorias de livros, abandonando a tradicional separação por gênero ou ordem alfabética de autor, a livraria propõe “percursos de leitura”, com base nas ideias do historiador alemão Aby Warburg (1866-1929). Essa organização busca criar uma “aproximação afetiva” com o leitor, um encontro do livro

com o público. Atualmente, são cerca de 10 mil títulos em exposição, de mais de 100 editoras. Alguns das categorias: “entrelinha: para quem procura beleza nas coisas pequenas”, “abya yala: na língua indígena kuna, significa ‘terra viva’, sinônimo de América” ou “retratos: para mergulhar na memória de livros, pessoas e lugares”.

Figura 27 - Curadoria de livros na Livraria Telaranha



Fonte: A autora (2025).

Fundada em 2006 pelos irmãos Thiago e Frede Tizzot, a Arte & Letra nasceu da união de diferentes talentos e paixões dos irmãos. De um lado, a expertise de Thiago como leitor, escritor e editor; de outro, a veia artística de Frede como designer e ilustrador. No local, também funciona o Laboratório Gráfico, espaço em que a maioria dos livros da editora são produzidos de forma artesanal. Esse processo, que pode ser acompanhado pelos frequentadores através da janela que possibilita os leitores verem o processo durante um momento no café, em uma experiência que aproxima o leitor do processo de produção dos exemplares.

Figura 28 - Livraria Arte & Letra em Curitiba



Fonte: A autora (2024).

Investindo no livro físico, com foco em uma edição de qualidade e exclusiva, desde o papel até às ilustrações, é um dos propósitos da editora. Já que o preço é o que mais eleva o custo de produção, de acordo com Frede Tizzot⁵⁵, na Arte & Letra cada etapa passa pelas mãos da equipe de forma artesanal e prioriza o livro. De acordo com Tizzot, cada livro leva cerca de 20 minutos para ser produzido após a impressão, na etapa de produção manual, com dedicação única a cada exemplar.

⁵⁵ TIZZOT, Frede. **Entrevista a Ana Luiza Halat e Nayara Tays de Almeida**. Curitiba: UFPR, 2024.

Figura 29 - Interior da livraria Arte & Letra



Fonte: Ana Luiza Halat (2024)

Em 2024 aconteceu a primeira Feira Literária de Curitiba, a Flicu, desenvolvida e idealizada totalmente pela equipe da Arte & Letra, com objetivo de dar destaque para a “cena literária curitibana”⁵⁶ e a comunidade de leitores. O evento teve uma segunda edição em 2025.

Apesar da dominância online, esse modelo tem conquistado seu público. A pesquisa Panorama de Consumos de Livros (CBL, Nielsen BookData, 2025) indicou que 23,4% dos entrevistados realizaram sua última compra de livro impresso em uma livraria de bairro, demonstrando que, em um mercado em transformação, a experiência literária ainda possui valor simbólico para os leitores.

4.4 MAPEAMENTO DE LIVRARIAS EM CURITIBA

A análise do cenário literário curitibano, apresentada neste capítulo, revela uma construção histórica, marcada por inúmeros agentes culturais desde o século

⁵⁶ Disponível em: <https://arteeletra.substack.com/p/flicu-2025>. Acesso em: 17 ago. 2025.

XIX. Com isso, o objetivo deste trabalho é aprofundar a compreensão sobre a trajetória das livrarias e a sua relevância cultural na cidade.

A **Tabela 6** reúne um levantamento das livrarias identificadas durante a pesquisa, conforme local e data de funcionamento⁵⁷.

Tabela 6 - Mapeamento de livrarias em Curitiba

Nome	Ano	Endereço
Pendula Meridional	1876	-
Livraria Contemporânea	1886	Rua XV de Novembro, nº 36
Livraria Econômica	1894	Rua XV de Novembro, nº 53
Livraria da Imprensa Paranaense	1898	Rua Comendador Araújo, nº 109
Polaca	1908	Praça Tiradentes
Livraria Mundial	1913	Rua XV de Novembro, nº 41
Livraria Popular		Rua Ipiranga
Livraria Moderna	1913	Rua XV de Novembro
Café Belas Artes	Décadas de 1920 a 1950	Rua XV de Novembro
Livraria João Haupt & Cia	1921 - 1975	Rua São Francisco, nº 237
Livrarias Ghignone	Primeira loja: 1921	Rua 1º de Março (atual Monsenhor Celso)
	Última loja: 2005 - 2011	Rua Comendador Araújo, nº 534
Livraria Universitária	1939 - 1985	Rua Presidente Faria (em frente a UFPR)

⁵⁷ Esse mapeamento foi realizado durante a produção desse trabalho, não apresenta na totalidade todos os comércios literários.

Livraria Estudantil	1943 - 1983	Galeria Andrade
O Globo	Década de 60	Barão do Rio Branco
Livraria Edições Paulinas	1949 - 1981	Rua Voluntários da Pátria, nº 225
Livrarias Curitiba	1963	Rua Voluntários da Pátria
Livraria do Chain	Desde 1973	Rua General Carneiro, nº 441
Ao Livro Técnico/ Guerreiro	1975	Santos Andrade/ Rua Treze de Maio e Shopping Itália
Livraria Ipê-Amarelo/ Ypê Amarelo	1989	Rua Comendador Araújo, nº 96
Livraria Dario Vellozo	1982	Praça Garibaldi, nº 7
Lilith	1991 - 2002	Galeria Schaffer, Loja 3
Livraria do Eleotério	1992	Rua XV de Novembro, nº 1057
Livraria Zeppelin	1997	Rua Saldanha Marinho, nº 863
Itiban Comics Shop	Desde 1989	Av. Silva Jardim, nº 845
A Página Livrarias	Desde 1999	Shopping Estação
Livraria Alexandria	2000	Rua Mariano Torres, nº 146, Loja 1
Mahatma - Livraria de Expansão	Desde 2003	R. Alcides Munhoz, 21, Loja 10
Arte & Letra	Desde 2006	Rua Desembargador Motta, nº 2011
Joaquim Livros & Discos	Desde 2006	Rua Alfredo Bufren, nº 51

JM Editora e Livraria Jurídica	2010	-
Livraria Vertov	Desde 2010	Rua Visconde do Rio Branco, nº 835
Livraria da Vila	Desde 2013	Pátio Batel e Park Shopping Barigui
Livraria Barbante	2018 - 2019	Rua Saldanha Marinho, nº 1220
Maitê Livros	2022	Rua Conselheiro Laurindo, nº 107
Telaranha	Desde 2024	Rua Ébano Pereira, nº 269

Fonte: A autora (2025).

Os diferentes perfis de negócio, como megastores e livrarias de rua compõem o multifacetado cenário literário de uma capital com a presença do comércio livreiro em destaque.

5. A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA ALÉM DO CARÁTER INFORMATIVO

O jornalismo é conhecido, principalmente, por seu compromisso com as notícias factuais, como observa Borges, o “jornalismo sobrevive dessa capacidade de mediar a realidade” (Borges, 2013, p. 166). Como um campo da comunicação, reúne diversas categorias, entre elas o jornalismo literário, que apresenta características além do factual. Em diálogo com o livro-reportagem (Lima, 2009), a produção jornalística ganha forma no papel e aprofunda pautas. Para abordar essas questões, a bibliografia utilizada é: Lima (2009); Borges (2013); Castro (2010); Conceição (2020); e Santos (2016).

5.1 JORNALISMO LITERÁRIO

A presença da literatura no jornalismo se intensifica na segunda metade do século XIX, acompanhando a modernização da imprensa e a consolidação de novos formatos narrativos. No entanto, como observa Gustavo de Castro (2010), há registros de práticas que mesclam informação e características da literatura anterior à Idade Média. A partir do século XVII, porém, ficou evidente a separação de textos jornalísticos e textos literários, com o crescimento da imprensa periódica.

Edvaldo Pereira Lima (2009) aponta que, inicialmente, o ponto de encontro entre a literatura e o jornalismo era apenas a escrita. A produção literárias de autores como Charles Dickens (1812-1870), Mark Twain (1835-1910) e Fiódor Dostoiévski (1821-1881), no século XIX, passaram a integrar elementos literários ao jornalismo, os autores escreviam para jornais e revistas, abordando temas sociais com técnicas narrativas, em reportagens, crônicas e folhetins. Esse movimento foi na contramão do que todos acreditavam que era o jornalismo factual, já que ia além de apenas estético (Conceição, 2020).

Principalmente com o avanço do *New Journalism*, movimento que surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, o jornalismo passou a introduzir de maneira consciente características literárias ao formato jornalístico, contribuindo para o resgate do jornalismo literário nos anos seguintes. Conceição (2020, p. 39) classifica de maneira categórica que esse movimento no jornalismo, “era como se a Literatura e o Jornalismo tivessem tido um filho, mas nenhum dos dois queria assumir a responsabilidade por esse ‘novo’ ser”.

Borges (2013, p. 226) aponta que o jornalismo literário responde às mesmas perguntas características de um lead⁵⁸ no jornalismo, como: o quê, quem, quando, onde, como e por quê, mas que a diferença está na maneira de como isso é desenvolvido. “O jornalismo literário se propõe a cumprir a tarefa contando a história de uma maneira próxima à que a literatura faria”.

No jornalismo literário não é preciso manter uma “máscara de imparcialidade” (Conceição, 2020, p. 45), mas ir além do lead, permitindo o jornalista “inferir, implicar, deduzir, valorizar entrelinhas e subentendidos, não mascarar as possibilidades da informação, não reduzi-las a um número conveniente de hipóteses, enfatizar a não conclusividade” (Borges, 2013, p. 235-236).

O livro de Truman Capote, *A Sangue Frio* (1966), é um exemplo dessa capacidade do gênero híbrido pelas características literárias e a investigação jornalística, é considerado um marco inicial para o gênero do livro-reportagem.

No Brasil, autores como Euclides da Cunha e João do Rio, foram precursores. Como afirma Castro, “Os *Sertões* não é especificamente uma coisa ou outra, mas ambas” (Castro, 2010, p. 29). Alguns exemplos contemporâneos como Clarice Lispector, Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade por meio de crônicas e outros textos publicados em jornais e revistas, eles se tornaram referências do jornalismo literário no Brasil, utilizando uma abordagem subjetiva para tratar de temas do cotidiano (Conceição, 2020).

A conexão entre esses campos passou a ser chamada de Jornalismo Literário. Borges (2013) define o jornalismo literário como um híbrido entre jornalismo e a literatura, encontrando uma autonomia entre esses dois campos, “não buscando necessariamente um meio termo, mas uma localização autônoma” (2013, p. 13). Além de uma nova categoria, é um discurso unificador para aprofundar a narrativa jornalística. Gustavo de Castro (2010) define o estilo como,

(...) a conjunção de conhecimentos, saberes, savoir-faire, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano (Castro, 2010, p. 5).

⁵⁸ O modelo de lead ficou conhecido no século XX, no norte da América, no qual, deve-se responder as perguntas principais de maneira sucinta no primeiro parágrafo (Conceição, 2020).

A partir dessa definição, compreende que é um estilo livre e, ao mesmo tempo, desafiador. Ele amplia o conceito de informação, tornando a narrativa multifocal e complexa. Dessa forma, expande o formato limitado do *lead*, apesar de eficiente nas redações de jornal, propõe uma reconstrução na forma de narrar. Conceição (2020, p. 20) aponta que o gênero propõe maneiras diferentes de tratar pautas, construídas a partir do aprofundamento e na interpretação, ela aponta “esse gênero híbrido vai tratar o cotidiano com um filtro diferente daquele usado na imprensa tradicional, indo além do que está posto, e esse além não está só na forma de escrita, mas no aprofundamento e na interpretação”.

Para Castro (2010, p. 27), “a literatura ‘empurra’ o jornalismo para a arte enquanto que o jornalismo traz a literatura para a vida real”. Borges (2013, p. 211) compara a modalidade a um jogo de xadrez, por meio de uma relação entre a ficção e a realidade, que “abraça os dois, optando ora mais por um, ora mais por outro, mas não abandonando ambos jamais”.

Entre os principais objetivos do jornalismo literário, estão:

1. Aprofundar ou verticalizar o texto jornalístico através do recurso da literariedade e da liberdade estilística, criando uma diversidade de narrações e de narradores que, a meu ver, só enriquece a leitura e o jornal. [...] e 2. Apostar no prazer da escritura e do texto (Castro, 2010, p. 7).

Os gêneros mais comuns nesse estilo são o perfil, a crônica, a biografia e o livro-reportagem, porém, nem todos os conteúdos nesse formato encontram o jornalismo literário, já que pode manter o rigor factual e informativo, utilizando na investigação, dados e estatísticas. A modalidade do jornalismo literário propõe um mergulho do jornalista no universo dos personagens, sem, no entanto, se confundir com a criação literária, mas manter o rigor informativo.

O Jornalismo Literário deve relatar o que aconteceu, mas seu viés literário permite que, embasado nos fatos, implique acontecimentos não visíveis, mas prováveis a partir do que é visível; não inventados, mas deduzíveis a partir do que foi testemunhado; não absolutos, mas pertinentes, ainda que relativos (Borges, 2013, p. 190).

A partir dessa contextualização, o jornalismo literário se encontra entre as sutilezas da seleção das fontes, histórias e maneira de narrar. Conceição (2020, p. 45) observa que a força desse gênero está na “observação de detalhes que não

parecem importantes para o jornalismo hegemônico, dando a coisas e a aspectos aparentemente insignificantes, um significado”. Sob essas circunstâncias o produto final se atenta para construção de um livro-reportagem a partir desse gênero híbrido.

5.2 LIVRO-REPORTAGEM: UMA GRANDE REPORTAGEM

Enquanto isso, o livro-reportagem se encaixa na simbiose com o jornalismo literário, sob perspectiva do jornalismo imersivo ou em profundidade, visto que apresenta uma “grande reportagem” nos moldes do jornalismo literário.

O formato jornalístico livro-reportagem cresceu a partir dos anos 1960, nos Estados Unidos, impulsionado pelo movimento do *New Journalism*. Nesse mesmo período, o livro de Truman Capote (1966), é também um livro-reportagem que utiliza o gênero literário para abordar a investigação jornalística, como apontado anteriormente.

Além de aprofundar a narrativa, apresenta temáticas da contemporaneidade, mesmo não sendo periódico. Lima (2009, p. 26) define o formato, enquanto suporte midiático, como um “veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”.

A partir dessa definição, pode-se relacionar com a definição de Marli dos Santos (2016), que o livro-reportagem contempla uma forma expandida da reportagem, rompendo com os limites do *hard news* e incorporando elementos do jornalismo literário para aprofundar a abordagem sobre as pautas.

Lima (2009) apresenta três condições que o livro-reportagem se distingue das demais publicações, são elas: o conteúdo, a forma que de abordagem da temática; o tratamento, em relação à linguagem e a edição do texto; e por fim, a função do jornalismo informativo.

O livro-reportagem pode ser compreendido como um subsistema híbrido, que transita entre o sistema jornalístico e o editorial. Essa característica se deve tanto ao processo de edição do texto quanto ao aspecto editorial desse formato. É nesse contexto que a história oral desempenha papel de destaque, pois permite capturar subjetividades, memórias e vozes esquecidas.

Lima (2009) apresenta algumas categorias do formato e narrativa. Entre as classificações discutidas, o **livro-reportagem-história** contempla o foco em um tema do passado atual ou distante, mas que se conecta com o presente, por meio

de um elo comum com o leitor. Já o **livro-reportagem-perfil**, “procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (Lima, 2009, p. 51).

O produto deste trabalho será um livro-reportagem que mescla essas duas classificações, o livro-reportagem-história e o livro-reportagem-perfil. A partir das livrarias de Curitiba – os aspectos que envolvem os livreiros e o carácter simbólico desses espaços –, busca a compreensão do fascínio dos leitores com esses ambientes, compondo um recorte da história dos livreiros e da distribuição dos livros na cidade.

6. O LIVRO DAS LIVRARIAS: OS ESPAÇOS POR ONDE PASSA A CURITIBA QUE LÊ

A partir dos conhecimentos adquiridos durante a graduação e, especificamente das leituras e pesquisas feitas na disciplina de TCC1, este trabalho teórico-metodológico tem como objetivo a elaboração de um livro-reportagem sobre a presença histórica de livreiros e livrarias em Curitiba, personagens e espaços que, ao longo do tempo, perpetuaram o fascínio entre os leitores até a atualidade.

Considerando o caráter híbrido do livro-reportagem, que mescla técnicas do jornalismo literário, narrativa subjetiva e investigação jornalística, serão utilizados como métodos da produção jornalística textual, aliando as entrevistas em profundidade e pesquisa documental para compreender o universo livreiro curitibano.

O título da obra, *O livro das Livrarias: os espaços por onde passa a Curitiba que lê*, surgiu de forma espontânea a partir do processo de produção do livro e de um brainstorm com o orientador da pesquisa. A escolha procura refletir não apenas o objeto central do estudo, as livrarias, mas também o caráter simbólico desses ambientes. Assim, o título assume a carga simbólica, por se tratar de um livro sobre livrarias, e a partir delas, visto que são espaços que armazenam as histórias.

O subtítulo, por sua vez, amplia essa compreensão ao reunir tanto a perspectiva histórica quanto a temática da pesquisa, colocando em evidência os leitores curitibanos e seus percursos. Dessa forma, “os espaços por onde passa a Curitiba que lê” sinaliza que as livrarias não são apenas cenários físicos, mas pontos de encontro, circulação e construção da identidade leitora da cidade. O título e o subtítulo se complementam, formando um convite ao leitor: conhecer Curitiba por meio dos espaços que ajudam em sua construção.

6.1 MÉTODOS ESPECÍFICOS

O desenvolvimento deste trabalho foi construído a partir de algumas etapas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas e técnicas do jornalismo literário. A seguir, detalho cada uma dessas etapas.

1. **Pesquisa bibliográfica:** A etapa inicial envolveu a seleção de autores e obras que contribuíssem para a compreensão do tema. Foram realizadas

leituras e fichamentos voltados à materialização do livro, à história da distribuição editorial, à formação das livrarias e à censura, tanto na Europa quanto no Brasil. Também foram investigadas as origens das artes gráficas em Curitiba, a constituição das primeiras livrarias na cidade e os modos de circulação do livro. Além disso, obras sobre jornalismo literário e livro-reportagem foram fundamentais para embasar a construção narrativa da proposta.

2. **Pesquisa documental:** A pesquisa documental envolveu a consulta a acervos físicos e digitais, como os do Instituto Moreira Salles, da Biblioteca Nacional, de museus do Paraná e da Hemeroteca Digital Brasileira, com o objetivo de mapear o surgimento e a atuação de livrarias em Curitiba, a partir do século XIX. Com isso, foram realizadas visitas à Casa da Memória de Curitiba (**Figura 30**), e ao Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Esses momentos foram fundamentais para a coleta de imagens, notas fiscais, anúncios antigos, registros de tipografias e outros materiais que ajudaram a reconstruir a trajetória livreira da cidade.

Figura 30 - Visita a Casa da Memória



Fonte: A autora (2025)

3. **Entrevistas:** As entrevistas em profundidade foram escolhidas por permitirem compreender o tema a partir da perspectiva subjetiva das fontes. Conforme Duarte (2010), esse tipo de entrevista permite captar diferentes maneiras de perceber e narrar os fenômenos investigados. Foram selecionadas fontes com experiências significativas no campo livreiro, pesquisadores sobre o livro e livreiros. Ao todo foram realizadas 21 entrevistas presenciais e online, são elas: Fernando Ghignone, Tania Ghignone, Richel D'Aguiar, Daniele Nazário, Marcos Roberto Ramos Duarte, Raul K Souza, Aramis Chain, Adélia Lopes, Erich Miners, Socorro Araújo, Bebeti do Amaral Gurgel, Paulo Vitola, Marcello Romeiro, Leilah Santiago Bufrem (Apêndice 1), João Varella (Apêndice 2), Hélio Puglielli, Zeca Corrêa Leite, Emanuela Siqueira, Fernando Velloso, Thiago Tizzot e Frede Tizzot.
4. **Estrutura do livro:** A estrutura do livro-reportagem foi organizada de modo a conduzir o leitor por um percurso histórico e afetivo pelas livrarias curitibanas. Nos dois capítulos iniciais, está o prefácio, escrito pela jornalista e coordenadora da empresa Literato Comunicação e Conteúdo, Roberta Braga, e o texto de apresentação que contextualiza o fenômeno das livrarias literárias por diversos países.

O primeiro capítulo, Passaporte para a memória, resgata as primeiras livrarias de Curitiba, apresentando o contexto do século XIX e início do século XX, bem como os personagens centrais que contribuíram para a formação do ambiente literário local, como a Livraria Mundial, Contemporânea e Imprensa Paranaense.

Já o segundo capítulo, Geração Ghignone, se dedica à trajetória da tradicional Livraria Ghignone e ao impacto de seus livreiros na vida cultural da cidade, destacando a relação com autores como Dalton Trevisan e Paulo Leminski.

O terceiro capítulo, De mulheres para mulheres, aborda as livrarias feministas e progressistas de Curitiba, com destaque para a Livraria Lilith e a Livraria Vertov. Nessa parte, o livro-reportagem evidencia como esses espaços funcionam como territórios de acolhimento, resistência e fortalecimento de vozes femininas no campo literário.

O quarto capítulo, Um modelo de negócio, apresenta as grandes redes de livrarias presentes nos shoppings de Curitiba, como as Livrarias Curitiba e Livraria da Vila, discutindo seus modelos empresariais, estratégias de mercado e sua importância para a formação de novos leitores.

O quinto capítulo, *A livraria é viva*, discute a livraria como espaços em constante movimento. A partir de entrevistas e observações, o capítulo apresenta a livrarias de rua, como Telaranha e Arte & Letra, como locais de relações afetivas e culturais entrelaçadas, reforçando a ideia de que esse tipo de comércio vai além da venda de livros.

O sexto capítulo, *O livro circula*, analisa as diversas formas de circulação do livro na cidade e no cotidiano dos leitores. Nessa parte, são abordados aspectos como a distribuição, os sebos e livreiros ambulantes, a Joaquim e os Livros Nômades, respectivamente. O capítulo discute como o livro transita entre espaços físicos e digitais e como esse movimento influencia a sobrevivência das livrarias, a formação de leitores e a manutenção da bibliodiversidade.

O sétimo capítulo, *A cidade, os livros e eu*, funciona como um fechamento afetivo e reflexivo. Esse capítulo é um relato pessoal da trajetória literária da autora, e principalmente, o objetivo fundamental que originou a pesquisa. Por meio da narrativa em primeira pessoa e tom literário, evidencia o lugar de pertencimento das livrarias.

Por fim, o posfácio, é o capítulo final que atua como “final de cena”, apontando a permanência das livrarias enquanto espaços de memória.

Em relação ao projeto gráfico do livro-reportagem foi desenvolvido pela publicitária e designer Manoela Hass, a partir de um processo colaborativo que envolveu reuniões, alinhamento estético e a construção de um *moodboard* (**Figura 31 e 32**), que funcionou como guia visual e de referências para toda a identidade do livro. Esse primeiro painel reuniu referências de cor, textura e composição para a capa e miolo do livro, de forma coerente e alinhada ao propósito do projeto que reúne a afetividade dos livros e o fascínio das livrarias.

Figura 31 - Moodboard do projeto gráfico - Parte 1



Fonte: Manoela Hass (2025)

Figura 32 - Moodboard do projeto gráfico - Parte 2



Fonte: Manoela Hass (2025)

Desde o início, o objetivo é traduzir graficamente a atmosfera das livrarias, tanto as tradicionais, marcadas por madeira escura, quanto as contemporâneas, em que convivem cafés, cores claras e espaços intimistas. Essa dualidade aparece de

maneira sutil ao longo do miolo, especialmente no uso de margens amplas, respiros e uma paleta discreta, que preserva o caráter documental do livro. Na capa (**Figura 33**), o destaque está em três figuras: um cartão postal da Livraria Econômica, uma reportagem sobre a livraria Lilith e a imagem da Rua XV de Novembro. O texto da orelha foi produzido pela jornalista e escritora Simone Mattos.

Figura 33 - Capa O livro das livrarias



Fonte: Manoela Hass (2025)

Um dos elementos que se tornou central no projeto gráfico foi o mapa ilustrado das livrarias, criado pela artista Giulia Ferrari Ulbrich, incluído antes do primeiro capítulo (**Figura 34**). A ilustração reforça o caráter afetivo da obra, funcionando não apenas como um recurso visual, mas como uma referência geográfica para o leitor que entrelaça dois séculos de livrarias.

Figura 34 - Capa O livro das livrarias



Fonte: Giulia Ferrari Ulbrich (2025)

Todas as decisões gráficas foram orientadas pelo mesmo princípio: produzir um livro cuja forma dialogasse diretamente com o seu conteúdo afetivo a respeito das livrarias.

6.2 MATERIAIS QUE INSPIRARAM

Diversas leituras e produções inspiraram a criação do projeto *O Livro das Livrarias*. Além do fator motivador pessoal, isto é, um mapa de memória próprio de cada leitor, outras obras são a base para essa pesquisa, como:

O livro *Rua do Odéon* (2017), escrito por Adrienne Monnier, livreira e editora influente na cena modernista parisiense dos anos 1920 e 1930, traz um relato pessoal sobre sua experiência após a abertura da livraria La Maison des Amis des Livres, em 1915, localizada rua Odéon, em Paris. A obra de memórias revela que para ela os livros vão além de apenas um ato de vender, ela acreditava no poder dos livros.

O livro *Sem lugar no mundo* (2018), de Françoise Frenkel, livreira judia, narra a angustiante fuga de uma mulher durante a Segunda Guerra Mundial. Encarar os estilhaços da guerra e deixar a coisa que mais amava, a sua livraria, foi a coisa mais difícil.

No livro *O livreiro do Alemão* (2011), Otávio Júnior, ator e performer-literário, compartilha sua trajetória com os livros no morro do Alemão e como incentiva a leitura para diversas crianças da periferia. Sua história ganhou mais notoriedade por meio de reportagem do *O Globo*⁵⁹, em 2013, que o apelidou de 'O Livreiro do Alemão'.

Outro livro, é *Prisioneiras* (2017), escrito por Drauzio Varella, obra que, ainda que não aborde diretamente os livros, é uma experiência única como livro-reportagem. O autor aborda sobre a sua experiência como médico da Penitenciária Feminina de São Paulo. Nos primeiros capítulos ele descreve a penitenciária, aspecto que acho similar de como irei apresentar o mapa de memórias, ainda que, no meu caso, de forma mais visual. Além disso, ao final traz um relato pessoal do médico que finaliza o livro com um sentimento de voltar para a realidade, após tantos capítulos mergulhados na história dessas mulheres.

O trabalho de conclusão de curso *Lombada a desbotar pela luz: O livro como cartografia de afetos* (2018), desenvolvido por Bárbara Tanaka, egressa do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi a inspiração principal para a ideia deste pré-projeto. A autora explora com sensibilidade a essência do leitor e a afetividade nos pequenos gestos do ciclo do livro. Com isso, me permitiu revisitar memórias desde a infância e analisar o quanto os livros foram importantes como leitora e principalmente como esses livros chegaram até mim, quem eram os distribuidores e livreiros que possibilitam o acesso ao livro.

Por fim, o filme *A Livraria* (2017), com roteiro e direção de Isabel Coixet. A protagonista, Florence Green, decide abrir uma livraria após a morte do marido, em um vilarejo inglês nos anos 1950. A resistência da população à livraria e a forma como os livros transformam as pessoas que trabalham no local dialogam com a proposta deste livro-reportagem. A personagem Christine, uma jovem auxiliar na

⁵⁹ Disponível em:

<https://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/02/livreiro-do-alemao-historia-de-uma-vida-transformada-pela-literatura.html>. Acesso em: 19 ago. 2025.

loja, abre uma livraria após alguns anos, com a perpetuação do que a viúva sempre dizia, nunca se está solitário em uma livraria.

Figura 35 - Filme A Livraria (2017)



Fonte: Revista Bula (2018)⁶⁰

⁶⁰ Disponível em: <https://www.revistabula.com/14324-a-livraria-uma-obra-primaria-da-historia-recente-do-cinema/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura do livreiro envolve uma sequência de papéis fundamentais na cadeia de distribuição do livro. Além de ser curador, é mediador, recomenda, contextualiza e está em conexão com o leitor. Como agente cultural, o seu protagonismo no setor livreiro é evidente, ainda que historicamente negligenciado. A lacuna em torno dessa figura se manifesta na escassez de registros formais sobre práticas comerciais na mediação do livro.

Em entrevista, João Varella (2025), um dos fundadores da editora Lote 42⁶¹, destaca que “hoje, contudo, o livreiro retoma protagonismo: há maior interesse por memórias de livrarias e por práticas curatoriais. [...] O livreiro contemporâneo é um agitador cultural, seu olhar, escolhas e atividades influenciam a circulação de ideias”.

Diante dessa retomada do protagonismo, com as livrarias independentes, pode-se concluir a importância de documentar sobre o negócio livreiro. Além disso, Leilah Santiago Bufrem (2025) esclarece que o hoje temos de informação sobre livreiros depende da memória pessoal e afetiva, e não de registros formais. Durante a entrevista concedida para esta pesquisa, ela mencionou diversas livrarias que marcaram sua trajetória desde a infância, no entanto, aponta que não se lembra do nome de algumas delas, o que revela a fragilidade da memória e dos dados para a documentação.

Os registros disponíveis, geralmente, se referem às livrarias que conseguiram perdurar. Porém, muitas outras foram esquecidas ao longo do caminho, assim como figuras importantes, como Ghignone e o livreiro Aristides Vinholes, sobre o qual há pouquíssima informação registrada (Bufrem, 2025).

Essa ausência de dados constituiu o principal desafio na produção da parte teórica. A falta de registros históricos e de documentação sobre o cenário livreiro paranaense exigiu um esforço de reconstrução, entre buscas frustradas na internet, o resgate da memória oral de quem viveu ou ouviu falar dessas livrarias, além de buscas documentais em acervos, como o da Casa da Memória de Curitiba. Entretanto, mesmo com essas dificuldades, as pesquisas e obras consultadas

⁶¹ A editora Lote 42 nasceu em São Paulo, no ano de 2012, por João Varella, Thiago Blumenthal e Cecília Arbolave. O seu catálogo busca explorar as “possibilidades da linguagem, questionam o status quo e têm uma abordagem criativa frente à vida contemporânea”, com títulos de diferentes gêneros, entre eles: ficção, não ficção, quadrinhos e poesia. É a responsável pela Banca Tatuí, que trabalha com mais de 200 editoras, coletivos e artistas independentes de todo o Brasil. Disponível em: <https://lote42.com.br/sobre/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

consolidaram uma referência teórica sólida, que possibilitou reconstruir o ofício do livreiro como agente cultural, principalmente em Curitiba.

Em contrapartida, o livreiro integra um sistema biodiverso do circuito do livro, em que a livraria é um ambiente onde múltiplos sistemas, que se interdependem, desde a produção, circulação e o livro. Quando o historiador Robert Darnton (2010) apresenta o ciclo do livro, composto por o autor, editor, impressor, distribuidor, livreiro e leitor, assim reiniciando o ciclo, evidencia esse sistema interdependente e diverso bibliográfico que integra o sistema comunicacional.

Nesse contexto, este Trabalho de Conclusão de Curso e o projeto do livro-reportagem ampliam o debate sobre o papel dos livreiros na capital paranaense, ressaltando o papel fundamental na distribuição do livro, como mediador, e no encantamento que as livrarias provocam. O livro-reportagem, portanto, caminha na contramão do esquecimento, ao documentar e valorizar esse aspecto esquecido da história livreira.

Dessa forma, este trabalho consiste na produção do documento teórico e o livro-reportagem para resgatar a memória das livrarias de Curitiba. Ao reconstruir um mapa literário de Curitiba, busca oferecer a cada leitor a chance de desenhar seu próprio “passaporte” pelos espaços livrescos da cidade. Como sugere Jorge Carrión (2018), toda livraria é também um mapa e uma representação simbólica de muitos mundos para explorar.

REFERÊNCIAS

A LIVRARIA. Direção de Isabel Coixet. Espanha; Reino Unido; Alemanha: Cineart Filmes, 2017. 1 DVD (113 min.).

ANDRIOLI, Luiz. **O silêncio do vampiro: o discurso jornalístico sobre Dalton Trevisan**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

ANL - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE LIVRARIAS. **5.º Anuário Nacional de Livrarias**. Brasil: ANL, 2023. Disponível em: <https://www.anl.org.br/v1/anuario-nacional-de-livrarias-5a-edicao-2023/#>. Acesso em: 15 mai. 2025.

ARTE & LETRA. Substack. Disponível em: <https://arteyletra.substack.com/p/curitiba-uma-cidade-literaria-que>. Acesso em: 29 set. 2025.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva; BUSO, Mariane Cristina. **Factos da actualidade: charges e caricaturas em Curitiba, 1900-1950**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2009.

BBC NEWS BRASIL. Quem foi Lilith, 'primeira mulher de Adão', e por que ela renunciou ao Paraíso. BBC News Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy0rx10e28po>. Acesso em: 29 set. 2025.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2019.

BEM PARANÁ. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/estudio/livrarias-de-rua-papo-em-dobro-reune-o-mais-antigo-livreiro-de-curitiba-aramis-chain-e-a-mais-nova-barbara-tanaka/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BEM PARANÁ. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticias/parana/curitiba-e-a-capital-brasileira-com-mais-livrarias-mostra-levantamento/>. Acesso em: 15 mai. 2024.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Almanach do Paraná – Comercio, Historia e Litteratura. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/almanach-do-parana-commercio-historia-e-litteratura/>. Acesso em: 29 set. 2025.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Ensaio-Anos-curitibanos>. Acesso em: 29 set. 2025.

BIBLIOTECA PUBLICA DO PARANA. Reportagem | Mercado editorial. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Reportagem-Mercado-editorial>. Acesso em: 29 set. 2025.

BOMPARD, Jean-Jacques. **Livreiros do Novo Mundo**: De Briançon ao Rio de Janeiro. Tradução: Leila V. B. Gouvêa. São Paulo: Editora Unicamp; Editora USP; Editora Unesp, 2021.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário**: análise do discurso. Florianópolis: Insular, 2013.

BPP - BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Ensaio-Anos-curitibanos>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BPP - BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Perfil-Glauco-Flores-de-Sa>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à história editorial brasileira. **Revista de História e Teoria das Ideias**, Portugal, v. XIV, II série, p. 57-83, 2002.

BRASIL. Academia Brasileira de Letras. Emílio de Meneses: discurso de posse. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/emilio-de-meneses/discurso-de-posse>. Acesso em: 29 set. 2025.

BUENOS AIRES (REGIONAL) SUMMIT 2014. World Cities Culture Forum, 2014. Disponível em: <https://worldcitiescultureforum.com/events/summit/regional-summit-2014-buenos-aires/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

BUFREM, Leilah Santiago. A Editora Guaíra: contribuições ao debate. **História da Literatura no Palácio: 1890/1900**, Curitiba, p. 69-80, 1995.

BUFREM, Leilah Santiago. **Entrevista a Nayara Tays de Almeida**. Curitiba: UFPR, 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO; NIELSEN BOOKDATA. Panorama de consumo de livros 2025. São Paulo: CBL; Nielsen BookData, 2025. Disponível em: https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/02/2024_Panorama-do-Consumo-de-Livros_Imprensa_V2.pdf. Acesso em: 15 mai. 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO; NIELSEN BOOKDATA. Panorama de consumo de livros 2025. São Paulo: CBL; Nielsen BookData, 2025. Disponível em: https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/02/2024_Panorama-do-Consumo-de-Livros_Imprensa_V2.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO; NIELSEN BOOKDATA. Panorama de consumo de livros 2025. São Paulo: CBL; Nielsen BookData, 2025. Disponível em: https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/02/2024_Panorama-do-Consumo-de-Livros_Imprensa_V2.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL). Produção e vendas do setor editorial brasileiro 2015. Coordenação de Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE. São Paulo: CBL: SNEL, 2016. Disponível em: <https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Producao-e-Vendas-do-Setor-Editorial-Brasileiro-2015.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL). Produção e vendas do setor editorial brasileiro 2020. Coordenação de Nielsen Bookscan. São Paulo: CBL: SNEL, 2021. Disponível em: https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/05/2_APRESENTACAO-Pesquisa-Producao-e-Vendas-ano-base-2020-1-1.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL). Produção e vendas do setor editorial brasileiro 2025. Coordenação de Nielsen Bookscan. São Paulo: CBL: SNEL, 2025. Disponível em: https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/05/Producao_e_Vendas_anobase_2024_imprensa.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, ideias malditas**: o livro e a repressão à liberdade. São Paulo: Ateliê Editorial, PROIN – Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP; Fapesp, 2002.

CARNEIRO, Newton. **As artes gráficas em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1976.

CARRIÓN, Jorge. **Contra Amazon e outros ensaios sobre a humanidade dos livros**. São Paulo: Elefante, 2020.

CARRIÓN, Jorge. **Livrarias**: Uma história da leitura e de leitores. Tradução: Silvia Massimini Felix. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário**: uma introdução. Casa das Musas, 2010.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução: Reginaldo C. C. Moraes. São Paulo: UNESP, 2009.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. **Um mundo sem livros e sem livrarias?** São Paulo: Letraviva Editora, 2020.

CONCEIÇÃO, Cintia Silva da. **Gênero híbrido em metamorfose**: análise das características jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL TAB (2014-2018). 2020. 310 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

COSTA, Maria do Sameiro Fangueiro. Emílio de Meneses. Dossiê Periódicos & Literatura: Personagens, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/emilio-de-meneses/>. Acesso em: 29 set. 2025.

COSTA, Maria Ione Caser da. Ilustração Paranaense: mensário paranista de arte e actualidades. Dossiê Periódicos & Literatura: Títulos Impressos, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impressos-periodicos-literatura/illustracao-paranaense-mensario-paranista-de-arte-e-actualidades/>. Acesso em: 29 set. 2025.

COSTA, Maria Ione Caser da. Pallium: revista de arte. Dossiê Periódicos & Literatura: Títulos Impressos, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impressos-periodicos-literatura/pallium-revista-de-arte/>. Acesso em: 29 set. 2025.

COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2008.

COUTINHO, Samara Mírian. Os livreiros e a prática de mediação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024, Itajaí. **Anais [...]**. Balneário Camboriú: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/07192024143342669aa376d4046.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CURITIBA. Calçada da Rua XV faz 50 anos. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticiasespeciais/calçada-da-rua-xv-faz-50-anos/23>. Acesso em: 29 set. 2025.

CURITIBA HISTÓRICA. **João Ghignone - Década de 1960**. Curitiba Histórica, 2025. Disponível em: <https://www.curitibahistorica.com.br/publicacoes/928/joao-ghignone-decada-de-1960>. Acesso em: 21 nov. 2025.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução impressa: A Imprensa na França (1775-1800)**. São Paulo: Edusp, 1996.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Tradução: Daniel Pelizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. **Edição e sedição: O universo da literatura clandestina no século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DENIPOTI, Cláudio. **A sedução da leitura: Livros, Leitores e História Cultural (Paraná 1880-1930)**. 1998. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

DENIPOTI, Cláudio. Comércio e circulação de livros entre França e Portugal na virada do século XVIII para o XIX ou Quando os ingleses atiraram livros ao mar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 11-38, 2008.

DENIPOTI, Cláudio. **Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século**. 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.

DENIPOTI, Cláudio. Viajantes e livros: leitura, posse e comércio de livros em Portugal no século XVIII. **Revista de História**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 37-61, 2019.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DO PARANÁ: Curitiba: Chain; Banco do Estado do Paraná, 1991.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

DUARTE, Marcos Roberto Ramos. **Entrevista a Nayara Tays de Almeida**. Curitiba: UFPR, 2025.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil** (Descobrimos o Brasil). São Paulo: Editora Zahar, 2006.

ESPECIAL CAPA: Clubes de leitura para mulheres transformam a cena literária Cecília Zarpelon. In: **REVISTA CÂNDIDO**. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 2025. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/ESPECIAL-CAPA-Clube-de-leitura-para-mulheres-transformam-cena-literaria-Cecilia>. Acesso em: 21 nov. 2025.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do Livro**. Tradução: Henrique Tavares e Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2025.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos. **Revista Escritos**, n. 5, 2011. Disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero05/artigo03.php>. Acesso em: 28 jun. 2025.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução: Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FOLHA DE S. PAULO. Fundador das Livrarias Curitiba. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/162827-fundador-das-livrarias-curitiba.shtml>. Acesso em: 29 set. 2025.

FRANCEIRA, Catarina; OLIVEIRA, Lauriane Sabrina Goras de. **Práticas publicitárias no mercado editorial e em livrarias: Plano de comunicação integrada Arte & Letra**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/80405>. Acesso em: 22 jun. 2025.

FRENKEL, Françoise. **Sem lugar no mundo**: Relato de uma livreira judia em fuga na Segunda Guerra Mundial. Tradução: Heliete Vaitsman. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

GAZETA DO POVO. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/curitiba-e-o-famoso-senadinho-8ezi3pkaxu6q32mgitwye9zri/>. Acesso em: 13 mai. 2025.

GAZETA DO POVO. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/o-galo-cantu-mas-onde-0bq3th1wppwy5x1nxc12e85e6/>. Acesso em: 13 mai. 2025.

GAZETA DO POVO. Fundador do Grupo Livrarias Curitiba morre aos 84 anos. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/fundador-do-grupo-livrarias-curitiba-morre-aos-84-anos-9akrzvkwzdfko5eto1y5blphq/>. Acesso em: 29 set. 2025.

GAZETA DO POVO. O bom vendedor de livros e ideias. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/servicos/falecimentos/o-bom-vendedor-de-livros-e-ideias-8f9h0ecvl6f5zdkcctz1iqfi/>. Acesso em: 29 set. 2025.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; PAIXÃO, Fernando. **Dalton Trevisan**: Uma literatura nada exemplar. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, Instituto de Estudos Brasileiros, USP.

GRUNER, Clóvis. As letras da cidade ou quando a literatura inventa o urbano – leitura e sensibilidade moderna na Curitiba da Primeira República. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 51-70, jan./jun, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/vBpCpDxVMRVb7hhscVvJgrp/?lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2025.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**: Sua História. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/curitiba.html>. Acesso em: 15 mai. 2025.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Equipe IMS. Dalton Trevisan (1925-2024). Rio de Janeiro, 10 dez. 2024. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervo/dalton-trevisan-1915-2024/>. Acesso em: 21 nov. 2025.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Equipe IMS. O arquivo de Dalton Trevisan celebra os 100 anos do escritor. Rio de Janeiro, 13 jun. 2025. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervo/o-arquivo-de-dalton-trevisan/>. Acesso em: 21 nov. 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil: 6ª edição. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br>. Acesso em: 18 mai. 2025.

IORIO, Regina Elena Saboia. **Intrigas & Novelas: Literatos e Literatura em Curitiba na década de 1920**. 2003. Tese (Doutorado em História) – Pós-graduação em História do Brasil, Área de concentração Espaço e Sociabilidades, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

JOAQUIM: Em homenagem a todos os Joaquins do Brasil. Curitiba: [s.n.], ano 1946, Ed. 00006. Documento digitalizado. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/213222/116>. Acesso em: 21 nov. 2025.

JÚNIOR, Otávio. **O livreiro do alemão**. São Paulo: Panda Books, 2011.

LEITE, Zeca Corrêa. **Entrevista a Nayara Tays de Almeida**. Curitiba: UFPR, 2025. Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38341>. Acesso em: 22 jun. 2025.

LIMA, Edvaldo Pereira. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 23, p. ID25024, out., 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s.25024>. Acesso em: 16 jun. 2025.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?** Política para a cultura, Política para o livro. São Paulo: Summus, 2004.

LIVRARIAS CURITIBA. Quem somos. Disponível em: <https://www.livrariascuritiba.com.br/institucional/quem-somos>. Acesso em: 27 ago. 2025.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução: Luisa Geisler. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARANHÃO, Thaís Lessa. **Livrarias como espaços públicos: um estudo de caso sobre as livrarias Saraiva, Cultura e Travessa**. 2017. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2722>. Acesso em: 22 jun. 2025.

MATTAR, Luciana Lischewski. **O design de livro das editoras independentes paulistanas**. 2020. 212 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16140/tde-27032021-162103/pt-br.ph>. Acesso em: 22 jun. 2025.

MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

MITOGRAFIAS. Lilit: mulher, serpente, demônio, mito: uma análise de arquétipos femininos nas lendas judaicas e no cristianismo. Disponível em: <https://www.mitografias.com.br/2016/07/lilith-mulher-serpente-demonio-mito-uma-analise-de-arquetipos-femininos-nas-lendas-judaicas-e-no-cristianismo/>. Acesso em: 29 set. 2025.

MOLLO, Lúcia Tormin. **Livrarias e livreiros na Ditadura Militar brasileira (1964-1985)**. 2022. 209 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/45406>. Acesso em: 22 jun. 2025.

MONNIER, Adrienne. **Rua do Odéon**. Tradução: Júlio Castanõn Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MYSKIW, Antonio Marcos. Curitiba, “Republica das Letras” (1870/1920). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 2, n. 3, jan./jun., 2008.

NEIVA, Leonardo. Crise e renascimento das livrarias no século 21. **Gama Revista - UOL**, São Paulo, 20 abr. 2025. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/qual-seu-clube-do-livro/as-livrarias/>. Acesso em: 21 nov. 2025.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Ler, contar e escrever: educação e livros no Rio de Janeiro joanino (1808-1821). **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 60, n. 1, p. 163-188, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/38284>. Acesso em: 13 jun. 2025.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Livreiros franceses no Rio de Janeiro 1799-1824. Rio de Janeiro: Departamento de História - UERJ, [s.d.].

NOGUEIRA, Wesley Augusto. **À venda em todas as bancas: relação entre produção e circulação de livros colecionáveis comercializados pela Editora Abril na década de 1970**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-20072018-152525/pt-br.ph>. Acesso em: 22 jun. 2025.

ODAHARA, Rosemeire. **A Litografia em Curitiba**: indústria e arte. Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 1996.

OLIVEIRA, Enio Alves de. **O imaginário e representação de Curitiba na obra de Dalton Trevisan**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2011.

OLIVEIRA, Débora Ferreira de. **Imaginários algorítmicos e o ciclo de sedução da Amazon**: um estudo de caso sobre a mediação algorítmica e a venda de livros na plataforma. 2023. 124 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

OLIVEIRA, Eduardo Magalhães. **Gibiografias**: perfis de gente que fez dos quadrinhos um modo de vida. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/79930>. Acesso em: 22 jun. 2025.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; CLARAS, Lucas Fíngolo; KOPPE, Carmen Terezinha. Entre sebos e livrarias: cartografia de um circuito da cultura impressa e da História Intelectual e Cultural de Curitiba. **Acta Scientiarum**, Education, v. 45, n. 1, p. e59613, jun, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/59613>. Acesso em: 22 jun. 2025.

OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares de. **Joaquim contra o Paranismo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

PAIXÃO, Fernando. **Momentos do Livro no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2021.

PETROSKI, Henry. **The book on the bookshelf**. Nova Iorque: Vintage Books, 1999.

PEÇANHA, Alicelia Rosa de Oliveira. **Da gestão familiar à profissionalização de franquias**: o estudo de uma livraria brasileira. 2014. Dissertação (Mestrado em Gestão e Estratégia – MPGE) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2014.

PIAUI. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/mercado-de-livros-ve-queda-apos-boom-da-pandemia/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem anos de imprensa no Paraná**. Curitiba: Instituto Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.

POZZER, Márcio Rogério Olivato; CUNHA, Camila Porsch da. As transformações da era digital e o impacto na economia da cultura do livro. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 13, n. 1, p. 47-66, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/35309>. Acesso em: 22 jun. 2025.

PRESAS, Guadalupe Fernandez; PRESAS, Joaquin Fernandez. **Memórias & Histórias da Indústria Gráfica do Paraná**. Curitiba: SIGEP; ABRIGRAF-PR, 2007.

PUBLISHNEWS. Disponível em:

<https://www.publishnews.com.br/materias/2024/04/10/telaranha-livraria-cafe-abre-as-portas-no-centro-de-curitiba>. Acesso em: 29 nov. 2024.

PUBLISHNEWS. Livraria Cultura fecha loja no Conjunto Nacional, em São Paulo. 2 abr. 2024. Disponível em:

<https://www.publishnews.com.br/materias/2024/04/02/livraria-cultura-fecha-loja-no-conjunto-nacional-em-sao-paulo>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PUPO, Guilherme. Anos curitibanos. Biblioteca Pública do Paraná. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Ensaio-Anos-curitibanos>. Acesso em: 29 set. 2025.

QUATRO CINCO UM. Arte e Letra. Disponível em:

<https://quatrocincoum.com.br/instituicao/arte-e-letra/>. Acesso em: 29 set. 2025.

RÁDIO EDUCATIVA. Papo Educativa - Coritiba Crocodiles. YouTube, 21 dez. 2023.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AWppB8l7w0k>. Acesso em: 29 set. 2025.

REBINSKI JUNIOR, Luiz. Reportagem: os últimos livreiros. In: **Revista**

Cândido. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, out. 2025. Disponível em:

<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Reportagem>. Acesso em: 21 nov. 2025.

REFULIA, Rodrigo. **A Editora Guaíra no mercado editorial brasileiro (1939-1961)**.

2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-12012021-142818/pt-br.php>.

Acesso em: 22 jun. 2025.

REIMÃO, Sandra (org.). **Livros e subversão: seis estudos**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

REVISTA BULA. Disponível em:

<https://www.revistabula.com/14324-a-livraria-uma-obra-prima-da-historia-recente-do-cinema/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

RIBA, Naief. Em Buenos Aires, livrarias salvam a pátria e se firmam como atração de turismo. O Globo, Rio de Janeiro, 6 ago. 2023. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/08/06/em-buenos-aires-livrarias-salvam-a-patria-e-se-firmam-como-atracao-de-turismo.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SANTANA, Ivan Justen. **Emiliano Pernetá: vida e poesia na província?** 2015. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Literários) – Pós-Graduação em SANTANA

GOMES, Letícia; MÍRIAN COUTINHO, Samara. O ofício do invisível: uma análise da presença de mulheres na obra História das livrarias cariocas de Ubiratan Machado até a década de 1970. **Revista Eco-Pós**, v. 27, n. 2, p. 254–277, 2024. Disponível em: https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/28245. Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS, Marli dos. Histórias de vida na grande reportagem: um encontro entre jornalismo e história oral. **Comunicação & Informação**, Goiania, v. 12, n. 2, p. 21–32, jul./dez, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/12266>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SCHIFFRIN, André. **Como as grandes corporações decidem o que você lê**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SÊGA, Rafael Augustus. **Melhoramentos da Capital: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Setor Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

SERVA, Leão. **Um tipógrafo na Colônia: vida e obra de Silva Serva, precursor da imprensa no Brasil e das fitas do Bonfim**. São Paulo: Publifolha, 2014.

SILVA, Sérgio Eduardo Sampaio. **O jeito de ser livreiro no Brasil: notas sobre o mercado de bens simbólicos**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de São Paulo, 2019.

SIMONACI, Ana Paula. A Amazon e o declínio do mercado editorial brasileiro. **Revista Rosa**, São Paulo, v. 02, n. 01, 2020. Disponível em: <https://revistarosa.com/2/a-amazon-e-o-declinio-do-mercado-editorial-brasileiro>. Acesso em 27 ago. 2025.

SIQUEIRA, Vanderlei de. **A construção da imagem literária curitibana entre os séculos XIX/XX: espelho e lente das tendências estéticas francesas**. 2020; 84.f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/5241>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SOUZA, Carlos Alexsandro de Carvalho. **Diferenciação, digitalização e marketplace: transformação das práticas dos agentes construtores do campo da oferta varejista editorial brasileira**. 2022. 222 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

SOUZA, Carlos Alexsandro de Carvalho. **Megastore: a sociologia de uma empresa cultural**. 2016. 124f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/1430>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SOUZA, Elisabete Gonçalves; BLANCO, Letícia de Souza; BRASIL, Gessylene Adriely Lemos. Livros, leitura e cidadania: cartografia cultural de uma cidade. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 14, n. 1, p. 20-39, abr. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/157032>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SOUZA, Luan Vitor Silva de. **Bibliodiversidade, publicações independentes e eventos**: experiências em Várzea Paulista e região. 2021. 56 f. Trabalho de Graduação (Tecnólogo em Eventos) - Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - "Deputado Ary Fossen", Jundiaí, 2021.

SUTIL, Marcelo. **O Espelho e a Miragem**: Ecletismo, Moradia e Modernidade na Curitiba do Início do Século 20. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

TANAKA, Bárbara. **Lombada a desbotar pela luz**: o livro como cartografia de afetos. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Jornalismo) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

TELARANHA. A editora. Disponível em: <https://telaranha.com.br/a-editora/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

TIZZOT, Frede. **Entrevista a Ana Luiza Halat e Nayara Tays de Almeida**. Curitiba: UFPR, 2024.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

TURISTORIA. A Rua das Flores onde flores não havia. Turistoria. Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/a-rua-das-flores-onde-flores-nao-havia>. Acesso em: 29 set. 2025.

VARELLA, Drauzio. **Prisioneiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VARELLA, João. **Entrevista a Nayara Tays de Almeida**. Curitiba: UFPR, 2025.

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA LEILAH SANTIAGO BUFREM

Leilah Santiago Bufrem é graduada em Filosofia e em Biblioteconomia e Documentação, com mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado pela Universidad Autónoma de Madrid. É fundadora e foi a primeira diretora da Editora UFPR. Ao longo de sua trajetória, publicou 19 livros, 85 capítulos, 178 artigos e apresentou mais de 220 trabalhos em eventos científicos.

Nayara: Qual é sua primeira memória relacionada aos livros e às livrarias? Você lembra de alguma lembrança marcante?

Leilah: Muitas lembranças vêm desafiando minha memória, num espaço infinito de ideias e imagens. Aqui, ao nosso lado, está um gatilho para a memória literária, em forma de Enciclopédia: a Larousse Du XX Siècle. Comprada pelo meu pai, na década de 1950, na Livraria Ghignone, a obra destinava-se a nós, Ervani Filho e eu, seus dois filhos.

A livraria era um dos estabelecimentos preferidos, centro do circuito percorrido a pé, iniciado perto do prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade, passando pelos Correios e pelo Café Alvorada, para chegar à Rua XV, onde havia a refinada loja de perfumes “Lá no Luhm”, em frente à nossa histórica Livraria Ghignone. Andávamos mais um pouco e, do mesmo lado, as confeitarias Schaffer e da Família marcavam os tempos áureos de meados do século passado. Foi no final dos anos cinquenta, quando numa das nossas costumeiras visitas à Livraria Ghignone, o famoso livreiro nos apresentou a famosa enciclopédia, Larousse, em francês. Dias depois ela chega em nossa casa, devidamente empacotada e segue até hoje comigo.

Tinha obras fundamentais, clássicas e revolucionárias, nacionais e estrangeiras. Entre elas, títulos de coleções lançadas nos anos 40, do século XX, pela Editora Guaíra, fundada em 1939 por Oscar Joseph de Plácido e Silva (1893-1963). A Editora Guaíra destacou-se pelas coleções de diversos gêneros, como ação pioneira no Paraná, com média de 40 títulos ao ano. A editora também publicou mensalmente e com alcance nacional, até 1955 a Revista Guaíra, cujos colaboradores, entre outros, foram Rubem Braga, Joel Silveira e Rachel de Queiroz. Todos esses feitos são ainda mais impressionantes levando em conta as

dificuldades de manter uma editora em um período turbulento pela Segunda Guerra Mundial, marcado por crises institucionais e políticas no Brasil.

N: Quais outras livrarias você se lembra?

L: Além da Livraria Ghignone, lembro-me de uma livraria de rua, também na rua XV, livraria pequena, creio que era a Mundial, muito procurada por universitários, como eu. Anos depois a firma, que ainda existia, passou a se chamar Gráfica Mundial. Em 1956, no 12º aniversário da Feira do Livro, o sr. José Ghignone conta que na primeira feira foi posto à venda um grande estoque advindo da demolição do prédio "da antiga e não mais existente Livraria Mundial".

A ideia de montar um negócio de livros impôs-se para Aramis Chain, quando do início dos cursos de pós-graduação no Brasil, um passo importante no processo de formação da educação superior brasileira, com a aprovação do Parecer Sucupira, em dezembro de 1965. Chain foi incentivado pelos professores a abrir uma livraria graças ao seu gosto pelo livro. Procurando observar seus leitores, seu comportamento e gosto pela leitura, as famílias e os estudantes das instituições de ensino próximas, de modo especial da Universidade Federal do Paraná.

O Eleotério veio depois, foi o lugar onde eu conheci pessoalmente o Dalton Trevisan, era onde o Dalton se escondia do mundo. Se ele via uma pessoa conhecida, ele se escondia no meio das estantes. Então, na livraria de Eleotério, o escritor tinha uma certa paz, era próximo a aquela praça do Círculo Militar.

Nós tínhamos o circuito ali, na Praça Santos Andrade. Então esse era um circuito cultural que eu frequentei bastante a partir da adolescência.

A Livraria Curitiba da rua Voluntários da Pátria ocupa um espaço importante na minha memória de adolescência e universitária. Na década de 1960, mais precisamente em 1963, foi inaugurada. Ampliou-se, mais tarde, esse ambiente restrito, tornando-se uma das maiores redes nacionais, a Livrarias Curitiba, com catálogo diversificado e espaço cultural de eventos, conversas, debates e lançamentos de livros, hoje tem lojas espalhadas em diversas cidades brasileiras.

N: As livrarias ocupam um lugar simbólico e até místico no imaginário dos leitores. Na sua visão, qual é o papel cultural, social e afetivo que as livrarias desempenham?

L: O simbolismo desses espaços traz uma carga emocional energizada pela cultura e pelo valor não só afetivo, mas ideológico das livrarias. Já no cenário dos finais do

século vinte, em 1991 a Livraria Lilith, nasceu para um mundo sui generis [de sua própria espécie/único]. O mundo curitibano, tendo como proposta, segundo sua criadora, a escritora e jornalista, Bebeti do Amaral Gurgel, cuja proposta, como ela descreve foi criar “um espaço onde as mulheres se sentissem à vontade para encontrar livros com temas específicos da mulher como ‘gravidez na adolescência’, ‘menstruação’, ‘homossexualidade’, ‘mulheres que não querem ter filhos’, ‘creche’, ‘mulheres negras’ e outros. Esses temas geralmente são desconfortáveis para pedir a um livreiro homem. Além disso, tínhamos muita literatura e biografias de mulheres, naturalmente. Todos os livros eram escritos por mulheres. Era um espaço para ouvir o que as mulheres tinham para dizer”.⁶²

Na Europa nos anos 80/90 livrarias feministas eram comuns. Na América do Sul havia duas, uma na Argentina e outra na Bolívia. A Lilith foi a primeira e única livraria feminista do Brasil. Segundo Bebeti, a livraria foi toda feita por mulheres, toda a construção, operárias, designers, pintoras. É um dos símbolos da luta feminista. Bebeti nos revela que “apesar do conservadorismo de Curitiba e a mídia dominante que nunca foi simpática à causa, a livraria Lilith estava sempre cheia, participávamos de feiras, congressos, encontros nacionais e internacionais”. Ela continua descrevendo sua experiência: “Os clientes homens mais politizados, intelectuais e engajados elogiavam. Os conservadores, os desconfiados, que debocham de tudo e são resistentes às novidades mais progressistas, faziam piadas machistas, assédios inoportunos. As mulheres sempre gostavam, se sentiam em casa. De um modo geral, a livraria era frequentada por muitas mulheres, homens não machistas e solidários, muitos estrangeiros, feministas, professores e professoras, acadêmicos e acadêmicas, artistas, homossexuais, negros, poetas, escritores e escritoras. Dalton Trevisan era um ótimo cliente”. Até hoje pedem para a escritora, jornalista e proprietária Bebeti do Amaral Gurgel reabrir a Lilith.

N: Robert Darnton observa que o papel dos livreiros na história da leitura ainda é pouco explorado, sendo construído por fragmentos. Como você interpreta essa lacuna histórica, e atualmente, como vê a importância do livreiro dentro da cadeia do livro e da formação de leitores?

⁶² A pedido da amiga Leilah Santiago Bufrem, a livreira e escritora Bebeti do Amaral Gurgel enviou um depoimento a ela, e que foi inserido na entrevista.

L: Acredito no livreiro, como acredito no professor, como acredito no médico, simplesmente pelo fato de que existem, apesar de tudo, livreiros concretos, professores concretos e médicos concretos. Cito apenas esses três profissionais, pelo simbolismo de suas missões. Por existirem concretamente, fortalecendo nossa representação, eles fortalecem nossa crença no poder transformador de sua ação.

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA JOÃO VARELLA

João Varella é fundador da Editora Lote 42 (2012), Banca Tatuí (2014) e escola de edição Sala Tatuí, em São Paulo, com foco em publicações independentes. Em 2018, a Banca Tatuí recebeu o prêmio Milton Santos, da Câmara Municipal de São Paulo. Com formação em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). É autor dos livros *Curitibocas: Diálogos Urbanos* (2006); *A Agenda* (2013); *42 Haicais e 7 Ilustrações* (2014); *Videogame, a Evolução da Arte* (2020); *Videogame Pandemia* (2021); *Games: cultura, arte e joystick* (2021); e *Me tirar da solidão* (2022).

Nayara: Na sua visão, qual é o papel cultural, social e afetivo que as livrarias desempenham?

João Varella: Livrarias são pontos de encontro e promotoras de possibilidades. Culturalmente, preservam o acesso ao acervo impresso; socialmente, funcionam como espaços de diálogo, debates, clubes de leitura e lançamentos. No plano afetivo, criam vínculos duradouros, com leitores que retornam àquele lugar em busca de conforto, inspiração ou descoberta.

N: A partir da sua experiência, com a Banca Tatuí e a editora Lote 42, como podemos compreender o espaço físico como um espaço de permanência do livro e de distribuição até os leitores?

J.V: Na Banca Tatuí, o espaço físico é uma vitrine para a produção das editoras independentes, principalmente àquelas vinculadas à arte gráfica autoral. São livros com pensamento na materialidade, como zines e impressos inclassificáveis. Cada título exposto convida o leitor a deter-se, folhear e conversar. Esse ambiente contribui para a visibilidade de trabalhos autorais e fortalece a rede de circulação. O ponto de venda é ao mesmo tempo uma exposição permanente e espaço de mediação cultural.

Mais que formatos independentes há sim atitudes independentes. Muitas delas aproximam o leitor do processo de criação. O público sente-se parte de uma rede de produção e de troca, o que reforça o afeto pelo projeto e pela própria casa editorial. Em cada lançamento, feira ou oficina, constrói-se uma memória compartilhada que

vai além do livro físico. É um tipo de paratexto especial para as obras que circulam no meio independente, baseada na convivência.

N: Como você define o papel do livreiro e até da livraria na cadeia do livro e na construção de experiências de leitura?

J.V: O livreiro é curador e mediador. Mais do que vender, orienta o leitor, recomenda, contextualiza e sugere conexões entre obras. Propõe um diálogo vital para a manutenção da cultura do livro. Na livraria, essa relação humana enriquece a experiência: o toque no papel, a conversa sobre gostos e descobertas e o compartilhamento de entusiasmo transformam a leitura em prática social.

N: Ao longo da história, a construção do mercado editorial no Brasil foi se construindo de forma gradual. Na sua visão, quais fatores são atravessadores do acesso ao livro no Brasil?

J.V: Diversos fatores impactam o acesso: desigualdade de renda, custo de produção e tributação do setor gráfico, descaso com bibliotecas, concentração da distribuição em grandes centros, grupos editoriais ligados à multinacionais que enforcam a bibliodiversidade e a fragilidade de políticas públicas de leitura. Somam-se obstáculos logísticos – transporte e armazenagem são temas centrais para se pensar a região Norte, por exemplo –, e a volatilidade do varejo, submetido a oscilações econômicas.

N: Robert Darnton observa que o papel dos livreiros na história da leitura ainda é pouco explorado, sendo construído por fragmentos. Como você interpreta essa lacuna histórica, e atualmente, como vê a importância do livreiro dentro da cadeia do livro e da formação de leitores?

J.V: A lacuna histórica deve-se à escassez de registros formais sobre atividades cotidianas de venda e mediação do livro. Hoje, contudo, o livreiro retoma protagonismo, há maior interesse por memórias de livrarias e por práticas curatoriais. Talvez, isso se deva à escassez de livrarias ou a digitalização da vida que faz com que a mira da sociedade vá para esses espaços. O livreiro contemporâneo é um agitador cultural, seu olhar, escolhas e atividades influenciam a circulação de ideias.

“O livro das livrarias é, acima de tudo, um gesto de amor à leitura, à memória e à nossa cidade.”

Roberta Braga, jornalista e coordenadora da Literato Comunicação e Conteúdo

As memórias reunidas nestas páginas compõem um mapa afetivo das livrarias que marcaram Curitiba, do século XIX à contemporaneidade. A capital paranaense se revela nesses espaços literários que abrigam histórias, leitores e sonhos.

Este é um percurso pelas livrarias do passado, como a Mundial, Contemporânea, Econômica, Ghignone e Liliti, e pelas que persistem, como a Livraria do Chain, Joaquim, Arte & Letra, Telaranha e Vertov.

Cada espaço é um vestígio de afeto e permanência de uma Curitiba que lê.

Permita-se virar a próxima página deste trajeto.



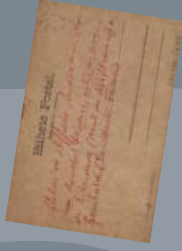
O livro das livrarias

Nayara Almeida

O livro das livrarias

os espaços por onde
passa a Curitiba que lê

Nayara Almeida



O livro das livrarias

O livro das livrarias

os espaços por onde
passa a Curitiba que lê

Nayara Almeida

Prefácio por Roberta Braga

Curitiba, 2025

© Nayara Tays de Almeida, 2025.

Projeto gráfico e capa
Manoela Haas

Ilustração Mapa de Livrarias
Giulia Ferrari Ulbrich

Revisão
Árie Lingnau

Orientação
Prof. José Carlos Fernandes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Nayara
O livro das livrarias : os espaços por onde
passa a Curitiba que lê / Nayara Almeida ;
[ilustração Giulia Ferrari Ulbrich] ;
prefácio por Roberta Braga. -- Curitiba, PR :
Ed. da Autora, 2025.

ISBN 978-65-01-77654-5

1. Curitiba (PR) 2. Hábito de leitura
3. Livrarias 4. Livro-reportagem 5. Memórias
I. Ulbrich, Giulia Ferrari. II. Braga, Roberta.
III. Título.

25-313170.0

CDD-070.433

Índices para catálogo sistemático:

1. Livro-reportagem : Jornalismo 070.433

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Livro-reportagem apresentado como requisito parcial à
conclusão do curso de Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação
e Design (Sacod), da Universidade Federal do Paraná (UFPR).
Curitiba, 2025

livraria: estabelecimento em que se vendem livros • conjunto de livros dispostos coordenadamente • biblioteca • grande quantidade de livros • coleção de obras de determinados autores sobre determinados assuntos • atividade, profissão do livreiro, comércio de livros • corporação de livreiros • casa de edição que dispõe de armazéns onde são vendidas obras editadas por sua conta • estabelecimento comercial independente da produção do livro • com a possibilidade de vender mercadorias de vários editores • livralhada.

Dicionário do Livro, 2008.

Sumário

10-13	Prefácio por Roberta Braga
14-17	Apresentação: Um livro sobre livrarias
18-21	A cidade, os livros e eu
22-36	Passaporte para a memória
38-53	Geração Ghignone
54-63	De mulheres para mulheres
64-73	Um modelo de negócio
74-83	A livraria é viva
84-90	O livro circula
92-94	Posfácio: Não contem com o fim do livro, ou das livrarias...

Mapa das livrarias

Prefácio

QUANDO PENSO EM LIVROS, penso também em lugares. Antes de me encantar pelas histórias, aprendi a gostar dos espaços onde elas repousam: as livrarias. Minhas primeiras lembranças me levam de volta à infância, quando eu ia com minha mãe à Livrarias Curitiba da Rua XV de Novembro, próxima ao Teatro Guaíra. Ela, com a lista de materiais em mãos; e eu, encantada com tudo que via à minha volta. Aquele cheiro de livro novo tomava conta do lugar e ficou marcado como uma lembrança feliz em minha memória.

Tomada pela curiosidade, na adolescência voltei a essas prateleiras. Comecei a me interessar pelos livros, a me deixar levar pelas capas, pelas sinopses, pelos nomes de autores que eu ainda não conhecia. Era o início de uma relação com as letras e com as palavras que moldaria minha personalidade e meu futuro.

Por mais de dez anos, enquanto era editora da revista da Livrarias Curitiba, me dediquei a esse universo de livros, autores, entrevistas, clássicos e lançamentos. E pude ver também como cada livraria é espelho de sua cidade, refletindo o gosto de seus moradores e suas conversas, promovendo encontros e

acolhendo seus anseios mais profundos. Na frente de uma estante de livros, estamos nus, buscando o que nossa alma pede naquele momento.

Por isso, este livro me toca de um jeito especial. *O livro das livrarias* é, acima de tudo, um gesto de amor à leitura, à memória e à nossa cidade. Nayara Almeida nos guia por um percurso sensível pela Curitiba que lê, recuperando histórias que moldaram a identidade cultural e que, muitas vezes, resistem apenas na lembrança de quem as viveu.

Ao narrar o passado e o presente das livrarias curitibanas, ela nos mostra a evolução desses estabelecimentos junto às mudanças da cidade: de espaços voltados ao comércio de livros a pontos de resistência, à luta pela sobrevivência diante da tecnologia. Mas fala, sobretudo, sobre encontros e permanências.

Hoje, as livrarias se tornaram, para mim, pontos de pausa entre um compromisso e outro. Ali, o tempo realmente parece passar mais devagar e onde me permito, regada a uma xícara de café, alguns segundos de silêncio e contemplação. Gosto de observar os livros — dos mais vendidos àqueles que quase ninguém nota —, de procurar minha próxima leitura e de descobrir um título para presentear. Entrar numa livraria ainda me provoca a mesma sensação de quando eu era criança: a de que algo bom está prestes a acontecer.

Ao virar estas páginas, é impossível não se reconhecer. Porque, no fim, toda livraria guarda também um pouco da nossa história, de quem um dia entrou “só para ver” e saiu levando um mundo inteiro nas mãos.

Roberta Braga

É jornalista e coordenadora da empresa Literato Comunicação e Conteúdo, com experiência em produção de conteúdo e redação. Pós-graduada em Reportagem (Universidade Ramon Llull, Espanha) e Relações Internacionais (UFPR, Curitiba-PR). Trabalhou por doze anos como editora da revista *ler&Cia*, produzida pela Livrarias Curitiba.

Um livro
sobre livrarias

“Uma livraria não é nada mais do que uma ideia no tempo.”

Carlos Pascual, em *Los poderes del lector*

QUEM CRESCER ASSISTINDO AOS FILMES DA DISNEY já deve ter sonhado em ter uma biblioteca particular, como a do desenho *A Bela e a Fera* (1991). Assim como a Bela, sair pela rua lendo, sem desviar os olhos das páginas que, com certeza, estavam mais interessantes do que a vida real. Ou até mesmo fazer parte de um ensaio fotográfico na livraria de Greenwich Village, como Audrey Hepburn, em *Cinderela em Paris* (1957). A leitura, os livros e as livrarias são cenário de muitos curtas-metragens, mas também se revelam como espaços culturais e símbolo de liberdade.

Em paralelo aos mascates¹, os vendedores de livros que se fixaram em um único local configuraram as primeiras livrarias, por volta do século XIX. As obras eram organizadas em pastas costuradas, enfileiradas horizontalmente, com o corte voltado para fora das prateleiras, apenas atrás do balcão. Mais adiante,

1 Os mascates são mercadores ambulantes que circulam pelas cidades sem um local fixo.

ainda no XIX, com o aumento dos leitores, os comerciantes passaram a levar em conta o conforto na experiência do cliente, para incentivar a permanência do público.

Enquanto fixas no endereço, muitas livrarias foram esquecidas na memória, por falta de documentação e pela mudança de proprietários. A Livraria Bertrand, em Lisboa, considerada a mais antiga do mundo pelo Guinness World Record de 2011, é comprovada pela sua fundação em 1755, no mesmo período alguns eventos climáticos que afetaram e terremoto que aconteceram na cidade, afetando significativamente o setor livreiro. No entanto, há indícios de livreiros e outros comércios anteriores a essa data.

A família Bertrand retomou suas atividades na rua do Loreto e, três anos mais tarde, adquiriu um terreno nas ruínas deixadas pelo sismo, no bairro do Chiado. É nesse local que a livraria permanece em funcionamento desde 1777, próxima ao Café A Brasileira e à estátua do escritor Fernando Pessoa.

Já na Europa, em Paris, os comércios literários fazem parte do guia turístico, como a Shakespeare and Company, com redes por todo o Hemisfério Sul. A primeira loja, inaugurada por Sylvia Beach foi em 1919, três anos depois se mudou para a Rua do Odéon. Na mesma rua funcionava a loja de Adrienne Monnier, a La Maison des Amis des Livres, entre 1915 a 1951.

Durante o século XX, essas livrarias francesas eram pontos de encontros para poetas, locais para socialização e eventos literários, recebendo visitas como a de Walter Benjamin, André Breton, Ernest Hemingway, Francis Scott Fitzgerald e James Joyce. Além de comércios, o papel de uma livraria também é social e de trocas culturais.

Atualmente, o conceito de livrarias literárias se tornou um fenômeno no mundo todo. As livrarias Bertrand, em Lisboa; Lello, no Porto, em Portugal; Librería de Ávila, em Buenos Aires; City Lights, na Califórnia; ou Shakespeare and Company, em Paris, se tornaram pontos turísticos em suas respectivas cidades.

Em 1981, a Shakespeare and Company se tornou uma rede de livrarias independentes, com quatro lojas na cidade de Nova Iorque, além de ainda manter uma unidade em Paris, no Quartier Latin. A primeira livraria integrou o circuito turístico parisiense da American Express na Rua do Odéon. Os turistas eram movidos pelo fascínio de conhecer a livraria por onde passaram diversos escritores e que foi cenário de filmes como *Antes do pôr do sol* (2004), de Richard Linklater, *Julie & Julia* (2009), de Nora Ephron, e *Meia-Noite em Paris* (2011), de Woody Allen.

De Paris à América do Sul, a capital da Argentina, Buenos Aires, é a cidade com o maior número de livrarias per capita do mundo, segundo um estudo do World Cities Culture Forum, de 2014. São mais de 619 estabelecimentos conhecidos no roteiro turístico da cidade, e uma delas é a El Ateneo Grand Splendid. O estabelecimento remodelou um cinema-teatro na Avenida Santa Fe, inaugurada em 1919, contemplando um espaço simbólico e cultural da cidade. Entre as mais famosas está a Librería de Ávila, considerada a mais antiga da Argentina, fundada em 1785.

O historiador Robert Darnton, uma das maiores autoridades na história do livro e do mercado editorial, afirma que “os livros não apenas relatam a história; eles fazem a história”. E, por conseguinte, os espaços que guardam essas histórias: as livrarias.

Cada cidade, a seu modo, constrói seu próprio mapa literário. É nesses espaços que a materialização do livro ganha um caráter simbólico, inserida em um ambiente permeado de memória e vida.

CAPÍTULO 1

A cidade,
os livros e eu

AOS QUINZE ANOS, se alguém me perguntasse “onde você quer ir?”, eu responderia sem hesitar: “à livraria!”. Foi assim, desde sempre. A livraria, ainda hoje, é meu lugar preferido.

Os livros foram uma opção quase que inevitável para mim. Filha de professora. As histórias infantis eram comuns em casa. Um foi levando ao outro e nunca mais parei. As fases da minha vida são lembradas pelos títulos que estava lendo naquele determinado momento. Foi tão natural essa relação que me sinto em uma coexistência com as páginas.

Em Campo Largo, cidade da Região Metropolitana de Curitiba, no Paraná, onde nasci, poucos eram os espaços que vendiam livros. Então, toda ida à capital era uma oportunidade de ir à livraria, local que fazia meus olhos brilharem.

Sempre muito racional e planejadora, cheguei a fazer um acordo com o meu pai: eu poderia comprar um livro por mês. E ele, com todo o esforço, tentou cumprir o combinado até quando conseguiu. Durante um ano, eu pensava ansiosamente qual seria o livro do mês. Enquanto esperava, devorava os livros da minha irmã, guardados em uma pequena prateleira dentro

do guarda-roupa. Ela foi, e ainda é, minha grande incentivadora.

No primeiro semestre como caloura de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR), conheci a Arte & Letra. A livraria-café-editora me atravessou pelo apreço aos exemplares e dedicação à cadeia do livro, até então invisível aos meus olhos. Essa experiência mudou a minha compreensão sobre a materialidade das palavras.

O trajeto Campo Largo-Curitiba ainda ocupa boa parte do meu tempo como universitária, e, durante esses momentos, procuro ler tudo o que eu consigo. No entanto, a universidade também me proporcionou que esse fosse o tema de um dos trabalhos feitos durante o sexto período. Então, Frede Tizzot recebeu Ana Halat e eu na loja física e nos apresentou os bastidores do laboratório gráfico, os detalhes da impressão e o comércio. Com todo o apreço ao ofício livreiro, ele tinha a mesma emoção para responder a todas as perguntas de duas estudantes de jornalismo.

Do lado de dentro do laboratório, que antes eu só observava através do vidro, meu encontro com o ciclo do livro se tornou íntimo, parte do meu próprio mapa afetivo de livrarias. Até esse momento, eu tinha visitado poucas lojas, como a Livrarias Curitiba e outras lojas de livros seminovos e usados.

Algum tempo depois, chegou a vez da Telaranha. Foi amor à primeira vista, ou melhor, à primeira página: o cheiro do café, o burburinho das conversas e a curadoria que chama atenção. Tudo ali faz parte da liturgia do leitor. Uma vez ou outra, me pego querendo voltar à livraria. O espaço se tornou meu conforto enquanto estou em Curitiba.

A Livrarias Curitiba também tem seu espaço. Foi a primeira livraria em que entrei e a primeira em que participei de um evento literário — claro, era da Paula Pimenta. Participei de três encontros para leitores da autora, e em um deles estava também Ana Halat, que só fui de fato conhecer anos depois no Departamento de Comunicação da UFPR.

Ao longo da produção deste livro-reportagem, me deparei

com diversas reações ao contar o tema central deste trabalho. Algumas entusiasmadas, já outras carregadas de estranhamento. Porém, nenhuma me marcou tanto quanto as palavras de uma recém-formada na área da saúde: “Ainda existem livrarias de rua?”. O choque foi tanto que nem tive reação. A livraria sempre esteve tão presente na minha vida que eu achava que essa questão tinha sido superada, porém, para grande parte da sociedade, as livrarias ainda são locais antiquados e empoeirados.

Visitar uma livraria é sempre um sentimento diferente. O leitor se familiariza com o local e com a disposição dos livros a ponto de ficar horas na companhia dos livros. E sempre é possível, e uma ótima opção, recorrer ao livreiro. Adrienne Monnier, uma grande livreira parisiense, observa que uma loja é “uma verdadeira câmara mágica”; a partir do olhar do leitor, uma livraria contempla diversas possibilidades. Assim, já passei pelas lojas Vertov, Chain — quando vou ao *campus* da Reitoria —, Arcádia, Kapricho, Itiban Comic Shop, entre outras.

Recorro às palavras do escritor e historiador Jorge Carrion, uma vez que as minhas são insuficientes; as visitas às livrarias formam “um mapa do meu mundo. E, portanto, submetido a minha própria biografia: quantas daquelas livrarias tinham fechado suas portas ou mudado de endereço, quantas haviam se multiplicado, quantas seriam agora inclusive multinacionais, teriam feito reajustes em sua planilha ou teriam sua página na internet?”.

O fascínio por esses espaços — alguns poucos documentados e outros esquecidos —, sobre os livros vendidos, os clientes, quem eram os livreiros, e sobretudo, qual seria a sensação de caminhar pelas estantes de livros das primeiras livrarias de Curitiba, me guiou na construção desse livro-reportagem. Um resgate do tempo e de uma Curitiba que lê.

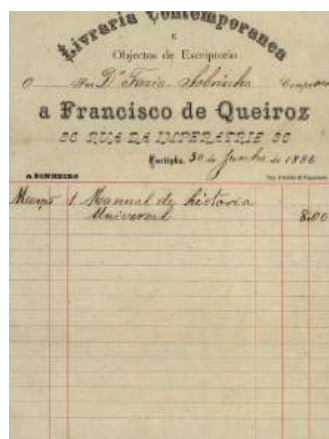
O meu mapa também se constrói assim: entre encontros e desencontros, seja com os livros ou com outros leitores. Uma mágica que apenas uma livraria é capaz de proporcionar.

CAPÍTULO 2

Passaporte para
a memória

O RELÓGIO DA PRAÇA OSÓRIO, em Curitiba, marcava o horário atrasado, então voltamos ao passado. Neste capítulo, o roteiro será pelas estantes empoeiradas dos estabelecimentos que marcaram o século XIX e XX, figuras centrais na construção da cultura literária local, como as livrarias Contemporânea, Mundial, Econômica e Café Belas Artes. A primeira é a Livraria Mundial.

Entre sorrisos, o escritor nortista Coronel Raul de Azevedo (1875–1957) seguia pela avenida principal da província de Curitiba, a XV de Novembro, em direção ao número 41, onde se localizava a Livraria Mundial. Uma figura sagaz e controversa que, após folhear alguns exemplares, decidiu comprar o ensaio de Foucher sobre Hegel e Schopenhauer publicado em 1862. Prosseguiu, então, até a Confeitaria Bube, para tomar um refresco ao lado de outros intelectuais ao meio-dia. “Parado na porta do estabelecimento, ficou admirando o movimento de carros e pedestres, versando mentalmente”, detalha a pesquisadora Regina Elena Saboia Iorio, referência a respeito da literatura no Paraná.



Nota fiscal da Livraria Contemporânea emitida em 1886.
FONTE: Museu Paraense / Secretária de Estado da Cultura

Naquela estrada de chão, onde escritores, livreiros e lojistas
caminhavam, se concentraram os principais comércios, cinemas,
cafés e bancos. A vida de uma província recém-emancipada.

Na rua 15 ou numa praça
Ei-lo flanando... na verdade
Só para ver a lina graça
Das costureiras da cidade...
Ao sol das onze é que desperta
A alma da rua... nesse instante.
A turba em giro fica alerta
E a luz se torna mais brilhante.
Acorda tudo. clarinando
Ao sol das onze. como a um choque...
A essa hora é que. rindo e falando.
Vem as “grisettes” - toque, toque...
Ele é que o diz. com suas maneiras
De boêmio, rico de alegria:
“A hora em que saem as costureiras
é hora melhor de todo o dia.”

Essa atmosfera boêmia, que atraía poetas como Emílio de Menezes para a calçada da Contemporânea, ressoava por toda a Rua XV. Era um cenário de uma cidade em pleno crescimento, um sentimento que transborda nos versos do escritor João de Curitiba (1887–1964).²

O circuito se expandia: da Mundial à Contemporânea (1886), saltava para a Econômica (1894), e o caminho seguia pelo Atelier Novo Mundo, pela Livraria Popular de Viriato Carvalho e pela Polaca (1908) na Praça Tiradentes. Cada uma dessas portas era um universo, como a de João Haupt & Cia (1911) na Rua São Francisco, número 237, e a Livraria Moderna (1913).

O ano de 1894, mesma data da fundação da Livraria Econômica, foi um período de transformações políticas em decorrência da Revolução Federalista, na qual a cidade foi ocupada pelos rebeldes “maragatos”. No número 53, os proprietários Annibal Requião e Leopoldino Rocha vendiam romances, almanaques e periódicos de moda, como a revista estrangeira *A Rainha da Moda*, com periodicidade mensal destinada às crianças e senhoras.

Nesse período, a maioria das livrarias exerciam o papel duplo de vender e produzir livros, revistas e outros materiais de papelaria. A Econômica chegou a publicar escritores paranaenses, como Romário Martins, Sebastião Paraná, Marianna Coelho e João Cândido, além do próprio *Almanach do Paraná*, editado pelos paranistas Romário Martins e Annibal Rocha, concorrente do *Almanach Paranaense*, produzido pela Imprensa Paranaense, tipografia de destaque pela produção de rótulos de erva-mate.

Com forte presença literária, o *Almanach do Paraná* funcionou entre 1896 e 1909, compondo em seu repertório poesia, prosa e artigos de autores paranaenses simbolistas, como Victor

2 Ou Rodrigo Junior (1887–1964), ambos pseudônimos de João Batista Carvalho de Oliveira, jornalista, escritor, farmacêutico e advogado.

do Amaral, João Itiberê, Dario Vellozo e Euclides Bandeira. Das oficinas da tipografia também saiu a revista de arte *Pallivm*, “essencialmente paranaense”, de Silveira Netto (1872–1942) e Julio Pernetta (1869–1921). A palavra de origem grega se refere à “toalha de altar”, e o vocabulário litúrgico contrasta com os temas simbolistas explorados nas páginas, como morte, diabo e luxúria.



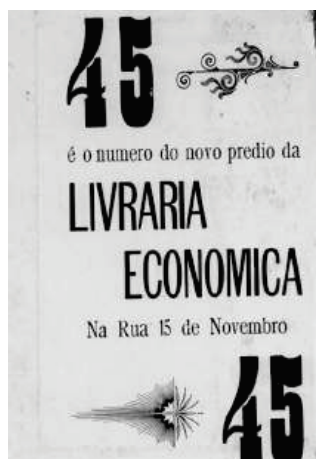
Nota fiscal da Livraria Econômica emitida em 1917. Fonte: Museu Paranaense/Secretaria de Estado da Cultura. Nota fiscal da Livraria Econômica. Fonte: Acervo pessoal de Paulo Koehler.



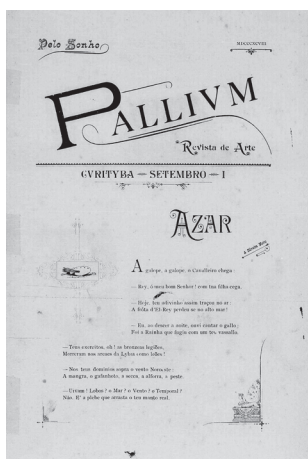
Fachada da Livraria Econômica em 1916. Fonte: Revistas Curitibanas.



Interior da oficina tipográfica da Livraria Econômica, em Curitiba, onde eram impressos livros, jornais e outros materiais gráficos. Fonte: Museu Paranaense/Secretaria de Estado da Cultura.



Propaganda divulgando o novo endereço da Livraria Econômica, publicada na imprensa local. Fonte: Hemeroteca Digital.



Capa da primeira edição da revista *Pallivm* em 1898. Fonte: Hemeroteca Digital.

“Mais antigo e mais importante estabelecimento de livros”, é como se referem à livraria na edição 13, de 1917. Em uma época em que os livros eram importados dos grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Europa, e a produção nacional era escassa, a rapidez para novidades constantes de novos títulos é um destaque. A tipografia recebeu medalha de ouro pelo periódico *A República* (1888–1930), em 1908, sendo referência no ramo.



Cartão-postal produzido pela Livraria Econômica, retratando o ateliê do artista Alfredo Andersen. Fonte: Museu Paraense/Secretaria de Estado da Cultura.

Entre os itens de papelaria, a loja produzia um cartão-postal com a imagem do ateliê do artista norueguês Alfredo Andersen (1860–1935), conhecido como “pai da pintura paranaense”, na Rua Marechal Deodoro. Após 1904, no mesmo momento que a energia elétrica chegou em alguns pontos da província, já era possível visitar as filiais da livraria em Paranaguá e Ponta Grossa. A possibilidade da luz elétrica contribuiu para os eventos noturnos e reuniões sociais. Um luxo para a época que somente algumas famílias abastadas conseguiam bancar.

O espaço da livraria era uma presença constante nos circuitos culturais na primeira metade do século XIX, principalmente para os eventos. O livro *Ilusão* (1911), do paranaense Emiliano Pernetá (1866–1921), foi impresso pela Livraria Econômica. O seu andar “ligeiramente dançante” foi herdado do pai, Francisco Davis Antunes, que atuava como mascate na década de 1870. Partindo de Pinhais, ele vendia os livros de cidade em cidade.

O audacioso e magnético prosador se tornou um dos principais escritores simbolistas, sendo coroado príncipe dos poetas paranaenses. Permaneceu em Curitiba até sua morte, a contragosto de Dalton Trevisan (1925–2024), que dizia que Emiliano tinha sido “engolido pela província”.

“Não crendo, pois, senão numa arte pessoal, ele criara o culto do seu eu, que tanto podia ter lugar no Rio de Janeiro como em outra qualquer cidade do Brasil. Botafogo, em verdade, é um bairro muito chique. A rua do Ouvidor é melhor que a rua XV. Valha-me Deus, porém! O vinho aqui não é de todo mal, as mulheres são lindas, e o governo não se lembrou ainda de mandar cortar-nos a cabeça...”, escreveu Emiliano Pernetá na crônica publicada no *Diário da Tarde*, em 1905, sobre sua escolha de ter permanecido em Curitiba.

O poeta lançou seu livro na mesma festa na qual recebeu o título de “príncipe dos poetas paranaenses”, em uma cerimônia no Passeio Público. A obra fez tanto sucesso que chegaram a ser vendidos 400 exemplares da primeira edição em apenas dois dias.

Ao lado dele estavam os intelectuais simbolistas Dario Vellozo, Nestor de Castro, Silveira Netto, Julio Pernetta, Jayme Ballão, Romário Martins, Ricardo Lemos e tantos outros.

A Livraria Econômica foi transferida para a sede da Livraria Impressora Paranaense, enquanto a loja foi para o número 53. No segundo andar, passou a funcionar a redação do periódico *Gazeta do Povo*.

A cidade de Curitiba cresceu no contexto da indústria da erva-mate. Desde 1820, a província já produzia e exportava o grão, abrigando uma elite ervateira. Com o crescimento das litografias e metalúrgicas, as produções literárias se beneficiaram dos avanços para a produção de rótulos das barricadas. Os processos litográficos ficaram tão avançados que puderam adicionar cores e desenhos nas matrizes litográficas.

A Typografia Paranaense, que imprimia documentos oficiais e rótulos, chegou a publicar o primeiro livro do Paraná, em 1863: a obra *Apontamentos sobre suspeições e recusações no Judiciário e no Administrativo* (1863), de Luís Francisco da Camara Leal, com 203 páginas. Já em 1888, a parceria com o ervateiro Barão do Serro Azul (1849–1894), como é conhecido, e Jesuíno Lopes, proprietário da Typografia Lopes e filho do fundador Cândido Lopes, resultou na criação da Impressora Paranaense, na Rua Riachuelo.



Primeiro livro impresso no Paraná, em 1863, pela Typographia Paranaense. Fonte: Newton Carneiro.

O clima de tensão da Revolução Federalista e a ocupação de Curitiba foi dissolvido pelo Barão do Serro Azul, como presidente da Associação Comercial do Paraná, que fez um “empréstimo de guerra” para os rebeldes. Considerado um ato de traição, foi morto próximo à Serra do Mar. Em *O preço da paz* (2003), dirigido por Paulo Morelli, é retratado esse episódio histórico e a dualidade do ervateiro como herói e traidor.

Após a sua morte, a Baronesa, em conjunto com a firma Correia & Cia, inaugurou a Livraria da Impressora Paranaense, na Rua XV de Novembro, para estimular a venda de livros. Na fachada da livraria, pode-se ler: “objetos de escritório, livros escolares e papelaria”.



Fachada da Livraria Impressora Paranaense, onde pode-se ler: “objetos de escritório, livros escolares e papelaria”. Fonte: Casa da Memória de Curitiba.



Interior da oficina tipográfica da Imprensa Paranaense em 1922. Fonte: Casa da Memória de Curitiba.

O curioso Léo Junior, nascido em 1875, trabalhou na sede da Imprensa Paranaense, atuando em paralelo como escritor e editor. Na crônica *Atrás da Serpente* (1944), o autor relata uma crítica literária que fizeram a respeito de um livro de Humberto de Campos, citando a obra *A Serpente de bronze* (1921) como um texto “vazio, oco e imoral”. A curiosidade foi tanta para descobrir se o livro era tudo isso mesmo que, após o expediente, passou pelas Livrarias Mundial e Econômica à procura do título, voltando à primeira loja para encomendar o seu exemplar. Às gargalhadas, constatou que o livro teria inúmeros apreciadores, encontrando leitores “mesmo entre as senhoritas de família” de tão bom.

A ascensão da Imprensa Paranaense foi representativa para o crescimento de literatos, a tipografia imprimiu livros de Lupion Quadros, Ada Macaggi, Octávio Sá Barreto, Raul Gomes, César Alpendre, Jayme Ballão Júnior, Alceu Chichorro e Alfredo Romário Martins.

A partir da inauguração da Universidade Federal do Paraná, em 1912, o movimento nos comércios literários ganhou novo fôlego. Estudantes buscavam por livros didáticos e encomendavam obras relacionadas às áreas de interesse. Dois anos depois, as mulheres já podiam frequentar a Biblioteca Pública do Paraná, um espaço cultural que, pouco a pouco, também foi sendo conquistado por elas.

A próxima parada é a Livraria Mundial (1913) instalada na Rua XV de Novembro, número 41. Fundada por L.Lobato, foi à falência no ano seguinte, sendo adquirida por Heitor Stockler

de França e Domingos Foggiatto. Foi somente depois de Annibal Requião (1929–2009) assumir a administração que a livraria ganhou prestígio no mercado livreiro. O empresário tinha forte atuação no ramo literário, sendo proprietário da Papelaria Requião e da Livraria Econômica. Com a atuação do atleticano, passou a ter destaque pela distribuição de livros durante três décadas, se tornando um ponto de encontro da elite intelectual da época, desde Emiliano Pernetá até Romário Martins.

O estabelecimento se tornou tão presente no cenário literário da cidade que o historiador paranaense Cláudio DeNipoti o comparou com o alcance da Livraria Garnier, no Rio de Janeiro.

Era impossível deixar de passar no Café Belas Artes, na Rua XV de Novembro, ou até mesmo na Confeitaria Esmeralda, ponto de encontro dos paranistas e venda de livros. Ali se reuniam João Turin, Zaco Paraná, Lange de Morretes, José Paulo Paes, Glauco Flores de Sá Brito, Armando Ribeiro Pinto, Samuel Guimarães da Costa, Léo Junior, entre outros. Além disso, se tornou emblemática a pedra de mármore branco, onde eram fixados os resumos das matérias diárias do jornal *Gazeta do Povo*, conhecida como “A pedra da Gazeta”, a qual era editada pela Empresa Gráfica Paranaense.

Sobre o mármore das mesas
do Café Belas-Artes
os problemas se resolviam
como em passe de mágica.

As convicções e a profunda conexão do escritor José Paulo Paes (1926–1998) sobre a Curitiba do século passado é uma passagem para um momento afetivo, em seu lírico poema *Balada do Belas-Artes*. Mas Curitiba nunca deixou de ser um personagem em sua escrita, cidade que foi seu lar por dezoito anos.

Um ambiente fomentador de ideias e pertencimento contribuiu para a criação da revista *Ilustração Paranaense* (1927–1930),

pelo jornalista e fotógrafo João Baptista Groff (1897–1970), com a contribuição de diversos escritores paranistas e simbolistas para assuntos de arte e atualidades.

Em *Uma árvore bem brasileira* (1944), o pintor e escritor Lange de Morretes (1892–1954) relata a efervescência cultural dessa época; a cidade estava em uma “intensa atividade artística”, contribuindo para a construção de uma identidade regional. A figura de Romário Martins, líder do Movimento Paranista, junto a outros defensores fundou a Sociedade de Amigos do Livro, buscando, além de tudo, um pertencimento. Ao longo do seu trabalho como jornalista, político e historiador, visou promover a cultura paranaense.

“No chão, cacos de mármore luziam: no ar pairava um pó tenuíssimo, de prata... Restos de uns sonhos que se iam... para não voltarem mais!...”, escreveu Romário Martins na *Pallivm*, edição número 4, de 1898. Nesse passaporte para a memória, os versos encontram, agora, um centro de não lugares e encontros improváveis. Em constante fascinação, seja pelo cheiro do café ou dos livros, a mágica começa assim que o leitor cruza a porta de uma livraria.



Na foto estão reunidos João Turin (ao centro) e dois amigos, em frente ao Café Belas Artes, no final da década de 1930. Fonte: Gazeta do Povo.



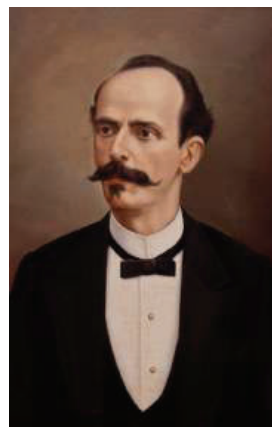
Vista da Rua XV de Novembro, em Curitiba, na década de 1930. Fonte: Secretaria de Estado da Cultura.



Em frente à Gazeta do Povo para ouvir a transmissão do jogo entre paranaenses e gaúchos, em 1943. Fonte: Gazeta do Povo.



Periódico Dezanove de Dezembro, publicado em 1.º de abril de 1854. Fonte: Hemeroteca Digital.



Luis Antonio da Silva Coelho, proprietário da primeira livraria de Curitiba, a Pêndula Meridional, localizada no largo Conselheiro Zacarias, em 1876. Fonte: Mariano de Lima/Museu Paraense.



Em 1903, a Livraria Econômica reunia diversos visitantes no Carnaval. Fonte: Tom Dias.



Rótulo de erva-mate impresso na Impressora Paranaense. Fonte: Casa da Memória de Curitiba.



Rua XV de Novembro. Fonte: Tom Dias.

CAPÍTULO 3

Geração
Ghignone

O QUE FAZ DE UMA LIVRARIA UM LUGAR MÁGICO para os leitores não são apenas as estantes repletas de livros, mas as figuras que habitam aquele espaço: os livreiros. Este, em sua essência, atua além da sua função de vendedor, sendo, acima de tudo, um agente cultural e mediador, responsável, em muitos casos, pelo encontro entre o leitor e as obras. A história literária de Curitiba foi profundamente marcada por esses agentes, entre os quais estão João e José Ghignone, Aramis Chain e Vinholes.

“A Livraria Ghignone era um dos estabelecimentos preferidos, centro do circuito percorrido a pé, iniciado perto do Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade, passando pelos Correios e pelo Café Alvorada, para chegar à Rua XV, onde havia a refinada loja de perfumes ‘Lá no Luhm’, em frente à nossa histórica Livraria Ghignone. Andávamos mais um pouco e, do mesmo lado, as confeitarias Schaffer e da Família marcavam os tempos áureos de meados do século passado”, relembra entusiasmada Leilah Bufrem.

Ainda viva na memória dos curitibanos, a Livraria Ghignone atuou na cidade por cerca de noventa anos. A pesquisadora e

escritora Leilah Santiago Bufrem, 83, a primeira diretora da Editora UFPR, mantém um carinho pela enciclopédia *Larousse Du XX Siècle*, adquirida pelo seu pai na década de 1950 por sugestão do livreiro João Ghignone, e que hoje é uma herança aos seus filhos, Leilah e Ernani Filho, junto às obras de arte e ensinamentos.

“Foi no final dos anos cinquenta, quando numa das nossas costumeiras visitas à Livraria Ghignone, o famoso livreiro nos apresentou a enciclopédia, *Larousse*, em francês. Dias depois chegou em nossa casa, devidamente empacotada e segue até hoje comigo, uma obra rara, pesada, bela em seu verde petróleo, marcada pelo tempo e carregada das motivações para sua abertura”, conta Leilah. Passar na Livraria Ghignone era um passatempo comum, tal qual ir à padaria, um compromisso passado de pai para filhos.

A história da Livraria Ghignone começa em 1921, ano em que o livreiro italiano João Ghignone (1889–1978) adquiriu a seção de livros da Livraria Mundial.

“Era vocação”, diz o neto, Fernando Ghignone, 75, ao se referir à profissão do pai. Durante todo o tempo de funcionamento foi administrada pelo avô, João Ghignone (1921–2014), e pelo pai, José Eugênio Ghignone (1921–2014), negócio de família até a morte do pai. “Ele resistiu até quando deu”, por questões de saúde teve que fechar o negócio.

A família Ghignone chegou ao litoral do Paraná, em Morretes, no início do século XX, onde João conheceu sua esposa, Itália Ghignone, ainda jovem. Posteriormente, se mudou para Curitiba a convite do cunhado.

O pesquisador e jornalista Hélio de Freitas Puglielli, 87, conta que seu avô materno, João Rodrigues de Freitas, era cunhado de João Ghignone. Foi a convite da família Freitas que ocorreu a mudança para Curitiba e, juntos, fundaram a Livraria e Tipografia Freitas, na Rua Riachuelo. Na sociedade, Ghignone era quem administrava o negócio, enquanto Freitas tinha um

perfil mais ligado ao jornalismo e livreiro. Eventualmente, a sociedade foi desfeita, e João Ghignone fundou sua própria livraria, “que se tornaria uma das mais famosas de Curitiba por décadas”, relembra o jornalista.

A loja de João Ghignone foi inaugurada na Rua 1.º de Março, atual Monsenhor Celso, região central. A rede chegou a ter treze lojas na cidade, com o fechamento da última delas em 2011. A mais lembrada até hoje é a loja da XV de Novembro, número 423.

O centro de distribuição em Curitiba trabalhava com mais de 1,3 mil editoras. Entre os títulos vendidos nas prateleiras, havia os da Editora Guaíra, como Coleção Estante Americana, composta por romances escritos por autores hispano-americanos e estadunidenses, e a Coleção Caderno Azul, de livros de pequeno porte, de vários gêneros literários, como pesquisas, ensaios e ficção. Além disso, a editora priorizava a valorização de autores locais, por meio da publicação da Editora Paratodos, com livros de autores paranaenses. O catálogo abrangia desde obras clássicas, nacionais, até revolucionárias.

Em seu mistério, Dalton Trevisan revisita uma Curitiba além dos pinheiros paranistas. No texto *Minha Cidade*, publicado na revista *Joaquim*³, narra “o céu não é azul”; é uma cidade que cresce nas ruas transversais, mas a Curitiba que ele vibra é a do horário errado do relógio da Praça Osório, a do Café Belas Artes, uma em que chover é inevitável, mas que é seu lar.

Procurar por Dalton Trevisan nos espaços literários de Curitiba hoje é caçar um fantasma. O escritor, que fez da cidade

3 Foi uma revista cultural fundada e liderada pelo escritor Dalton Trevisan, de 1946 a 1948, que se tornou um marco na renovação da cena artística paranaense. Seu principal objetivo era combater o Paranismo, abrindo a produção local para as discussões estéticas nacionais e universais do pós-guerra.

seu laboratório, hoje permanece nas livrarias apenas na lombada de seus livros.

Na metade do século XX, para encontrar Dalton bastava descer a Rua XV de Novembro e empurrar a porta da Livraria Ghignone. Foi nesse local que surgiu a insurreição que foi *Joaquim*, um marco para a renovação artística no Paraná. O seu editor, o ainda jovem Dalton, desejava ir contra o provincianismo da época. Na revista, inclusive, estavam sempre presentes anúncios de livrarias, como a Ghignone, Aurora e Universitária, locais em que eram vendidos exemplares.

As mesas, com a presença de Erasmo Pilotto (1910–1992) e outros colaboradores, serviam de redação improvisada. As decisões eram tomadas ali, os manifestos eram escritos ali, e a vanguarda modernista da cidade nascia entre as prateleiras daquela livraria. De um lado a Ghignone, com os Joaquinistas, e do outro lado, na Livraria Mundial, os Paranistas. Separados pelos ideais e fisicamente opostos.

A visão inovadora de Dalton não se limitava apenas às discussões locais, mas também abordava questões internacionais. Ele chegou a traduzir diversos autores clássicos nas páginas da *Joaquim*.

No entanto, com a publicação da 21.^a edição, encerrou o projeto e, em paralelo, nascia a lenda do escritor recluso, em dedicação única à sua obra. O editor deu lugar ao “vampiro”. A relação de Dalton Trevisan com as livrarias de Curitiba é a história de sua própria metamorfose. Mas, para encontrar o escritor, basta abrir um de seus livros, onde Curitiba continua sendo a sua Curitiba.

Outros intelectuais e escritores marcaram presença nas sedes da livraria, conhecidos como a Geração Ghignone, termo criado pelo jornalista Adherbal Fortes de Já para denominar os visitantes da livraria, como Jamil Snege, Paulo Leminski, João Osório Brzezinski, Valêncio Xavier, Cristovão Tezza, João

Marques, Esmeraldo Brasil Jr., o desenhista Marcelo Leite, entre outros.

Esses mesmos personagens realizavam eventos na livraria, além de lançamentos de livros de autores do Brasil todo, como Fernando Sabino, Ignácio de Loyola Brandão, Jamil Sene, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Vinicius de Moraes.

Era um momento político e artístico, pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e pré-Golpe de Estado (1964), que formou um grupo de intelectuais, escritores, atores e jornalistas. “Os iguais se atraíram”, diz Fernando Ghignone. “Eles transformaram a livraria em um ponto de encontro, algo que aconteceu naturalmente. Acabou se tornando um ponto de resistência também”.

A jornalista Adélia Lopes, 75, compartilhou memórias com o livreiro José Ghignone e contou sobre o primeiro emprego do poeta Paulo Leminski (1944-1989), quando ainda era jovem, como balconista da livraria, e no entanto virou “cliente”, já que passava horas lendo ao invés de atender os fregueses. Porém, quem deu o emprego foi o João Ghignone, “o maior livreiro que Curitiba já teve”, conta Adélia.

A filha do poeta, Estrela Leminski, 44, confirma a história. Ele trabalhou como vendedor após abandonar a faculdade, na loja da Dr. Muricy, porém, durou pouco tempo, já que ele ficava “lendo e ignorava os clientes”.

A relação de Paulo Leminski com a livraria não se limita apenas ao seu primeiro emprego, mas também ao lançamento do seu livro *Catatau*, feito no estabelecimento. A obra foi publicada pela Grafipar, em 19 de dezembro de 1975, simultaneamente em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. A tiragem foi de 2 mil exemplares, pagos pelo autor, e cartazes para a divulgação retratavam o escritor nu. Impulsionado pelo movimento de contracultura, pelas palavras de Leminski, “*Catatau* é síntese”. A produção levou nove anos de escrita, e o livro é considerado um romance experimental e um marco para a ficção brasileira.

João Ghignone é lembrado com muito carinho como um “senhor falante, simpático, envolvente”, na memória do jornalista Zeca Corrêa Leite, 77. A relação de confiança do livreiro com os clientes era inexplicável. “Estava sempre oferecendo alguma coisa para o freguês, desde que ele pagasse, é claro. Um amigo meu, adolescente na época, juntou um dinheirinho e produziu *Um lugar chamado eu*, foi avante porque a lábria do seu João era poderosa”, conta Zeca.

João também atuou na presidência da Federação Espírita do Paraná de 1932 até 1978. Pela relação próxima de João com o escritor Monteiro Lobato e o seu incentivo, fundou duas livrarias: uma em Salvador, em 1940, e outra no Rio de Janeiro, na mesma década, administradas por Pedro Ghignone, irmão de João.

Na década de 1970, em seus primeiros anos em Curitiba, a Livraria Ghignone tinha “uma coisa inexplicável que me fazia entrar lá, era um feitiço, um canto de sereia, algo assim”. “Sem um tostão, sempre que podia andava por ali. Era a que mais me atraía”, relembra Zeca.

Em 1978, João Ghignone faleceu aos 89 anos, e a livraria passou a ser administrada totalmente pelo filho, José Ghignone (1921–2014), conhecido como Dude. Herdou a mesma paixão do pai e marcou a trajetória do comércio local, em uma relação de confiança com os leitores, indicações e disseminação da leitura. A paixão pelos livros, que começou já na infância, acompanhando o pai em seus atendimentos, o acompanhou até seus últimos dias.

“Eu passei muitas horas da minha vida dentro de livrarias, muitas horas”, conta o escritor Paulo Vitola, 78. Foi por uma indicação do livreiro Dude que conheceu as obras de Campos de Carvalho. “Eu li o primeiro livro e daí li sua obra inteira, porque gostei muito.”

Conheceu tanto João quanto José Ghignone, já que era vizinho do livreiro. A rotina dele era habitual, João ia a pé para a livraria na Rua XV de Novembro. Quando mais velho, tinha

uma relação de amizade com José, de indicações e parceria. “O livreiro se torna, na verdade, uma espécie de um intermediário cultural, não é só um vendedor de produtos. Está entre a editora e o leitor, ele não tá ali só para vender o livro, mas para atender bem aquele leitor, porque esse é o cliente dele, que vai voltar lá, vai comprar outro livro”, afirma Paulo.

Essa relação de confiança entre o livreiro e o leitor, de recomendar, conversar e ampliar o conhecimento do universo literário, é o diferencial das livrarias físicas, afirma Fernando Ghignone, 75, principalmente no negócio da família. Aos doze anos já ajudava na livraria; após a escola e nas férias, ele ficava atrás do balcão e auxiliava nos embrulhos.

Muitas de suas memórias estão na livraria, ao lado do pai, José Ghignone, na rotina da chegada de livros, organização e paixão em conversar sobre livros. Até hoje é um hábito visitar livrarias e passar horas folheando os exemplares do seu interesse. Com cerca de vinte anos passou a atuar na distribuição de revistas, um negócio paralelo aos livros.

A partir da década de 1934, o sistema de vendas pelo correio ganhou força, principalmente pela divulgação da *Revista Literária da Ghignone*. Havia pedidos de livros por todo o Brasil. O livreiro José Ghignone tinha como objetivo a promoção dos livros, tanto na questão de preço quanto da disseminação do conhecimento, conquistando mais clientes. As promoções eram comuns no comércio, e Fernando conta que em alguns momentos ele colocava os livros a um ou dois reais para que mais pessoas pudessem ter acesso ao livro.

A equipe de livreiros também era uma parte essencial do negócio; quando chegava uma história nova na livraria, ele se reunia com os funcionários para compartilhar o conhecimento sobre a obra. Entre o centro de distribuição e as livrarias, chegaram a comportar 113 colaboradores.

Fernando Velloso, 95, ainda na faculdade de Direito na Universidade Federal do Paraná, era cliente da Livraria Ghignone.

Conheceu o livreiro João, que lembra dele como uma pessoa reservada e quieta. Sua rotina era passar na livraria com seus colegas após as aulas. O artista modernista, com mais de noventa anos de história com a pintura, relembra as estantes, o piso de madeira e o café do local que gostava de frequentar com muita nostalgia.

A sede da livraria na Rua das Flores, administrada pelo José Ghignone, foi transferida para a Rua Comendador Araújo, número 543, em 2005, “uma livraria pura”, conta Fernando, que era o sonho do pai. Foi devido ao número de assaltos que o livreiro decidiu mudar de local.

Na Comendador, a filha, Tânia Ghignone, trabalhou no café a partir de 1981, ajudando o pai na recepção de pessoas. Era um ofício que ele fazia com gosto: “ele gostava de conversar com o cliente sobre livros”, explica Fernando. Após 1988, Tânia passou para a gerência da loja da Praça Osório — atualmente onde fica o Restaurante Yu. A filha destaca a presença feminina na livraria, mais do que em outras capitais do Brasil.

“Ele resistiu até o último momento”. A última loja fechou em 2011, apenas três anos antes da morte de José Ghignone. Após uma queda, sua saúde começou a ficar mais debilitada. Primeiro, passou a andar com dificuldade; depois, precisou da bengala e, mais tarde, já mal conseguia se apoiar nela, o que o impedia de caminhar livremente pela livraria. O filho, Fernando, conta que ele se sentia mal em depender de bengala ou muletas.

Quando decidiu parar de vez, Tânia e o marido passaram a acompanhá-lo no dia a dia. Ele foi morar com ela e, sem poder se locomover, encerrou a vida no cenário livreiro, mas nunca deixou de ler. Até os últimos dias, manteve o hábito de estar sempre com um livro nas mãos.

“Ele era um grande contador de história. Então, ele viveu muito esse momento cultural brasileiro, desde o início que ele começou na atividade até os últimos dias dele. E ali [nas conversas com o pai] era minha escola de aprendizado semanal”, diz Fernando.



Na foto estão Hostilio (de branco), tio-avô de Hélio Puglielli, e João Ghignone, na Livraria e Tipografia Freitas. Fonte: Hélio Puglielli.



À esquerda está a Livraria Ghignone na década de 1950. Fonte: Tom Dias.



Livraria Ghignone na Rua XV de Novembro em fevereiro de 1951. Fonte: Tom Dias.



Foto de João Ghignone, fundador da Livraria Ghignone. Fonte: Arquivo Curitiba Histórica.



Registro da Livraria Ghignone na Revista Ilustração Brasileira de 1929. Fonte: Revista Ilustração Brasileira.



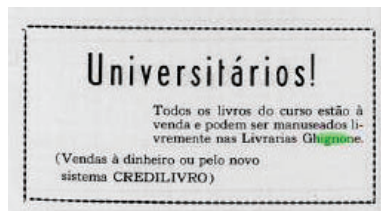
Funcionários da Livraria Ghignone, na sede da Rua XV de Novembro, em 1971. Fonte: José Carlos Zeni.



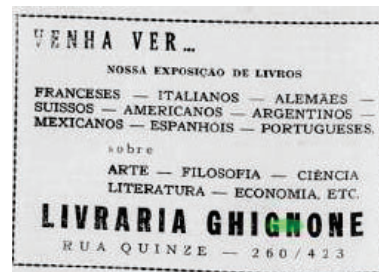
Fachada da Livrarias Ghignone enfeitada para o Natal, em dezembro de 1994. Fonte: Tom Dias.



Sede da Livraria Ghignone na Comendador Araújo, uma das últimas lojas. Fonte: Mural do Paraná.



Anúncio da Livraria Ghignone na revista *Joaquim*, edição 46. Fonte: Hemeroteca Digital.



Anúncio da Livraria Ghignone na revista *Joaquim*, edição 47. Fonte: Hemeroteca Digital.

Um livreiro à moda antiga

O termo “vendedor de livros” surgiu em Portugal em 1499, atribuído a Martim Vaz, com o sentido de designar aquele que dá vida ao livro. De acordo com o *Dicionário do Livro* (2008), de

Maria Isabel Faria e Maria da Graça Perdicão, a definição de livreiro é: “antes do aparecimento da imprensa, livreiro é o artífice que ‘faz livro’ juntando e costurando as folhas que vêm do copista e protegendo-as com uma capa; quando a imprensa faculta a existência de muitos exemplares, o livreiro passa ser aquele que vende livros a varejo, encadernados por si e que lhe são fornecidos pelo impressor ou pelo mercador • impressor • proprietário de uma livraria • comerciante cuja profissão é a de vender livros ao público”.

José e João Ghignone, Aramis Chain e Aristides Vinholes fazem parte da profissão do livro e marcam a trajetória livreira de Curitiba. Enquanto a Livraria Ghignone encerrou as atividades na primeira década dos anos 2000, Vinholes teve uma trajetória breve e o Chain permanece com as portas abertas aos leitores, sempre com um chá ou café disponíveis para conversa.

“Acredito no livreiro como acredito no professor, como acredito no médico, simplesmente pelo fato de que existem. O livreiro, assim pensado, não é fruto do idealismo, mas existe pela sua ação concreta e vai sempre se revelar”, afirma Leilah. Como estudante, professora e pesquisadora, é uma intensa frequentadora de livrarias ao longo da sua trajetória, desde a Ghignone, a Livraria do Chain, a Livrarias Curitiba a Livraria Vertov, até a Telaranha.

Formado em História, Aramis Chain, 82, entrou para o negócio do livro devido ao gosto pelo livro adquirido quando estava na pós-graduação. “Eu, quando professor, fazia assim com os alunos: contava metade da história e dizia que na aula seguinte terminava”, conta Chain. Com o incentivo dos professores, abriu seu primeiro espaço, procurando observar seus leitores, seu comportamento e gostos pela leitura, ainda mais estando ao lado da Universidade Federal do Paraná, *campus* da Reitoria.

O comércio foi considerado o melhor do país no ramo de livros em uma enquete realizada pela *Folha de S.Paulo* em 1993. Na mesma década, período de intensa produção cultural, muitos livreiros de destaque trabalhavam juntos na Livraria

do Chain: Messias Gonzaga, Gil Cardoso, Eleoterio Burrego e Marcos Kamarowski.

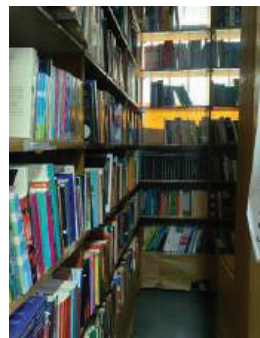
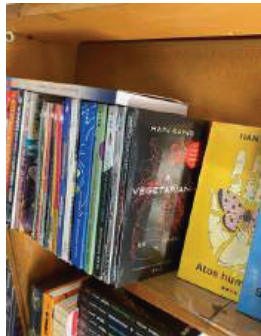
Sendo o único pilar de uma livraria, o livreiro Aramis Chain é encarregado de conversar e dar atenção aos visitantes. A relação de confiança e contato constante faz com que os clientes se sintam parte da vida da livraria. Ele atende a terceira geração de clientes, que frequentam o espaço não só para comprar, mas para tomar um café e conversar. A filha, Amanda Chain, 37, também trabalha com os negócios e atua como livreira.

Sob o ponto de vista das livrarias, Chain é desesperançoso: “eu diria que é um grupo profissional em extinção, porque o livreiro tem de ter conhecimento, ele tem de ler”. Apesar das oscilações do mercado editorial, ele mantém uma pequena esperança em relação aos livros brasileiros, com destaque para o livro do escritor baiano Itamar Vieira Junior, que chegou a vender mais de 400 exemplares de seu livro *Torto Arado* (2019) em um único dia, mesmo que o público seja bem menos do que há anos atrás.

Com três andares, a livraria fica em um prédio localizado logo em frente ao campus da UFPR. O espaço vai muito além dos livros técnicos voltados aos estudantes. No primeiro andar, estão o caixa e as prateleiras dedicadas a filosofia, comunicação, literatura e linguagens. No segundo, um ambiente acolhedor convida para o café e aos estudos, reunindo também os livros técnicos de medicina e uma seção especial inteiramente dedicada a dicionários de todos os tipos.

Ao longo dos anos, ele chegou a administrar onze filiais, mas hoje concentra seus esforços na loja matriz, onde trabalham os funcionários mais antigos e experientes.

Um dos seus clientes é o escritor Paulo Vitola, 78. Durante muitos anos, ele foi o “freguês de caderno”: comprava ao longo do mês e pagava todos os livros apenas ao final do período. “O Chain me chamava de sócio”, brinca, devido à frequência dele no local.



Sede da Livraria do Chain, ao lado do *campus* da Reitoria da UFPR, no ano de 2025. Fonte: Nayara Almeida.

Antes do Chain, o livreiro Aristides Vinholes, da livraria O Globo, nas proximidades do Clube Curitibano, era um vendedor à moda antiga, um comunista de carteirinha, leitor voraz dos livros em sua loja.

Marcello José Vinholes Romeiro, 59, neto de Aristides de Oliveira Vinholes, destaca a trajetória do avô como militar, intelectual autodidata e figura central no cenário cultural de Curitiba. Vinholes falava fluentemente quatro idiomas e era um leitor assíduo de diversas leituras simultâneas.

O artista visual não consegue destacar apenas um momento marcante com o avô, mas se recorda das constantes e intensas discussões sobre arte, filosofia e literatura que eles mantinham, especialmente durante os últimos sete anos de vida do avô, quando ele estava acamado. Esses momentos foram especiais pois, durante a vida toda, ele foi incentivado a ler e a questionar, a mostrar seu ponto de vista ao outro.

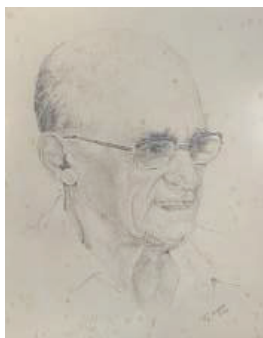
Um dos funcionários que passaram pela livraria é o livreiro Valentim Pedri, que mais tarde fundou a Livrarias Curitiba. A livraria foi um local de formação para muitos intelectuais. Vinholes tinha o hábito de emprestar livros para artistas e estudantes que não podiam pagar. Marcello relata como seu avô “descobriu” o pintor paranaense Ricardo Krieger (1949–1991), que vendia suas obras no chão da feirinha do Largo da Ordem, e o apresentou ao galerista Luiz Fernando Sade, da Galeria Acaiaca.

Dessa generosidade e falta de gestão empresarial, decorreu a falência do negócio. No entanto, o amor de Vinholes pelos livros e pela cultura permaneceu intacto. Vinholes teve atuação relevante no Partido Comunista no Paraná. Seu legado é homenageado na sede do Farol do Saber, no bairro Xaxim, com inauguração em 19 de dezembro de 1997, lembrando o “livreiro, intelectual e apaixonado por livros”.

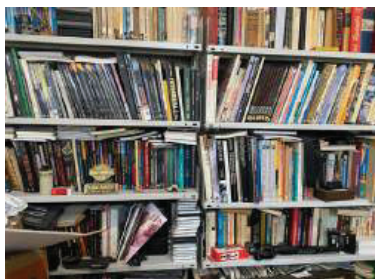
“Uma loja parece-nos uma verdadeira câmara mágica: nesse instante em que o transeunte cruza a soleira da porta que todo

mundo pode abrir, em que ele penetra nesse lugar impessoal, assim parece, nada desnatura o ar de seu rosto, o tom de suas palavras; ele realiza com um sentimento de inteira liberdade um ato que julga sem consequências imprevistas”, descreve a livreira francesa Adrienne Monnier (1892–1955), fundadora da livraria La Maison des Amis des Livres — em tradução livre, “A Casa dos Amigos dos Livros” —, que funcionou entre 1915 e 1951 na Rua Odéon, em Paris.

O “ato imprevisto”, nas palavras da livreira, é como define o escritor Paulo Vitola: “o mundo cabe numa livraria. O mundo inteiro tá ali”. A relação visceral dele com os livros reacende ao conhecer um novo espaço, e, por conseguinte, novos livros. É uma experiência de sentido que fica na memória dos leitores.



Retrato do livreiro Aristides Vinholes pelo neto, Marcello José Vinholes Romeiro. Fonte: Nayara Almeida.



Ateliê de Marcello José Vinholes Romeiro em 2025. Fonte: Nayara Almeida.

CAPÍTULO 4

De mulheres
para mulheres

DUAS MULHERES, DUAS ÉPOCAS. A Livraria Lilith, criada em 1991 pela jornalista Bebeti do Amaral Gurgel, foi a primeira livraria feminista do Brasil. Já a Vertov, inaugurada em 2010, nasceu do sonho da livreira Socorro Araújo. Separadas pelo tempo, Lilith e Vervot compartilham o mesmo desejo: oferecer às mulheres um território seguro para que possam se reconhecer nas histórias e potencializar suas vozes que foram silenciadas, mesmo com ideias diferentes, sendo uma feminista e a outra comunista.

Lilith, da mitologia judaica, se refere ao demônio da luxúria, sedução, liberdade e morte. Considerada a primeira mulher de Adão, na Bíblia, entende-se que ela estaria em pé de igualdade em relação ao homem. A Rainha do Céu, de acordo com a mitologia sumeriana, Lilith representa um espaço seguro para as mulheres em busca de liberdade. Inspirada na livraria feminista de mesmo nome na Alemanha, a livreira e jornalista Bebeti do Amaral Gurgel, 71, abriu a primeira livraria feminista do Brasil em 1991. O que surgiu de uma paixão de família e da sua determinação, já que a literatura sempre fez parte de sua vida, se tornou uma missão de vida: vender livros escritos por mulheres para mulheres.

O arquétipo de Lilith, que contesta sua inferioridade, parte ao exílio no Mar Vermelho e retorna para o Jardim do Éden, como demônio, na forma de uma serpente, então, responsável pela tentação de Eva. As lendas mesopotâmicas se referem a Lilith como o Diabo, responsável pela morte de bebês e demônios noturnos. A partir da segunda onda do feminismo, Lilith se tornou um símbolo da luta feminista, por ir contra à submissão.



Pintura *Lady Lilith* (1866–1870) de Dante Gabriel Rossetti, atualmente exposta no Museu Delaware Art, nos Estados Unidos. Fonte: Coleção Museu Delaware Art.

Partindo da necessidade e de interesse pessoal, após morar doze anos em Amsterdã, na Holanda, Bebeti decidiu abrir a sua própria livraria feminista. Com a experiência de trabalho em uma delas em Amsterdã, começou o processo de abertura em uma época que todos se assustavam com a palavra “feminista”. A livraria foi construída apenas por mãos femininas. “Foi toda feita por mulheres, desde o logotipo, pintura, marcenaria, até o chão”, conta Bebeti. Até mesmo no dia da inauguração as funcionárias eram mulheres e a polícia para segurança também.

Em uma esquina modesta de Curitiba, na Rua Visconde do Rio Branco, número 835, diversas histórias estão concentradas no segundo andar. A partir da porta escondida, subindo os dois lances de escada, inicia um encontro com mulheres revolucionárias de guerras. O ranger do piso de madeira é um aviso do que o leitor irá encontrar depois desses degraus: uma loja

de livros. “Sejam bem-vindos e bem-vindas à Livraria Vertov, nosso lugar de encontro”, escrevem Carmem Cardoso Bueno de Camargo, Erich Tomás Eduard Valera Milward Meiners e Maíra Fernandes Costa, funcionários da livraria, na obra *Contra Amazon e Outros Ensaios Sobre a Humanidade dos Livros* (2020), de Jorge Carrion, a convite do próprio autor.

Socorro Araújo, 66, uma das sócias da livraria e fotógrafa aposentada com um olhar sensível para a história e militante do movimento de mulheres desde a adolescência, explica que as referências dos painéis da entrada guiam o visitante por todo o trajeto até o segundo andar. “Eles estão aí desde a abertura. Eu que fiz a curadoria. Para mostrar quem foram as mulheres nos períodos de entre guerras e revoluções. Elas se inseriram tanto no *front* quanto mantiveram a economia do mundo pulsando”. Alguns painéis carregam a temática do período da Revolução Russa (1917–1923). “Além do que, eu procurei imagens de fotografias mulheres. As mulheres no olhar das mulheres”, complementa Socorro.

Desde o início, Socorro e os sócios sabiam que seria uma livraria comunista, da curadoria até os negócios. Atualmente, é composta por mais três sócios: Erich Meiners, Thiago Araújo e Domingos Leite Filho.

O nome, Vertov, tem referência ao cineasta Dziga Viértov, um pseudônimo de David Kaufman, contemplando os ideais da livraria. O sócio Thiago trouxe a referência e consideraram a proposta, por ser “um nome que traria uma ideia progressista, mas também traria uma vertente das artes”, afirma Erich, 33, em homenagem ao cineasta.

No início, mantinham somente o comércio *on-line*, utilizando a plataforma da Estante Virtual. A partir de 2012, possuem o perfil e a livraria física. Com cerca de 10 mil títulos no acervo *on-line*, 93% dos compradores o recomendam.

“Meu objetivo era que as mulheres se sentissem à vontade lá”, conta a livreira Bebeti. A experiência feminina era o foco

da Lilith. “Não eram só livros escritos por mulheres, são livros escritos por mulheres com temas que interessam às mulheres”, como gravidez, menstruação, feminismo, mulheres pretas, diversidade de gênero e biografia. O que hoje é facilitado pelo uso das tecnologias, uma vez que as dúvidas são resolvidas com uma simples pesquisa no Google, na década de 1990 era responsabilidade principalmente dos livros. Bebeti conta que cerca de 80% dos visitantes eram mulheres, e que a presença de turistas estrangeiros era de homens.

“Se você tem 14/15 anos e chega numa livraria para pedir um livro sobre menstruação para um livreiro homem, assim, não é tão confortável”. Os gêneros vendidos se dividiam em três categorias: novos, usados e raros. A última ficava em uma prateleira fechada para evitar roubo.

Enquanto Socorro se descobria no Movimento das Mulheres, a partir da sua adolescência, a questão de gênero fez parte de sua vida. Desses ideais e do conjunto de interesses e lutas entre os sócios, surgiu a Livraria Vertov, local para todos os autores progressistas, focados na questão de gênero e étnico-racial.

Um dos projetos da livraria é “fazer o papel cultural como as antigas livrarias, não só daqui de Curitiba, mas do Brasil. Em contraponto ao período militar, ao período de autoritarismo e sem espaço aberto à organização social, como essa”, diz Erich. “O papel da livraria é de fomentar, não só vender o livro, mas trazer o público para se expandir culturalmente em outros aspectos, desde o cinema, debates políticos, a oficinas de artes, de *yoga*, então é importante a livraria não só ser um espaço comercial”.

A partir da inserção da Amazon no cenário editorial, as vendas *on-line* cresceram e correspondem a 10% das vendas no mercado editorial. Em relação a vendas, cerca de 37,3% dos exemplares são vendidos *on-line* e em *marketplaces*, de acordo com a pesquisa Produção e Vendas, realizada pela Nielsen BookData, com base nas vendas do ano de 2024. No entanto, a experiência de uma livraria física é completamente diferente de clicar em um

site. O espaço físico continua a fascinar os leitores, apresentando alguns diferenciais, como “o prazer de entrar, folhear um livro, conhecer algo fora do que tá naquela prateleira *on-line*”, comenta Erich. “O livro de papel é insubstituível”.

O espaço repleto de livros, com curadoria dos gêneros e autores, é uma experiência de imersão. Cada prateleira é uma temática que a Vertov defende, com uma bibliodiversidade abrangente e existente. A parte reservada para livros de autores asiáticos, leitura indígena e sobre a Palestina é ponto de destaque nos últimos anos. Além disso, o mercado editorial reflete mudanças na procura de livros, como a autora americana feminista bell hooks, que contempla uma prateleira somente para seus livros, o que antes era um cenário bem diferente. A procura pelos títulos não é somente do público curitibano; é comum que os turistas encontrem o espaço, com visitantes de Ponta Grossa e Santa Catarina.

Na inauguração da Livraria Lilith, a recepção do público surpreendeu Bebeti Gurgel; chegou a sair uma matéria sobre a livraria na *Folha de S.Paulo*, no *Estadão*, na *Veja*, na *Manchete*, na *Gazeta do Povo*, na *Tribuna* e outros, além de centenas de sites nacionais e internacionais relevantes. Além disso, algumas universidades estadunidenses enviaram telegramas para a livreira.

“Bem-vinda ao mundo dos negócios”, disse o livreiro Chain para Bebeti. Um dia antes da inauguração, a Livraria Ghignone, que ficava em frente à Lilith, colocou todos os livros escritos por mulheres com 50% de desconto. O que antes não era uma necessidade de inclusão para João Ghignone se tornou uma oportunidade de negócio a partir do nascimento da Lilith.

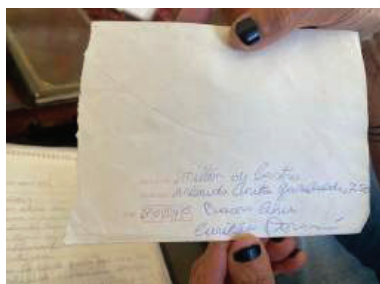
Bebeti contou com o apoio da jornalista Lúcia Camargo, figura influente na cena cultural e presidente da Fundação Cultural de Curitiba na época. Lúcia cedeu um espaço na Galeria Schaffer e, durante os três primeiros meses de existência, isentou a taxa de condomínio, auxiliando diretamente na permanência da livraria. O investimento para a inauguração,

em 1991, foi de 7,6 milhões de cruzeiros, de acordo com a matéria publicada no *Estadão* em 1993.

“O meu papel era ser livreira. Uma livreira feminista”, lembra Bebeti. Ao conversar com os leitores, muitos pediam indicações de presentes, em uma relação de confiança com os clientes. A procura por livros com a temática LGBTQIAPN+, na época GLS, era imensa, porém envolta da vergonha e do medo de serem vistos com um livro do gênero. Por isso, Bebeti embrulhava os livros duas vezes, com papel fosco, para que os clientes pudessem sair da livraria tranquilamente com seus segredos.

Entre os clientes do público masculino, estava o escritor Dalton Trevisan, que em todas as idas à livraria mantinha o mistério e a presença silenciosa. Bebeti conta que avisava as funcionárias para não o interromperem. “Ele pagava em dinheiro, nunca em cheque ou cartão, para que não víssemos o nome dele”. Bebeti mantém a lembrança de que o escritor comprava os livros da brasileira Lygia Fagundes Telles.

Além disso, a venda de livros por correio era um dos principais negócios na Lilith, com envio para todas as cidades do Brasil. Recebia muitas cartas de todo o país e também cartas da prisão; uma em específico é o pedido de Milton da Costa, em 1992, do Presídio do Ahú, solicitando um livro de Simone de Beauvoir.



Carta enviada para a Livraria Lilith do presídio do Ahú. Fonte: Nayara Almeida.

Lançamentos de livros, palestras e clubes do livro são comuns tanto na Lilith quanto na Vertov. Bebeti do Amaral Gurgel, 71, pagava a locomoção e estadia de mulheres feministas para os eventos, e muitas vezes elas se hospedavam na casa dela, pois era essencial a sua presença, como Danda Prado, Rose Marie Muraro, entre outras.

Na Vertov, a realização de eventos segue a agenda da loja, sejam eles literários ou políticos. “O que a gente tem entendido é que a importância da livraria é justamente essa: contribuir para que a cidade permaneça viva”, conta Erich.

Durante os onze anos de funcionamento, a Lilith manteve seu legado com as mulheres, permanecendo a única livraria feminista até hoje. O fechamento devido à falta de lucro da livraria acarretou no encerramento do negócio. No entanto, Bebeti diz que cumpriu sua missão: “Quando veio a quarta onda do feminismo, eu achei que já era hora de encerrar”.

“Acho que eu coloquei a palavra feminista no vocabulário, porque aqui [Curitiba] ninguém usava essa palavra e era confundida com sapatão, com gay, que até hoje confundem. Comecei a provar que as mulheres escrevem muito e muito bem e que as mulheres estão aí, para a gente ler. É importante sabermos como as mulheres pensam”. Ela conta que considera importante a volta de uma livraria feminista no cenário político atual. Até hoje pedem para a escritora e jornalista Bebeti reabrir a Lilith.

Ao longo dos quinze anos de funcionamento da Vertov, transitando pelas mudanças editoriais e mercadológicas, o livreiro estabelece uma relação de confiança com os leitores, em uma “via de mão dupla”, como explica Erich. É essencial que o leitor esteja em contato com o livro, por isso, na Vertov sempre vai haver um exemplar do livro aberto, para que o visitante possa folhear e ler a orelha, sinopse, a primeira página ou até mesmo a última.

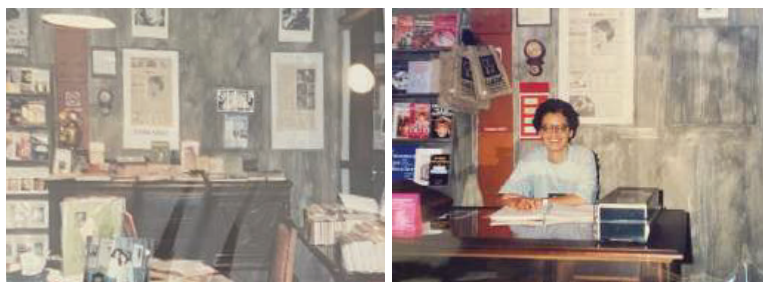
“A livraria que eu adoro, que eu me sinto em casa é a Vertov”, diz com alegria a professora e escritora Leilah Santiago Bufrem, 83. Uma das principais autoridades em mercado editorial no

Paraná, fundadora e a primeira editora da Editora UFPR, ela conta que está focada na leitura de livros russos, temática que a Vertov domina. Além de ter uma relação de afetividade com os funcionários, já que solicita livros com frequência, o espaço acolhedor faz da Vertov ocupante do posto de livraria favorita de Curitiba.

A pesquisa Retratos da Leitura (2024), pelo Instituto Pró Livro (IPL), indica que a taxa de leitores tem reduzido nos últimos anos, entretanto, o público feminino é predominante, cerca de 49% dos leitores. Olhar para esse público permite a existência e validação dessas leitoras em um mercado predominante masculino.

Outro exemplo é a roda de leitura promovida pela Itiban Comic Shop, no Rebouças, desde 2023. Os livros escolhidos são todos escritos por e discutidos entre mulheres. A iniciativa começou pela vontade da mestranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Melissa Medroni, e da jardineira Fernanda Ayres, para fortalecer a leitura como prática coletiva e política, valorizando narrativas femininas historicamente marginalizadas no mercado editorial.

A Lilith viveu em um cenário de crescimento para as mulheres e encerrou cedo demais, porém, a Vertov continua a resistir. “Não tem nada mais gostoso que você tá andando na rua, entrar numa livraria, tomar um café”, Bebeti sorri ao lembrar da sensação. O pertencimento de um lugar feito por mulheres e para mulheres ao mapa livreiro de Curitiba contempla um espaço de acolhimento e resistência.





Registros pessoais de Bebeti do Amaral Gurgel em entrevista à autora. Fonte: Nayara Almeida.



Fachada da Galeria Schaffer, sem data. Fonte: Tom Dias.



Sede da Vertov em Curitiba no ano de 2025. Fonte: Nayara Almeida.

CAPÍTULO 5

Um modelo
de negócio

A VISITA AO SHOPPING QUASE SEMPRE INCLUI uma parada na livraria, seja na Livrarias Curitiba ou na Livraria da Vila. Esses comércios instalados nos *shopping centers* seguem o modelo das *megastores*, onde os livros dividem espaço com produtos de papelaria, eletrônicos e objetos de presente. Uma linha tênue entre o incentivo à leitura e o consumo, e, ao mesmo tempo, representando o primeiro contato dos leitores com o universo das livrarias.

Com mais de seis décadas de trajetória, o grupo Livrarias Curitiba se consolidou como um dos maiores nomes do comércio literário no Sul do Brasil. Hoje, soma vinte e sete lojas distribuídas em quatorze cidades brasileiras. Somente em Curitiba, são cerca de sete espaços físicos e um centro de distribuição, o que faz a rede ser a livraria com maior presença na cidade. O modelo de negócio, sustentado pela expansão e permanência ao longo do tempo, desafia a máxima de que livrarias não são rentáveis.

A Livrarias Curitiba foi fundada em 1963 pelo casal Valentim Pedri e Myrian Pedri. Após a gravidez, Myrian, que trabalhava na

imobiliária Atlantic, pediu a rescisão e, juntos, abriram o negócio próprio após o marido revelar sua ideia: “temos um dinheiro guardado para fazer a casa, você não se incomoda de abrir uma livraria e depois fazemos a casa”, conta a proprietária Myrian, que aceitou a proposta. Valentim Pedri (1930–2014) já trabalhava como livreiro da O Globo, na sede do Clube Curitibano; ele tinha experiência no ramo e paixão pelos livros.

A primeira loja, na Rua Voluntários da Pátria, marcou a adolescência e juventude da pesquisadora, escritora e professora Leilah Santiago Bufrem, 83. Na sua memória, a livraria “ocupa um tempo espaço importante na minha memória de adolescência e universitária, desde quando, na década de 1960, mais precisamente em 1963, foi inaugurada”. Entre as memórias, ela conta que esse ambiente restrito se tornou uma das maiores redes nacionais, com catálogo diversificado e espaço cultural de eventos, conversas, debates e lançamentos de livros, e que hoje tem lojas espalhadas em diversas cidades brasileiras.

O filho, Marcos Pedri, diretor administrativo do grupo Livrarias Curitiba, lembra da sua infância entre os estoques de livros e principalmente da Kombi da família, essencial para o negócio. O veículo era utilizado para levar os livros de loja em loja e para viagens mais longas a Paranaguá e Ponta Grossa.

Em frente à livraria estava localizado o Instituto de Educação, e devido a esse fator ela era muito visitada pelos estudantes para comprar caneta e papel. Nesse momento, os itens não eram comercializados na loja, então o livreiro Valentim doava folhas e canetas a quem pedia. No entanto, a procura foi tanta que provocou a venda de itens de papelaria, que logo se tornou o carro-chefe dos negócios.

Enquanto o estoque estava no fundo da loja, ele se fez presente no crescimento dos filhos. “Eu brincava no meio dos livros infantis”, relembra a filha Rute Pedri, diretora de varejo. Ela conta que o pai sempre dizia a eles: o livro é uma criança. Por isso, o carinho e cuidado ao livro. Para a filha Elga Pedri, diretora de

atacado, a “livraria era meu dia a dia”; desde os sete anos, suas tardes após a escola eram na loja, e ela mantém o carinho pelos livros até hoje.

Os exemplares chegavam por meio das viagens que o livreiro Valentim fazia de Curitiba até São Paulo. Pelo menos uma vez na semana ele fazia o trajeto de Kombi, para manter os estoques abastecidos.

A primeira loja era muito frequentada também pelo artista modernista Fernando Velloso, 95. Com mais de 75 anos de carreira, pôde conhecer o livreiro Valentim e lembra dele com muito carinho como um homem muito apaixonado pelos livros.

Em 1965, inaugurou a primeira loja em Santa Catarina, na cidade de Florianópolis. Um dos objetivos do livreiro Valentim, que nasceu em Jaraguá do Sul, era levar os livros também para o estado. Como Livrarias Catarinense, recebeu maior aceitação do público.

O crescimento do negócio aconteceu de maneira rápida, com foco nos livros didáticos e papelaria. Na década de 1970, abriu outras lojas em Curitiba e Santa Catarina. “Já era necessário contratar funcionários fora da família para auxiliar na gestão das lojas”, de acordo com a assessoria da livraria.

A procura por itens de papelaria era tanta que se tornou a especialidade da livraria, conta Myrian. O período de volta às aulas era o de maior procura; muitas vezes os consumidores formavam longas filas. Com o objetivo de atender a todos, a família oferecia suco e água, conta a filha Janete Predi, que atua hoje no setor de Recursos Humanos.

Permaneceu como uma livraria de rua, esse modelo focado nos livros e papelaria, até uma nova tendência de mercado surgir no final do século. Em 1999, o grupo abriu a primeira livraria no modelo *megastore*, no Shopping Curitiba, e, desde então, todas as lojas iniciaram nesse modelo.

Diferente de uma livraria de rua, focada apenas na venda de livros, as *megastores* oferecem outros produtos além do universo literário. São livrarias físicas com tamanho médio de mil metros quadrados, a maioria localizada em *shoppings centers*, e proporcionam um grande acervo de livros. A rede de lojas Saraiva era a maior rede de livrarias do Brasil, com cerca de 99 lojas por todo o país, antes de decretar falência em 2023.

Nesse modelo, a figura do livreiro difere de um curador e agente cultural, com atenção na venda apenas, distanciando o contato entre o livreiro e o leitor. No caso do grupo curitibano, são oferecidos mais de 100 mil produtos, entre livros, brinquedos, papelaria, informática e eletrônicos.

A presença digital é essencial nesse modelo, principalmente para administração e divulgação de eventos e vendas.

A história do grupo curitibano foi marcada pelos eventos de lançamentos de livros, palestras e clube dos livros, com grandes autores e figuras públicas atraindo a atenção do público. Em suas redes sociais, declaram que os eventos já chegaram a receber entre 500 a mil pessoas. “A livraria, às vezes, é considerada um lugar muito quieto, e essas figuras públicas fizeram a empresa ter um lado alegre, festivo, interessante e divertido. Ajudou a transformar a livraria em um lugar que todo mundo adora estar”, comenta Marcos. A Hora do Conto, por exemplo, é um evento focado no público infantil. Todos os sábados, há mais de vinte anos, as crianças podem se reunir para a contação de histórias de maneira lúdica.

Em Curitiba, é possível visitar outra livraria no modelo *megastore*: a Livraria da Vila, no Pátio Batel e Park Shopping Barigui, podendo encontrar um espaço de café na livraria. Com o *slogan* “seu jeito de ler”, a rede de lojas paulistana, fundada em 1985, tem unidades em São Paulo, Guarulhos, Campinas, Jundiaí, São Caetano, Ribeirão Preto, Curitiba, Londrina, Brasília e Goiânia, além da presença no *e-commerce*. “Nós da

Vila, acreditamos nos livros, no bom atendimento, na interação com nossos clientes, na diversidade cultural e em um ambiente agradável e acolhedor como fatores de nosso sucesso”, deixam claro o foco e objetivo na página institucional da loja.

Mesmo o mercado editorial enfrentando contínuas mudanças, a Livrarias Curitiba manteve o negócio e conseguiu se expandir. Em 2019, o grupo transferiu a distribuidora para uma nova instalação no bairro Uberaba, com mais de 11 mil metros quadrados. Desse centro de distribuição, os produtos são enviados para todas as lojas e clientes do atacado e licitação em todo o Brasil.

Os números da pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a Associação Nacional de Livrarias (ANL) e o Sindicato Nacional dos Editores dos Livros (SNEL), apresentam as nuances dessas mudanças no mercado literário. Em 2015, a pesquisa aponta um encolhimento de 10,87%. A pandemia apresentou novos desafios e, com isso, há uma queda de 20,5% no período de 2020. Mais recentemente, os dados do ano de 2024 apontam uma recuperação de 14,5% na produção de títulos impressos.

Essa transformação, talvez irreversível, é o trânsito do balcão para o clique. A pandemia agiu como um catalisador: entre 2019 e 2020, enquanto as livrarias físicas declinaram 11,3% em sua participação de mercado, as lojas exclusivamente virtuais celebravam um salto de 12,1%. A migração, embora hoje mais lenta, não parou, e os números mais recentes mostram que o território físico continua a encolher, enquanto o digital avança; as lojas físicas reduziram 0,3% de participação e as virtuais cresceram 1,1%.

Embora esse modelo digital tenha ganhado força a partir de 2015, o setor editorial brasileiro continua tentando se recuperar devido às oscilações econômicas e às tensões nas relações comerciais. Nesse cenário, ocorreu um período de declínio marcado pelo fechamento de diversas lojas, como a Saraiva e a

Cultura. Paralelamente, o mercado assistiu ao crescimento da venda de livros digitais e à chegada da Amazon, que redefiniu a dinâmica do setor.

A varejista Amazon é uma empresa que já iniciou digital, fundada por Jeff Bezos nos Estados Unidos, em 1990, com objetivo de atuar apenas na *internet* e ser uma “loja de tudo”. Faz parte das principais Big Techs do mercado global, ao lado da Google, Apple, Microsoft e Meta, atuando fortemente no cenário digital.

Com uma proposta diferente de pagamento às editoras, em grande quantidade e pagamento adiantado, essas vantagens ofereciam melhores descontos aos consumidores. Além disso, o *marketplace* obtinha lucro por outros setores além dos livros, sendo apenas uma porta de entrada para o *site*. Em mais de 235 países, a competitividade da Amazon se tornou quase imbatível, principalmente pela política de preços e livros digitais.

Essas plataformas digitais, cada vez mais presentes no cotidiano, passaram a ditar novos ritmos de consumo e a redefinir as relações entre os diferentes agentes do setor. Ao coletar dados de navegação e mapear padrões de consumo, empresas como a Amazon desenvolveram mecanismos de recomendação altamente assertivos, capazes de sugerir ao leitor o próximo título antes mesmo de ele perceber o próprio desejo de compra.

A mesma pesquisa citada anteriormente, referente aos dados do ano de 2024, quantifica essa nova realidade: hoje, 55% dos consumidores preferem a praticidade e os preços das compras *on-line*. A livraria física segue como o destino preferido de 39% do público. É exatamente nessa dualidade, entre a afetividade com a materialidade dos exemplares e a eficiência do carrinho virtual, que modelos de negócio como o das *megastores* lutam pela relevância. Enquanto isso, a Livrarias Curitiba, como outras grandes redes do setor, mantém a loja física e *on-line*.

Talvez a alma do negócio das grandes *megastores* ainda seja o mesmo que impulsionou a primeira loja dos Pedri: incentivar

a leitura. Mas com destaque à experiência do leitor, que ele encontre tudo o que procura. Para uma nova geração de leitores, a megastore é menos sobre o negócio e mais sobre a descoberta, o primeiro e simbólico encontro com a infinidade de mundos que cabem dentro de uma livraria.



Livraria do Park Shopping Barigui, Curitiba, em 2025. Fonte: Nayara Almeida.



Folder institucional em comemoração aos sessenta anos da Livrarias Curitiba. Fonte: Marketing Livrarias Curitiba.



Fachada da livraria na década de 80. Fonte: Tom Dias.



Registro do casamento de Valentim Pedri e Myrian Pedri, fundadores da Livrarias Curitiba. Fonte: Marketing Livrarias Curitiba.



Registro da primeira sede da Livrarias Curitiba. Fonte: Marketing Livrarias Curitiba.



Anúncio da Livrarias Curitiba no *Jornal do Estado*, em 1987. Fonte: Hemeroteca Digital.



Anúncio da Livrarias Curitiba no jornal *Correio de Notícias* (PR/1980–1989), em 1987. Fonte: Hemeroteca Digital.



Livraria do Park Shopping Barigui, Curitiba, em 2025. Fonte: Nayara Almeida.

CAPÍTULO 6

A livraria
é viva

ENQUANTO ESPAÇOS CULTURAIS, as livrarias fazem parte de uma Curitiba em movimento. As livrarias de rua constroem o cenário da cidade e mantêm viva a comunidade literária; entre elas estão a Arte & Letra e a Telaranha, que abrangem livraria, cafeteria e selo editorial no mesmo espaço.

Antes de livraria, a Arte & Letra começou como editora, por meio de um sonho dos irmãos Tizzot, ainda na faculdade. A parceria une competências complementares dos irmãos: de um lado, o curador, livreiro e escritor; do outro, o designer gráfico e ilustrador. “A gente surgiu como editora, em um escritório pequeno, apenas eu e o meu irmão”, relata Frede Tizzot, 44, que junto ao seu irmão administra a editora-livraria-café.

O lançamento do livro *Três Cadernos de História, Ideias e Reflexões* (2002), de Brasil Pinheiro Machado, foi o pontapé para o início da editora. Frede, na época estudante de História, elaborou o projeto gráfico e a encadernação artesanal, com venda somente na faculdade e eventos acadêmicos.

Em 2006, passou a funcionar a livraria, no interior do Lucca Café, ainda uma versão tímida, com pequeno acervo, porém, já

na proposta de uma livraria e cafeteria. Alguns anos depois, passaram por outros dois endereços no centro de Curitiba, e desde 2019 estão na Rua Desembargador Motta, número 2011.

A decisão de abrir uma livraria foi motivada pelo desejo de criar um ponto de contato com o público. “A gente decidiu abrir uma livraria para ter um espaço físico, onde a gente pudesse atender as pessoas e fazer um contato mais próximo com os leitores e também com as pessoas do mundo literário”, conta Frede Tizzot. O espaço se tornou um “ponto de encontro das pessoas ligadas à literatura, arte e à cultura”.

Os irmãos cresceram no meio literário; filhos de uma professora de português e literatura, tiveram o contato com os livros ainda pequenos. Já somam mais de 21 anos de história no mercado editorial curitibano, com mais de 150 histórias publicadas, incluindo autores curitibanos e internacionais, e um acervo de 5 mil títulos.

Imagine tomar um café, ou chá, se preferir, em um ambiente aconchegante para leitura com diversos livros para conhecer, e poder até dar uma espiada na produção de um livro enquanto faz tudo isso. O sonho de todo leitor se encontra na Arte & Letra, um espaço que abraça o visitante.

O aspecto mais singular da Arte & Letra é, sem dúvida, seu processo de produção. Em um momento no qual o mercado editorial discutia o futuro digital, os irmãos decidiram, lá em 2004, “ir na contramão” e apostar no livro impresso. A ideia era criar livros que fossem objetos desejáveis, que encantassem tanto pelo conteúdo quanto pela forma física.

Com isso, nasceu o Laboratório Gráfico, uma solução para viabilizar a produção artesanal sem que aumentasse o preço final. “A ideia do laboratório é justamente a gente poder atuar em todo o ciclo do livro”, afirma o sócio-fundador, Frede.

Na janela que fica ao lado do café, é possível ver o trabalho de impressão, encadernação e separação das páginas de cada exemplar. Como uma cozinha show em um restaurante, porém,

é o livro que adquire apreço após cada etapa de produção, feito à mão.

A integração dos três segmentos, produção, livraria e café, é uma experiência completa. “A ideia do laboratório gráfico nos dá uma autonomia maior na produção dos livros e serve para que as pessoas vejam a gente fazendo e saibam o que é feito aqui”, relata Frede. O ciclo se inicia no escritório, com a concepção da obra, desce para o laboratório, onde o livro ganha corpo de forma visível ao público, e se conclui com o exemplar na estante da livraria, pronto para encontrar seu leitor.

O processo é meticuloso: a impressão é feita em risografia, uma tecnologia japonesa que confere às cores um aspecto mais vivo e artesanal, e toda a encadernação e separação de páginas é feita com costura manual. Cada livro leva cerca de vinte minutos para ser produzido após a impressão, isto é, na etapa de produção manual. É a materialização de um objeto artesanal, parte da narrativa que, para os sócios, publicar é “dar espaço ao que merece ser lido e tocado”.

A produção do livro, atualmente, é uma das questões que mais encarece o preço final para os consumidores. As editoras de grande porte podem oferecer outras soluções para a questão financeira, como as tiragens maiores e a escolha de materiais mais baratos. Em 2023, o preço médio do livro aumentou 7%, de acordo com a Câmara Brasileira do Livro e a Nielsen BookData. Assim, a Arte & Letra viabiliza o projeto artesanal e autêntico enquanto oferece o preço de um “livro comum”.

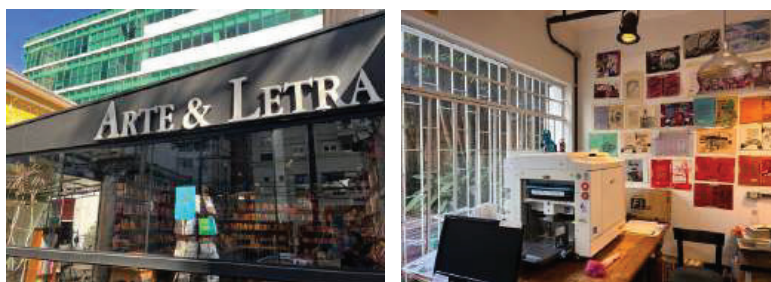
O livro mais vendido da editora não é de literatura, mas sim sobre cinema. *Story* (2017), de Robert McKee, é um guia sobre roteiro de cinema que se tornou referência em universidades. A publicação desse título, que aconteceu quase por acaso, foi um marco importante para a editora.

Atualmente, o catálogo é variado, equilibrando o trabalho com autores iniciantes e a publicação de traduções, com um foco especial em escritores latino-americanos. Já foram publicados

pelo selo os autores: Dalton Trevisan, Luci Collin, Paulo Leminski, entre outros. Com revistas literárias no catálogo, o primeiro projeto foi *Arte e Letra: Estórias*, de 2008 até 2015, com 26 edições, uma para cada letra do alfabeto. A mais recente é a revista *Julia*, com a intenção de criar uma plataforma de destaque para a literatura paranaense.

A livraria é palco de eventos, clube do livro e até festivais literários. A Feira Literária de Curitiba, a FliCu, já está na segunda edição e é “um dia inteiro de literatura, encontros e lançamentos”, como descrevem. A programação reúne editoras locais e palestras com escritores e agentes do meio literário. Essa segunda edição aconteceu em 2025, marcada pelo centenário do escritor Dalton Trevisan, com lançamentos temáticos por parte da editora. Thiago Tizzot, 45, sócio-fundador, conta os próximos passos do evento: a “ideia é seguir divulgando e chamando a atenção das pessoas para a produção local”, afirma Thiago.

“Temos muitos leitores que estão conosco há anos e muitos novos que sempre estão voltando. Ultimamente estamos recebendo muitos turistas, a sensação é que a livraria entrou no roteiro turístico da cidade”, conta Thiago. A editora pretende continuar investindo em seus três pilares: a publicação de escritores locais, as traduções e a realização de eventos, incluindo pelo menos um festival literário por ano.





Sede da Livraria Arte & Letra, em Curitiba, no ano de 2024. Fonte: Ana Luiza Halat.

Telaranha: Tramando livros

A três quilômetros de distância, na esquina da Rua Ébano Pereira e Saldanha Marinho, em uma casa laranja, está localizada a livraria-editora-café Telaranha, fundada por Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira, em 2024.

Os funcionários da editora e da livraria trabalham no mesmo ambiente, que foi planejado pelos fundadores para que o café esteja presente em todo o espaço. O leitor pode pegar um livro e lê-lo enquanto toma um café, ou até mesmo comer um *cupcake hokkaido*, doce japonês, de frente para a janela. “O café está em todo lugar e a livraria está em todo lugar”, conta o livreiro Raul K. Souza, 34, que trabalha há mais de um ano na loja.

Dois anos antes, os sócios fundaram o selo Telaranha Edições, com publicações de literatura, artes visuais e ciências humanas, considerando a materialidade fundamental para a sobrevivência do texto.

“Edições não consideram apenas as tendências do presente, mas também propõem um resgate da memória editorial e gráfica brasileira”, descreve o selo editorial no site. A primeira publicação foi nesse mesmo ano, uma obra póstuma da escritora Assionara Souza, intitulada *Instruções para morder a palavra pássaro*, mas a história da livreira Bárbara com a escritora começou um pouco antes.

Assionara Souza (1969–2018), além de escritora, foi a sua professora de literatura no terceiro ano do ensino médio. Durante os estágios ao longo da faculdade, o primeiro livro que Bárbara editou foram as poesias da escritora. Um mês antes de falecer, Assionara deixou o original de um livro para Bárbara editar postumamente.

Com o dinheiro da rescisão da editora de livros didáticos em que trabalhava, Bárbara Tanaka, 28, e seu sócio, Guilherme Conde Moura Pereira, 30, publicaram a obra e criaram a Telaranha. O plano de abrir uma livraria física surgiu em 2023, quando eles sentiram falta de um espaço em Curitiba que pudesse abrigar trabalhos de editoras e artistas independentes, com o espírito de feiras de livros independentes.

O selo editorial publica Fernanda Mara, Rollo de Resende, Julia Raiz, Leo Gaede, Rafaela Tavares Kawasaki, Loïc Demey, entre outros autores paranaenses e internacionais.

Em um período pós-pandemia em que muitas livrarias de rua tinham fechado, a livraria Telaranha nasce a partir do objetivo de ser um ponto cultural, oferecendo uma experiência que convida o visitante a “não só transitar, mas desacelerar, vir e ficar”, afirma Raul.

Em um acaso, movida pelo *hobby* de olhar imóveis nos sites de imobiliárias, encontrou o casarão histórico tombado. Ela já sabia que aquela era a casa da Telaranha. Os livros dispostos nas prateleiras e mesas estão sem o *shrink*, plástico que protege o livro, para que os leitores possam ter a liberdade e curiosidade de abrir e folheá-los.

“Telaranha papel que desses fios se tece dos fios das aranhas surpresas sorrelfas surpresas”, palavras de Haroldo de Campos. A palavra tem origem no espanhol, “telaraña”, significado de teia de aranha, com inspiração na literatura contemporânea brasileira, com os textos de *Mar Paraguayo*, de Wilson Bueno e *Galáxias*, de Haroldo de Campos. Assim, o nome dá vida a essa trama de livros e surpresas.

O foco é na curadoria dos livros, e a proposta é uma abordagem afetiva às categorias de livros. Abandonando a tradicional separação por gênero ou ordem alfabética de autor, a livraria propõe “percursos de leitura”, com base nas ideias do historiador alemão Aby Warburg (1866–1929).

A “entrelinha: para quem procura beleza nas coisas pequenas”, “abya yala: na língua indígena kuna, significa ‘terra viva’, sinônimo de América” ou “retratos: para mergulhar na memória de livros, pessoas e lugares” são algumas das disposições dos livros, que no primeiro momento podem causar estranhamento, mas pela curiosidade fazem o visitante se aproximar e descobrir novos livros por uma “atração de vizinhança” entre as obras.

Essa organização busca criar uma “aproximação afetiva” com o leitor, em um encontro do livro com o público. Atualmente, são cerca de 10 mil títulos em exposição, de mais de cem editoras.

Na contramão dos *best-sellers*, a curadoria busca o que é “esquisito editorialmente ou diferente”, afirma a fundadora, Bárbara Tanaka, no evento de comemoração de um ano da livraria. O interesse está em livros “fora da curva” e em editoras independentes que não são facilmente encontradas em outros locais, como o livro escrito em cartas ou o que precisa ser rasgado para ser lido.

No centro do espaço, a mesa denominada “teia” cria diálogo com o espaço físico, por meio de temas mensais pensados pela curadoria. Os temas são variados: o atual é “Tradução”, que valoriza o trabalho de tradutores de Curitiba; nos meses passados teve: “Terra”, que abordou a migração e a questão ambiental, e “Água”, que explorou desde a escassez global ao elemento divino.

A seção dedicada às infâncias é a maior da livraria. A curadoria também segue uma lógica de percurso, com três categorias que acompanham o desenvolvimento literário de uma pessoa: “Lagarto”, para quem ainda não sabe ler; “Casulo”, em processo de alfabetização; e “Borboleta”, para leitores autônomos.

O termo “pessoa” é usado propositalmente, pois o espaço acolhe qualquer um que inicie o processo de alfabetização, independentemente da idade.

A seleção contempla diversos títulos e temáticas, incluindo obras políticas como *O Capital para Crianças*, do selo Boitatá, e títulos que abordam luto, gênero, Alzheimer, crenças e diversas formações familiares.

Os livreiros estão dispostos para conversar e mediar, de acordo com o leitor, as obras dispostas na livraria e as novidades no mercado literário. Raul conta que os livreiros atuam em um “trânsito muito atento com os leitores”, um elo afetivo e humano que a venda *on-line* não pode oferecer, essencial na trama do livro.

O café é um trabalho em conjunto com a mãe de Bárbara, dona Regina, especialista em culinária japonesa artesanal e proprietária do restaurante Gyoza Queen.

Entre o café, editora e livraria integram dez colaboradores no total. A culinária que o visitante encontra no espaço é um lugar entre o café brasileiro que se aproxima com a culinária oriental. Os detalhes, as fichas de pedidos, quadros e elementos decorativos fazem parte da herança oriental da família.

O casamento dos livreiros Bárbara e Guilherme ocorreu também na livraria, no início de 2024, marcando mais uma vez a história do casal.

“Tem algo da dimensão do sonho, do desejo, do corpo e, sobretudo, da invenção”, diz Bárbara sobre o lançamento da livraria. Um espaço criado principalmente para “perder-se no meio dos livros”. Na ilha carnívora de Curitiba, abre portas para um espaço de encontros e uma cadeia de afetividade.



Sede da livreria Telaranha, em Curitiba, no ano de 2025. Fonte: Nayara Almeida.

CAPÍTULO 7

O livro circula

OS LEITORES ESTÃO POR TODA PARTE, e, por conseguinte, assim estão os negócios literários, desde vendedores ambulantes a sebos que mantêm os livros circulando e vivos. A bicicleta-sebo Livros Nômades circula pela cidade com livros nos espaços fixos, como a Joaquim, uma livraria de livros novos e usados que se destaca com iniciativas fora do comum.

De Chapecó para Curitiba, a tradutora Emanuela Siqueira, 39, passa seu tempo fuçando nos livros usados. “Lembro que uma das primeiras livrarias que conheci foi a Só Ler, que vendia revistas e livros”. Na cidade que nasceu, no interior de Santa Catarina, não encontrava livrarias, e considera uma “magia” a possibilidade de passar os sábados nos sebos e livrarias da capital paranaense.

Sua relação com a cidade foi inicialmente focada nas livrarias de usados. Como também trabalhou no ramo, por essas experiências prefere o termo “livraria de novos e usados”, ao invés de sebo. Por mais popular que o extremo seja, não abrange a magnitude dos livros.

O cenário nacional de comércios literários, mapeado pelo 5.º Anuário Nacional de Livrarias, realizado pela Associação

Nacional de Livrarias (ANL), em 2023, observa uma queda de 1,8% de livrarias em relação ao último anuário, de 2013, totalizando 2.972 comércios. Além da redução desses espaços, percebe-se cada vez menos leitores. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2024, aponta uma perda de quase 7 milhões de leitores no país nos últimos quatro anos.

Apenas no Paraná são 161 livrarias, e, destas, 55 ficam em Curitiba. Os dados são catalogados a partir das livrarias que são associadas à ANL, no entanto, esses números não englobam as vendas que estão fora do espaço físico e que não estão catalogadas na organização.

A presença de sebos em Curitiba é imprescindível para manter circulando os exemplares. Alguns exemplos são: Fígaro Livros Usados, Arcádia, Sebo Líder, Sebo Kapricho, Sebo Só Ler, Túnel do Tempo Livros Usados, entre outros.

Além do espaço físico, a bicicleta Livros Nômades circula a cidade com o sebo sob rodas. Há mais de três anos, o catarinense Richel D'Aguiar, 38, e a esposa, Daniele Nazário, 35, pedalam com cerca de cem livros distribuídos em duas caixas na bicicleta. Ele chegou a trabalhar em um sebo “tradicional” e, com a experiência, abriu seu próprio negócio. Os primeiros meses foram apenas ele e uma mochila com as obras, mas a abordagem não era receptiva, então desenvolveu o seu modelo atual.

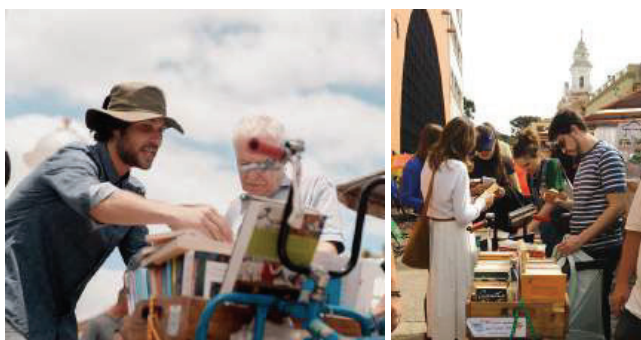
Logo após a segunda dose da vacina, o casal se mudou da cidade natal, Joinville, Santa Catarina, para Curitiba, no Paraná.

Ele e a esposa, Dani, rodam por parques, praças e feiras na região central da cidade. O que começou por sua paixão pelos livros e compartilhar esse gosto se tornou o sustento da família. A motivação na família está no “prazer no ato, gostamos de lidar com os livros, as pessoas que conhecemos através do nosso projeto, fizemos muitos amigos leitores, aprendemos muito com essa troca”, conta Daniele.

Além da bicicleta, eles administram o perfil @livros_nomades no Instagram, acumulando mais de 4 mil seguidores na plataforma, além de terem um perfil no *marketplace* da Estante Virtual. “Nós priorizamos a venda olho no olho, mas como temos muitos livros específicos, a estante virtual acaba fazendo essa ponte entre nós e clientes do Brasil todo”.

A legislação dos vendedores ambulantes não garante a circulação para a categoria de livros, porém, o casal persiste, motivado pelo seu sonho em tornar acessível a literatura, ainda com os desafios. Eles estão desamparados pela lei como vendedores; cerca de dois anos atrás, tiveram os livros apreendidos, retirados apenas mediante o pagamento de uma multa.

Caso encontre a bicicleta pelas ruas da capital paranaense, se permita conhecer um sebo ambulante. Se, por acaso, uma bicicleta carregada de livros cruzar seu caminho pelas ruas da capital paranaense, aceite o convite. De acordo com eles, “somos o menor e mais desorganizado sebo da cidade”, e continuam permitindo que o livro circule sob duas rodas.



Com um sebo ambulante sobre duas rodas, os Livros Nômades conectam leitores, cidades e afetos pela venda olho no olho. Fonte: Divulgação Livros Nômades.

Em paralelo, na Alfredo Bufren, na loja dos fundos do número 51, a Livraria Joaquim mantém a venda de livros novos e

usados, discos e CDs. Com dezoito anos de história, permanece resistindo às oscilações do mercado editorial, principalmente o preço do livro. O nome é uma homenagem a duas figuras importantes da literatura brasileira: o escritor curitibano Dalton Trevisan, que editou a revista *Joaquim* nos anos 1950, e também o primeiro nome de Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), escritor, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL).

A presença do romancista é tão marcante na loja que, logo na entrada, o visitante percebe o cartaz do conto *A Igreja do Diabo* (1884), que decora o ambiente e, por vezes, assusta os visitantes mais conservadores.

O historiador de formação Marcos Roberto Ramos Duarte, 57, estabeleceu uma afinidade com os livros na faculdade. Após uma década de trabalho nos sebos em São Paulo, decidiu criar seu próprio negócio em Curitiba: um espaço focado no público universitário das áreas de humanas, artes e música. Ele afirma que precisa manter a venda tanto de livros quanto de discos para sustentar a estrutura da loja. Atuando somente na loja física, as taxas de envio pelos Correios não compensam.

O público universitário é o mais comum na livraria, porém, o proprietário tenta outras alternativas para a sua permanência, como os *shows* de bandas locais de *pop* e *punk rock*, em uma espécie de *tiny desk*. A iniciativa aconteceu pela primeira vez em 2007, com um show da banda Maremotos. A iniciativa é uma forma de promover a loja e incentivar a cena cultural local.

Para a tradutora e pesquisadora Emanuela Siqueira, aquele espaço foi mais do que um emprego, fez parte de sua formação profissional. Ela chegou a trabalhar no local por mais de dez anos, mas seu vínculo com a loja já beira os quinze. Ali, não era apenas uma vendedora, também exercia a paixão pela música ao cuidar da curadoria dos discos e na seleção de livros. Havia uma liberdade que as grandes redes não permitiam. “A gente sempre teve muita liberdade de fazer a coisa movimentar dentro da

loja”, recorda Emanuela. Essa autonomia permitia a realização de shows e eventos que misturavam as artes, transformando a livraria em um polo cultural vivo.

A filosofia de trabalho é o que Emanuela define como uma “iniciativa *punk*”. Um dos maiores aprendizados, segundo ela, foi a importância da coletividade, de dialogar e construir junto com outros livreiros e agentes da cena cultural. A Joaquim a ensinou a valorizar o acervo próprio e a curadoria cuidadosa de um catálogo que refletisse uma identidade além da lista de mais vendidos.

O cotidiano era imprevisível e ao mesmo tempo fascinante. Pelas portas da livraria, entravam as mais diversas “figuras e personagens do centro”, desde clientes vendendo produtos, pessoas em situação de rua, testemunhas de Jeová, ou até quem acusasse a loja de ser “marxista” por conta dos adesivos de esquerda. Em meio a tudo isso, ocorre a troca genuína com os leitores. “Indicar livros para as pessoas, falar: ‘Olha, essa tradução na época foi famosa’”, diz Emanuela.

Ao olhar para trás, Siqueira não tem dúvidas do impacto daquela livraria em sua trajetória. “Eu, com certeza, só sou a tradutora que eu sou hoje, fiz mestrado, doutorado, por causa dessa iniciativa *punk*, assim, que é o Joaquim”.

A loja se mantém apenas com a venda de livros, discos e CDs, com uma média de venda de setenta a cem livros por semana, considerada baixa pelo proprietário. “Eu deixo o público e se a pessoa dá abertura para conversar, a gente conversa. Agora eu não chego, ah olha isso aqui está em promoção”, conta Marcos. Ele se descreve como uma pessoa reservada, que não gosta de abordar os clientes, mas está disposto quando o cliente permite o diálogo.

O Sul do Brasil representa 53% dos leitores do Brasil e, desse total, o Paraná concentra 54% dos leitores dessa região, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2024. Nesse contexto, a sobrevivência de espaços como a Joaquim e a Livros Nômades ultrapassa o ponto de venda. A livraria resiste não

apenas como uma loja de livros, mas como um ponto de encontro, provando que, às vezes, para manter o livro circulando, é preciso fazer barulho.



Sede da livraria Joaquim no ano de 2025. Fonte: Nayara Almeida.

Não contem com
o fim do livro,
ou das livrarias...

ENQUANTO AS LIVRARIAS ABREM AS PORTAS para mais um dia de trabalho, há pessoas dormindo na Shakespeare and Company⁴, outras sonhando em ter o seu próprio negócio, e tantas lojas que seguem resistindo ao digital. E há também eu, escrevendo este livro sobre livrarias.

Para construir este livro-reportagem, mergulhei em lugares parados no tempo e memórias até então inimagináveis, entre as lojas que passam despercebidas pelas ruas da capital paranaense. Foram cerca de 21 entrevistados, visitas à Casa da Memória, ao Instituto Histórico Geográfico, a cafés, horas de pesquisa e conexão com a palavra.

Conheci leitores curiosos, livreiros apaixonados pelo ofício

4 O programa Tumbleweed da livraria Shakespeare & Company (Paris) oferece aos escritores a oportunidade de residir no edifício da livraria, em um estúdio com banheiro privativo, por até quatro semanas, em troca de apoio às atividades semanais da livraria. Os residentes se comprometem a conservar privacidade durante a estadia (sem divulgação nas redes sociais, visitas ou trabalho pago) e deixam uma autobiografia de uma página para os arquivos da livraria.

e até aqueles que já perderam a esperança. Entre o amor pelos livros e o desinteresse pelos espaços que abrigam, eu me deparei com uma história pouco documentada. Mesmo entre os pesquisadores, a bibliografia sobre o tema permanece escassa, limitada pela falta de documentos. Atualmente, Robert Darnton, Laurence Hallewell e Jorge Carrion são os principais pesquisadores das livrarias e que as mantêm vivas.

Ao desejar ir mais longe com esta obra, encontrei o mesmo desafio: o esquecimento. Ainda assim, por meio desses vestígios foi possível reconstruir uma parte da história feita de páginas e pessoas.

Mesmo depois dessas páginas, continuo acreditando na magia de uma livraria, seus livreiros e os leitores que cercam esses espaços literários e mantêm a cidade em movimento. E, por isso, *Não contem com o fim do livro* (2010), título da obra dos escritores Umberto Eco e Jean-Claude Carrière reúne com precisão nas palavras a existência de uma livraria.

Para alguns, seu fim parece inevitável, mas Eco e Carrière lembram que o digital coexiste com o impresso, e não o substitui. “O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher”. Assumo esse pensamento para as livrarias: espaços vivos e dinâmicos, imprescindíveis e insubstituíveis para seus leitores, ainda mais em uma cidade como Curitiba. Esta é mais uma obra entre as estantes de uma livraria.

Esta obra foi composta em Bely e FreightBig Pro
e impresso em papel pólen 80g pela gráfica
em Janeiro de 2026.